Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1974 — N. 18496 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

EM MOÇAMBIQUE

RECRUDESCE A VIOLÊNCIA

LOURENÇO MARQUES, 27 — (Do nosso correspondente) — Ontem à noite, subiu-se aqui mais um degrau na escalada da violência. Dois indivíduos brancos agrediram violentamente a esposa do dr. Sousa Leite, advogado nesta cidade presentemente ligado ao corpo jurídico que procede a investigações dos crimes cometidos pela P I D E /D G S e dirigente da Associação do Pessoal do Instituto de Crédito

Os agressores, cerca das 23 horas, bateram à porta do escritório daquele advogado, onde a esposa tem pernoitado ultimamente, e afirmando ter documentos muito importantes para entregar ao dr. Sousa Leite, conseguiram que a porta fosse aberta. Depois, espancaram a senhora, tendo-a avisado ao sair: «Diz ao teu marido que comece a ter juízo».

Esta agressão segue-se ao festival de violência que ultimamente se tem registado quase diariamente em Lourenço Marques e há muito se temia. Depois das provocações na reunião de democratas na Universidade, na última sexta-feira, da granada-armadilha que explodiu no carro do dr. Pereira Leite, da agressão de que foi vítima em plena rua, Guilherme Pereira, jornalista do «Notícias», do telefonema a avisar aquele jornal de que tinha uma bomba, levando à pronta evacuação do edifício e à intervenção policial, chegamos agora à agressão da esposa de um advogado ligado às forças progressistas locais.

Isto sem falar dos acontecimentos na fronteira Ressano-Garcia, onde um conflito entre «magaiças» (trabalhadores moçambicanos das minas da Africa do Sul) e a oitava Companhia de Comandos originou 8 mortos e vários feridos. Sobre a presença daquela companhia nesta cidade têm sido feitas inúmeras queixas, dado o comportamento de alguns dos seus elementos não ser de modo a contribuir para a manutenção da calma e da ordem. Tanto quanto sabemos, representantes do M.F.A. em Lourenço Marques já tomaram as medidas necessárias. Por outro lado, a libertação de cerca de 200 «pides» — entre os quais o director-geral e alguns inspectores — veio lançar de novo o receio entre a população branca progressista e muito especialmente entre a população negra. Ninguém consegue perceber que o director-geral daquela organização e alguns inspectores sejam considerados inocentes, quando há provas inumeráveis dos crimes cometidos dentro das instalações que lhes estavam confiadas por homens sob a sua directa ordem. Espera-se a todo o momento que surja a notícia de mais alguns «pi-

Continua na pag. 16

Tripulantes do arrastão «Águas Santas» falaram à reportagem do «Diário de Lisboa», ao chegarem ontem à noite a Aveiro. E tretanto, e terminada a greve, três bacalhoeiros partiram daquele porto para a sua faina. (Pág. 17)

ESCÂNDALO NO "S.CARLOS"

O povo em risco de não ver o "Ballet de Bolchoi"

(Pág. 12)

Nixon chegou a Moscovo fortalecido pelo apoio da N.A.T.O.

MOSCOVO, 27 — (R.) — O presidente Nixon chegou hoje de avião a Moscovo, fortalecido com todo o apoio que lhe manifestaram em Bruxelas os seus 14 parceiros da NATO, na altura em que vai travar conversações com o dirigente soviético, Leonid Brejnev, sobre segurança europeia e outros importantes problemas mundiais.

O presidente assegurou ontem um êxito ao conseguir as assinaturas dos chefes de Governo de Aliança Atlântica, incluindo a do primeiro-ministro de Portugal, professor Adelino da Palma Carlos, numa declaração especial em que prometem novamente manter a guarda da NATO, enquanto, ao mesmo tempo, prosseguem com uma política de entendimento e de melhores relações entre o Leste e o Oeste.

A declaração de 14 pontos sobre as relações atlânticas, proposta originalmente pelos Estados Unidos, em Abril de 1973, é um manifesto da vontade política que é exigida para reforçar os objectivos e ideais da aliança existente há 25 anos — disseram funcionários ocidentais.

O presidente Nixon iniciou a sua visita à União Soviética confiante em que a declaração ajudará os Estados membros a sentirem-se mais animados com o conhecimento de que a sua força e segurança estão na unidade como aliados.

O dr. Henry Kissinger, o secretário de Estado, que acompanha a Moscovo o presidente Nixon, declarou a noite passada numa conferência de Imprensa nesta capital que a União Soviética estava prestes a desdobrar os seus primeiros mísseis capazes de dispararem várias ogivas contra alvos diferentes.

Notou que essas armas, conhecidas como veículos múltiplos de reentrada contra alvos independentes (MIRVS), seriam inevitavelmente desdobradas, mas que o ritmo do seu desdobramento podia ser negociável.

Os aliados receberam garantias de que Nixon não fará qualquer compromisso com Brejnev sem eles serem informados e anuirem.

O dr. Kissinger visitará Bruxelas e outras capitais aliadas imediatamente após a visita do presidente à União Soviética, para informar os Governos da NATO do resultado desta terceira Cimeira entre Nixon e Brejnev.

Decidir em conjunto é tomar o futuro nas próprias mãos. É o que está a acontecer, apesar de tudo, em várias regiões do País, incluindo as do interior. Este será o processo lógico de fazer chegar o «25 de Abril» até onde as forças reaccionárias mais capacidade têm, ainda, de o esconder. Hoje voltamos a falar da movimentação camponesa, através de oportuna entrevista com um dos novos presidentes municipais do distrito de Viseu: António Alexandrino Matos, do concelho de Vouzela (Pág. 13)

MÁRIO SOARES ESTA TARDE EM LISBOA

Devido ao mau tempo, o avião em que esta manhã devia chegar a Lisboa o dr. Mário Soares foi desviado para Madrid. Espera-se que o ministro dos Negócios Estrangeiros chegue à capital portuguesa ao fim da tarde de hoje.

O dr. Mário Soares participará, no próximo fim-de-semana, com mais de 50 dirigentes do socialismo internacional, incluindo chefes de Estado e ministros, numa conferência organizada pela secretaria da organização e que decorrerá em Chequers, perto de Londres.

Está já prevista a presença do primeiro ministro israelita, Yitshak Tabin, do presidente da Costa Rica, Daniel Oduber, dos chanceleres da Áustria, Bruno Kreisky, e da Alemanha, Helmuth Schmidt, dos primeiros ministro de Malta, Don Mintoff, e da Jamaica, Michael Manley, e outros.

O primeiro ministro britânico, Harold Wilson, oferecerá no sábado, um jantar de gala aos participantes, incluindo dirigentes sindicais britânicos e membros do Gabinete Trabalhista.

EDIÇÃO DE 32 PÁGINAS

DL/NACIONAL

Se já era de seu conhecimento que **Minolta** está em permanente evolução técnica na fotografia, novamente vai ter uma prova disso!...

Mas são tantas e tão importantes as inovações que a

MINOLTA SR-T 303

apresenta, que o melhor é informar-se no seu fornecedor ou solicitar folheto aos:

REPRESENTANTES GERAIS PARA PORTUGAL:

HITZEMANN & Cª LDA.

PORTO - RUA SÁ DA BANDEIRA, 520/526 - TELEFS. 22135/6 E 36301
LISBOA - RUA FILIPE FOLQUE, 2C-2D - TELEFS. 59788/9
COIMBRA - PRAÇA DO COMÉRCIO, 88 - TELEF. 28738

Moçambicanos preocupados com a reacção

Num telegrama enviado ao Partido Socialista e por este distribuído aos órgãos de Informação, os democratas de Moçambique dão conta das suas preocupações pela morosidade das medidas de desmantelamento da máquina fascista e pelo risco de uma investida da extrema-direita reaccionária. O telegrama é do seguinte teor:

«Democratas de Moçambique acabam de enviar telegramas ao Presidente da República, Movimento das Forças Armadas e Governo Provisório denunciando vigorosamente a morosidade de medidas desmantelamento organismos repressivos e saneamento estruturas regime colonial-fascista. A libertação de grande número de «pides» e total despreocupação em desarmar forças paramilitares e grupos civis reaccionários permitindo organização. Fascistas e colonos ultra empenhados em acções desesperadas. Como resultado do ambiente propício tolerado, verifica-se proliferação boatos alarmistas e provocações e ameaças dirigidas contra elementos mais progressistas culminando com presença injustificada e intimidativa militares armados instigados pelos reaccionários frente às instalações universitárias durante sessão esclarecimento dia 21 orientada pelos advogados Adrião Rodrigues e Pereira Leite, logo seguida dia 23 atentado bombista contra Pereira Leite. Os acontecimentos revelam intenção redutos fascistas desencadearem terrorismo urbano finalidade calarem vozes progressistas e estabelecerem caos necessário aos seus fins. Ameaçam rotura catastrófica forças progressistas e Movimento Forças Armadas. Situação melindrosa poderia acarretar consequências que comprometeriam necessariamente os propósitos fundamentais proclamados pelo M.F.A. e Governo Provisório. Seguros vosso apoio pedimos pressionem Governo para que tome enérgicas medidas imediatas que conduzam total erradicação das forças colonial-fascistas permitindo prosseguimento processo de descolonização em ambiente liberdade calma e segurança. Democratas de Moçambique.»

Ao distribuir este apelo dos moçambicanos democratas, o Partido Socialista declara solidarizar-se com a preocupação manifestada e requer as medidas urgentes que obstem a um novo surto de fascismo naquela colónia.

SABUGALENSES REUNEM-SE

Um folheto volante do Secretariado dos Grupos de Trabalho Sabugalense convida os naturais do Sabugal, «interessados em fazer alguma coisa pela gente daquele concelho», a comparecerem todas as sextas-feiras, às 21 e 30, na cantina do Instituto Superior Técnico. «Algum trabalho se está a efectuar, mas muito mais há para fazer» — assinala-se no convite.

livros na banca do jornalista

"EPITÁFIO A PASCOAL" por Manuel Geraldo

O nosso camarada de redacção Manuel Geraldo publicou agora, em edição da Pullis, a novela «Epitáfio a Pascoal». Neste trabalho, e segundo se afirma em nota introdutória ao volume, o «Alentejo é a paisagem em que decorre a saga rural de um homem historicamente só. E de novo a crónica breve mas incisiva surge como método optado».

Manuel Geraldo, de 30 anos, publicara anteriormente três volumes, em curto lapso de tempo: um versando o tema de emigração alentejana, outro sobre a sua experiência pessoal em África e o terceiro com pequenos textos poéticos de intervenção política.

«Epitáfio a Pascoal» tem ilustrações de Kira, pseudónimo de António Joaquim Pereira Gama, jovem também alentejano.

«SILÊNCIO MORDIDO», Por CARLOS ALBERTO CORREIA

A colecção Trópicos, da Plexo, que publica, indiferentemente, textos de prosa e poesia de jovens autores portugueses, incluiu agora o volume de poemas de Carlos Alberto Correia intitulado «Silêncio Mordido».

Carlos Alberto Correia, de 25 anos, natural de Évora, tenta, segundo se diz no livro, «fazer da poesia uma utilidade na compreensão dos fenómenos sociais que nos cercam». Obra de estreia, «Silêncio Mordido» inclui textos de qualidade muito irregular.

Um pequeno poema, com o título «Habitação»: «Caminho o dia na origem/ de terras abandono/ lembranças que o povo conta/ em machadadas nas horas/ do seu sono».

«MULHER REPETIDA», Por MANUELA AMARAL

Autora de «Madrugadas», «Mais Alto», «Fé Pagã», «A História de uma Noite», «A Cruz de Pau» e «Hino Proibido», Manuela Amaral editou agora o volume de poemas «Mulher Repetida». O título é o da segunda parte do livro, a qual inclui 25 textos, na maioria muito breves, como o que transcrevemos:

«Fazer amor contigo
não é espelhar teu corpo nu
no vítreo do meu espaço
não é sentir-me possuída
ou possuir-te

É ir buscar-te
ao abismo de milénios de existência
e trazer-te livre».

PSIQUIATRIA

A Assírio e Alvim publicou «A Psiquiatria deve ser feita/ desfeita por todos», de Roger Gentis, em tradução de Alberto Saraiva e Pedro Lima. Um excerto, ao acaso: «Tudo o que se fez em psiquiatria de há trinta anos para cá, todas as mudanças, tudo foi sempre feito apesar da administração, contra ela. Digo bem: a administração, tomada como conjunto, como sistema. É claro que houve entre os administradores — e continua hoje a haver — pessoas que ajudaram, que participaram activamente nessas mudanças. Também elas tiveram que trabalhar contra a inércia do sistema — e inércia não é apenas peso: mas inércia activa, profunda hostilidade em relação à mudança».

T. da L.

vem aí campismo e caravanismo

LEIA DUAS OU TRÊS COISAS QUE EU SEI DA QUINTA DA PRELADA

ESPECIAL PARA SI

CORREIO CAMPISTA CONSELHOS SURPRESAS ÚTEIS

RESERVE JÁ A SUA REVISTA

VISITE-NOS OU ESCREVA PARA:

Rua Entreparedes. 6-2.º — Telefones, 23875 - 380035 - 318426 — PORTO

OS GRANDES ROMANCES DE FICÇÃO CIENTÍFICA
COLECÇÃO ARGONAUTA

AÇÇÃO e IMAGINAÇÃO!
Os Dramaturgos de Yan
John Brunner — 20$
À VENDA NAS LIVRARIAS
Pedidos contra reembolso
LIVROS DO BRASIL
Rua dos Caetanos 22 * LISBOA

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 50 CONTOS
3%
AO ANO

DINHEIRO S/ AUTOMÓVEIS
Mesmo hipotecados ou débito Stands ● Até 24 meses.
Av. Marconi, 10-4.º, Dt.º (junto à Praça de Londres)
Telefs. 72 31 23 - 80 13 48
GUARDE ESTE ANÚNCIO

CORDIMEX INTERNACIONAL DE MAQUINISMOS, LDA.
IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO
COMPRA E VENDA DE:
— Navios de todas as tonelagens
— Acessórios para motores navais e aprestos marítimos
— Gruas — Guindastes — Escavadoras e demais equipamentos para remoção de terras
Camions e atrelados para transportes pesados e todo o equipamento para movimentação de cargas
ENDEREÇO:
Avenida 24 de Julho, 124-4.º, Esq.º — Lisboa
Tels. 677458/9 — Telegramas: Cordimex — Lisboa
Telex — 12171 — Cordix — Lisboa

ALEXANDRE PAIS

UNIDADE

Evocação de Bento de Jesus Caraça. Homenagem a todas as vítimas do fascismo. Cidade de Lisboa, 25 de Junho de 1974. Largo dos Prazeres, 19 horas.

Rodrigues Lapa e Dias Lourenço usaram da palavra. Maria Barroso sobe ao pequeno estrado. O rumor torna-se grito: *PCP! PCP! PCP!* Dias Lourenço regressa e emenda: *Unidade! Unidade! Unidade!* O grito torna-se coro. Um beijo sela a amizade do dirigente comunista e da militante socialista.

Meditem nisto. Não há outra forma de vida. Não nos fica outra possibilidade de vitória. Só unidos como o beijo, seremos o que nem sempre fomos: fortaleza.

J SILVA FALCÃO

O SEGURO CONTRA O DESEMPREGO

Conforme local publicada nos Orgãos de Informação, está o Governo Provisório a estudar a possibilidade de instituir no País o seguro contra o desemprego.

Esta modalidade de seguro, de que se não podia falar antes do passado 25 de Abril, que alguns parece terem esquecido constituir um dos temas de que se ocupou o 10.º Congresso Internacional de Actuários, realizado em Roma durante o ano de 1934, tendo-se concluído pela impossibilidade de praticar o seguro contra o desemprego sem intervenção do Estado. Na realidade, uma entidade privada que intentasse garantir aos desempregados involuntários uma indemnização suficiente para prevenir a subsistência económica dos respectivos agregados familiares deveria dispor de reservas técnicas de montante elevado, difícil de conseguir a partir das cotizações recebidas. Isto em regimen de estrutura capitalista, com todas as suas conhecidas flutuações económicas.

Compreende-se que o tema debatido surgisse no referido congresso, em face das experiências anteriores. Na Inglaterra fora estabelecido o seguro contra o desemprego, conforme lei de 1920, e este seguro assentava em bases actuárias, partindo portanto das probabilidades do *risco-desemprego*. As cotizações eram suportadas por trabalhadores e patrões e existiu durante algum tempo equilíbrio entre as indemnizações pagas, correspondentes ao salário normal, e as mencionadas cotizações. Não durou muito este equilíbrio. As indemnizações passaram a ser inferiores ao salário normal, em solução anti-social.

O mesmo fenómeno se verificou noutros países. Na Alemanha, por exemplo, o sistema inicial de seguro contra o desemprego, criado por lei de 1927, segundo o qual as cargas eram suportadas por empregados e empregadores, originou uma situação de desequilíbrio, no mesmo sentido, fazendo nascer um plano de solidariedade nacional.

Daí, das experiências adquiridas, a aparição do tema «seguro contra o risco da desemprego» no referenciado 10.º Congresso Internacional de Actuários. Daí, também, a apresentação neste congresso de um trabalho do actuário belga, Van Mulders, com a explanação de uma teoria de seguro contra o desemprego estabelecido em bases actuariais segundo um sistema financeiro de capitalização. Esta teoria, que visa a anulação dos mencionados desequilíbrios, adopta uma mais precisa noção de taxa de desemprego e o número de dias segurados, um número e o outro já frutos de constatação efectiva.

Van Mulders apoiou-se muito nas conclusões do trabalho de François Simianal, «As flutuações económicas em períodos de longa duração e a crise mundial». Este trabalho, elaborado em 1932 deriva, como se compreende, da gravíssima crise de 1929, um tremendo libelo acusatório contra a estrutura capitalista.

O economista François Simianal considera as flutuações económicas como uma resultante de três movimentos que se sobrepõem.

a) uma fase extensa, durante a qual os preços aumentam até atingir um ponto máximo;

b) uma fase, menos extensa, com variações alternadas dos preços por grosso;

c) uma variação sazonal, de cerca de um ano.

Todas estas variações, de representação geométrica sinusoidal, permitem uma razoável interpolação. Porém...

O mundo não pára, não pode parar, sucedendo-se as transmutações, algumas de sinal imprevisível. A par das flutuações cíclicas surgiram as modificações, mais ou menos profundas, dos sistemas económicos, estas modificações tornam aleatórios os princípios actuariais contruídos. São assim incertos os resultados dos alicerces de um seguro contra o desemprego, hoje ainda, justificando-se que as seguradoras não se tentem por esta modalidade de seguro. Persiste a validade da conclusão contraída do 10.º Congresso dos Actuários.

Que sucedeu entretanto no nosso País?

Viveu-se em Portugal, sob a capa de um insólito corporativismo, em pleno regimem capitalista, que ainda subsiste. Não esqueçamos as realidades. Caiu o fascismo, embora este estrebuche raivosamente, porém mantém-se o País com as suas estruturas capitalistas, o que é natural. As próximas eleições ditarão, democraticamente, o rumo que os portugueses pretendem imprimir aos nossos destinos.

No entanto em algumas dezenas de anos de pleno capitalismo, nada se intentou no domínio do seguro contra o desemprego, pelo menos aparentemente. A única tentativa de luta (se-lo-ia?) contra o *risco-desemprego* limitou-se a um Comissariado do Desemprego que se revelou inoperante e ineficaz, mais um *pierrot* do autêntico baile de máscaras que era o extinto «estado novo».

Pretende agora o Governo Provisório criar o seguro mencionado e a criação anunciada reveste-se de inúmeras dificuldades, inclusive de ordem estatística, acreditando-se no entanto que tais dificuldades serão superadas.

Continua na pág. 10

CARLOS PORTO

VASTO E ESTRANHO É O MUNDO - 1

Até 25 de Abril, sair do País era para mim uma aspiração quotidiana. Poder atravessá essa zona em que o ar se tornava subitamente respirável, como se os nossos pulmões tivessem a faculdade de distinguir ou fossem sensíveis a essa qualidade imponderável da atmosfera que é a Liberdade.

Exilado na minha Pátria (como disse o José Gomes Ferreira) nunca percebi muito bem aqueles que se lamentavam pelo que sofreram longe da pátria doentiamente exacerbados (parecia-me) por esse sentimento destrutivo e, se calhar, ilusório que é a saudade (só tenho saudades do futuro, dizia sadiamente o Adolfo Casais Monteiro, ele também morto no/pelo exílio).

Dir-se-ia que para esses saudosistas esse valor supremo que é o viver em dignidade, não bastasse para completamente compensar os sofrimentos, as dificuldades, a amargura do exílio. Era injusto o meu pensamento, como é bom de ver. A prova é que não tive a coragem de assumir a situação de exilado cujos ouvidos doem sem o doce murmúrio da nossa língua, cujos olhos doem sem carícia suave da nossa luz, cujos dentes doem quando não mastigam esta comida.

Agora, deixar o país, é deixar qualquer coisa que amamos, qualquer coisa em que nos sentimos — finalmente! — como se estivéssemos em nossa casa, talvez pobre, mas onde os vizinhos podem entrar sem bater porque a porta não tem chave, as janelas estão todas abertas e as coisas começam a ter um certo ar de limpeza.

No momento em que deixo Lisboa, faço-o com um aperto no coração, apesar disso, porque as últimas notícias projectam uma pequena sombra neste belo Sol da Liberdade que começa a iluminar-nos.

O voo da TAP para Londres está atrasado. Aproveito para petiscar umas coisas. Aqui, nesta sala do restaurante do aeroporto, onde o «mâitre» (?), impecável no seu «smoking», pergunta se estamos bem e apressa-se a acender o cigarro dos que querem fumar, aqui tenho bem a noção do deserto que é preciso atravessar para alterar uma sociedade classista tão profundamente enraizada.

Trato-me como se fosse um destes senhores — na maioria estrangeiros — que se podem dar ao luxo de pagar vinte e quatro escudos por uma salada de frutas... Ainda por cima a que me servem é composta de 30 por cento de maçã (de que não gosto), 7 por cento de laranja e 3 por cento de banana. Um roubo, positivamente. Como, aliás, o resto. Mas o dia é de festa, festejemos pois. Festa negra, quero eu dizer. De qualquer maneira, não deixo de apresentar o meu protesto ao funcionário que adopta imedaitamente um tom servil para me dar razão.

Aí vamos nós para Londres. Esta agradável sensação de voar sem qualquer receio. Não por heroísmo, claro, apenas por uma espécie de fatalidade.

ÁLVARO CASSUTO

CARTA ABERTA A MADALENA PERDIGÃO

Respondo publicamente à prezada carta de V. Exa. de 5 do corrente (que adiante transcrevo), porquanto o assunto nela versado — a estreia de uma ópera de compositor português sobre libreto original de autor igualmente português — excede, a meu ver, o âmbito da mera correspondência privada.

Permita-me, senhora D. Madalena, e para melhor esclarecimento do leitor, fazer um pouco de história:

Em 1970 propus à Fundação gulbenkian a composição de uma ópera em um acto, baseada num argumento da minha autoria cujo libreto seria escrito pelo meu ilustre amigo Luís Francisco Rebello. A Fundação anuiu e elaborou um projecto de contrato pelo qual, e de acordo com sugestões minhas, esta ópera deveria ter uma duração aproximada de 45 minutos e utilizar 5 cantores, 1 declamador e 3 ou 4 figurantes. Por seu lado, a Fundação reservava-se o direito de estreia da ópera — para o que mandaria copiar o material de orquestra que ficaria sendo sua propriedade — e, consequentemente, a orquestra a utilizar deveria ter a composição aproximada da Orquestra Gulbenkian.

Ainda em 1970 — muito antes da elaboração do contrato definitivo, assinado em Agosto de 1973 — o dr. Luís Francisco Rebello disse-me que não teria tempo para escrever o libreto. E assim, com sua autorização, procurei outro autor e foi com a maior satisfação que obtive a anuência da ilustre escritora Natália Correia. Um mal-entendido quanto aos direitos de encomenda atrasou a assinatura do contrato definitivo, mas foi resolvido graças à compreensão da Administração da Fundação Gulbenkian.

Terminada a composição da ópera, a 7 de Setembro de 1972 escrevi a V. Exa. indicando a maneira como decorrera o trabalho e como se me revelou a ópera de que só tinha uma concepção ideal aquando da minha proposta. Assim, em vez de aproximadamente 45 minutos, ela teria cerca de 60; em vez de 5 cantores, 1 declamador e 3 ou 4 figurantes, haveria 8 cantores. Quanto a orquestra, ela teria a composição da Orquestra Gulbenkian acrescida de uns 8 instrumentistas.

Em 4 de Janeiro do ano seguinte (1973) V. Exa. escreveu-me queixando-se de eu «ter alterado de maneira sensível, sem prévia consulta à Fundação Gulbenkian, os termos da encomenda. Assim — continuava V. Exa. — verificou-se mudança do libretista, a duração da obra passou de 45 para 60 minutos, o número de cantores de 5 (sic!) para 8 e a orquestra foi aumentada». E acrescentava V. Exa.: «Parece-nos, por isso, conveniente, e assim o recomendamos a V., que reveja a instrumentação da obra em causa aproximando-a tanto quanto possível da actual constituição da Orquestra Gulbenkian».

Não respondi! Para quê? Tinha a Fundação encomendado uma ópera a um compositor (que, necessariamente, se tem de sujeitar às imposições próprias do trabalho de criação artística) ou ... um fato a um alfaiate?

E, assim, comecei a copiar a limpo as 250 páginas da partitura para a entregar oportunamente — o que fiz depois da assinatura do contrato definitivo.

A 15 de Maio deste ano, escrevi a V. Exa. a carta seguinte:

«A temática da minha ópera, encomenda da Fundação Gulbenkian e concebida em 1970, não era decerto daquelas que tariam sido vistas com incondicional agrado na época em que a compus. Eis uma das razões que determinaram a minha hesitação em insistir na sua apresentação.

«Em face dos condicionalismos actuais, parece-me, no entanto, do maior interesse que a mesmao seja apresentada. Eis porque venho perguntar a V. Exa. se existem planos nesse sentido e para quando.»

Efectivamente, antes do completar da partitura, eu não revelara claramente o assunto da ópera e isto para evitar problemas. É que o seu personagem principal é um prisioneiro político, chefe de um movimento revolucionário da extrema esquerda, condenado à morte por um regime ditatorial...

Bem vê, senhora D. Madalena, isto, antes do 25 de Abril, era fogo ...

Mas se concebi este argumento em 1970 e se o quis utilizar para a composição de uma ópera, foi porque sentia a necessidade de exprimir — e isto através dos meios próprios de um compositor! — as minhas ideias e sentimentos. Mas também sabia que a estreia da ópera seria difícil, se não impossível!

E eis que, acabado de regressar de Genebra e de Berlim onde dirigi as orquestras locais, encontro a resposta de V. Exa. de 5 do corrente acima referida e cujo teor motiva esta carta aberta:

«Em referência à carta de V. de 15 de Maio último, cumpre-nos comunicar a V. que não podemos garantir a apresentação da ópera «Em Nome Da Paz» que a Fundação Gulbenkian oportunamente encomendou a V., no decorrer da temporada de 1974/75.

«Nestes termos, compreendemos muito bem que V. não perca qualquer oportunidade que lhe surja no sentido de fazer representar a ópera em questão.»

Devo confessar que, enquanto compositor português, fiquei profundamente chocado com esta resposta.

Para quê, afinal, todas as exigências por parte da Fundação? Ou estará a próxima temporada tão sobrecarregada pela apresentação de obras e de intérpretes estrangeiros que não há lugar para portugueses? Será que as actividades da Fundação já estão programadas até ao Verão de 1975? Pode, então, a ópera ser apresentada na temporada seguinte?

Ou será que a Fundação entende que cumpriu a sua missão ao pagar xis contos de reis a um libertista e a um compositor e que estes — uma vez na possa do dinheiro — não se interessam mais pela obra que criaram?

Não me incomodaria tanto a carta de V. Exa. se ela não se inserisse numa série de atitudes que, já em 1968, determinaram o meu pedido de demissão do cargo de maestro assistente da Orquestra Gulbenkian para procurar, nos EUA, o apoio que não encontrava em Portugal.

Não me incomodaria tanto a carta de V. Exa. se ela não exprimisse o desinteresse de praticamente todos os responsáveis da nossa vida musical pela promoção de obras portuguesas, o qual é responsável em grandíssima parte, pela reduzidíssima produção dos compositores portugueses — por simples falta de encorajamento!

Não me incomodaria tanto a carta de V. Exa. se os nossos organismos oficiais (incluíndo a Fundação Gulbenkian) tivessem demonstrado, através dos tempos, que as obras e os artistas portugueses merecem tanto apoio (ou será que não merecem?) como aquelas centenas de obras e de artistas estrangeiros que, anualmente, nos vêm demonstrar que o que é bom... é o que vem de fora de Portugal!

Afinal, o que é que nós, artistas portugueses, temos de fazer para nos serem concedidas regalias idênticas dos estrangeiros? Sermos aceites lá fora? É uma vez que isso aconteça, o melhor é emigrar, não é verdade? Quantos dos nossos responsáveis me têm dito: «V. que tem êxitos lá fora, que não precisa de Portugal, porque insiste em viver aqui? Porque não emigra?»

Sim, porque não emigro! Seria tão bom não incomodar os nossos responsáveis!

Senhora D. Madalena: a sua lacónica carta de 5 de Junho não satisfaz os legítimos anseios de ninguém. E, muito menos, de alguém a cujo respeito

Continua na pág. 10

DL/NACIONAL

Jack Lemmon e Shirley Mac Laine numa cena da famosa comédia de Billy Wilder: «Irma La Douce». Agora e finalmente a ser estreada em Lisboa, após 10 anos de proibição

OS DRAMAS DO VALE DO VOUGA

Habitantes de Carvoeiro reclamam da C. P. comboios e automotoras

Subscrita por mais de meia centena de moradores da aldeia de Carvoeiro, na linha do Vale do Vouga, recebemos a exposição, que a seguir transcrevemos. Apesar de breve, mostra, de forma angustiante, o que é esse drama de viver nas pequenas aldeias, ignoradas e esquecidas pelos poderes públicos durante todos estes anos negros de fascismo.

Eis o texto:

«Os signatários, trabalhadores da aldeia de Carvoeiro, na sua maioria camponeses e alguns deles operários, e bem modestos estudantes, sem sindicatos nem ninguém que os represente, dirigem-se a quem tem a voz que a eles falta.

« **Diário de Lisboa** de 12 de Junho corrente lembra a urgência de ser restituído ao povo do Vale do Vouga o seu comboio. Como não convinha à CP manter um serviço que lhe não dava lucro — como se o lucro pudesse sobrepor-se ao direito que tem o povo de deslocar-se também com **decência** às Câmaras, às repartições de Finanças, aos mercados, às farmácias, aos serviços médicos, às juntas de freguesia, às «escolas», etc. — a pretexto do último incêndio atiçado por um dos seus comboios de museu, em lugar de os substituir por automotoras rápidas e **limpas,** acabou tiranicamente com eles. Em seu lugar circulam, numa estrada que num percurso de oito quilómetros conta quarenta curvas, umas camionetas acanhadas, num serviço de transportes atamancado.

«As bagagens amontoam-se nos joelhos ou vão meio penduradas nas redes mais que estreitas. Se não conseguem encafuá-las seguem despachadas numa outra camioneta que as largará na estrada quando calhar, forçando o interessado a uma série de deslocações. Quando as exíguas dimensões deixam de fora passageiros, estes, desolados e revoltados, ali permanecem na esperança de um desdobramento. E isto com bom ou mau tempo, mesmo com chuva a cântaros, vento frio e neve. Enquanto nas cidades vão surgindo abrigos cómodos para os utentes dos transportes colectivos, este povo do Vale do Vouga, cuja vida já era tão desconfortável, lá faz a ronda no descampado das estradas à espera das camionetas: novos, velhos, crianças, doentes, tudo de mistura. Até quando?

«Pedimos, pois, que à linha do Vale do Vouga sejam arrancados os pinheiros e eucaliptos que lá crescem e que por ela voltem a circular comboios ou automotoras que nos assegurem um transporte que não envergonhe o País e a nós próprios».

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

19.844	9.600.000$00
42.389	900.000$00
38.570	300.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

19.843	30.540$00
19.845	30.540$00

PRÉMIOS DE 30 CONTOS

1.396; 2.304; 2.386; 4.176; 6.369; 6.774; 10.127; 10.352; 11.184; 13.620; 14.446; 16.961; 17.921; 19.896; 20.497; 22.014; 22.698; 23.555; 24.660; 26.229; 28.971; 29.978; 30.951; 31.071; 32.032; 32.466; 32.938; 34.354; 40.287; 42.944; 44.701; 45.068

PRÉMIOS DE 960$00 (CENTENAS)

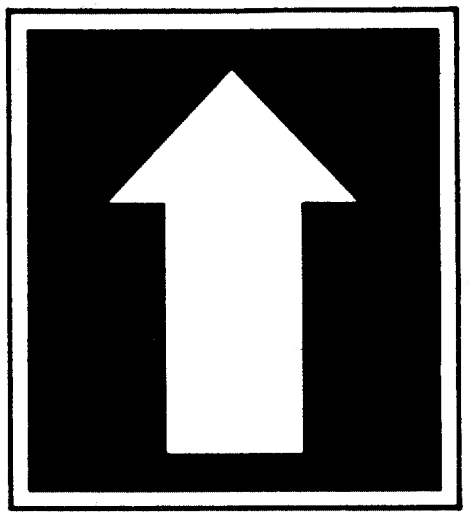
19.801 a 19.900; 38.501 a 38.600 e 42.301 a 42.400

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

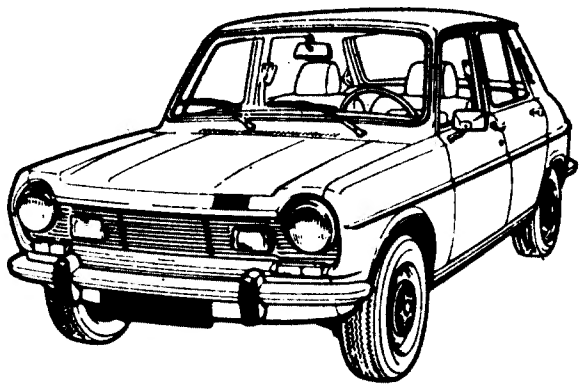
Todos os números cujos três algarismos finais sejam 553 são contemplados com 2.160$00, em cada bilhete, e os terminados em 110, 487, 696, 706, 772, 818, 842, 987 ou 997 são completados com 1.200$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 53 ou 95 são contemplados com 960$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 4 têm direito a 600$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

adapt. PLANO -C/74



1100 Especial. Sou realmente rápido e para mim a estrada não tem segredos



75 CV–1294 cm³ 157 km/h.

Você merece um carro especial.
Simca 1100 Especial, o carro que Você deseja!
Desde o prazer de conduzir dos carros desportivos, ao espaço interior, ao conforto e à segurança.

A sua garra pode medir-se no km/arranque que percorre em 35,7 seg.

O 1100 Especial tem 5 portas, tracção dianteira, caixa de velocidades sistema Porsche, travões de disco à frente e servo-freio, o que lhe dá um comportamento espectacular.

O Simca 1100 é mesmo Especial!

CHRYSLER SIMCA

UMA NOVA ESTRADA

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS A PRAZO

7% AO ANO

GALERIA DA EMENDA

telas e guaches de

paula rego

28 junho - 16 julho

todos os dias excepto sábados e domingos das 11 às 20h

rua da emenda, 72 – lisboa

MIRAFLORES CLUB

O **KING RESTAURANT** espera-o com uma requintada ementa especialmente estudada para si e para os seus convidados.

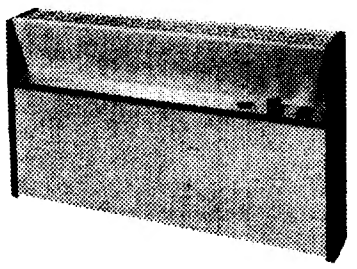
A **NITO'S BOITE** espera-o até de madrugada com os mais recentes **«Top of the Pops».**

Miraflores é, de facto, o seu desejo. Sabêmo-lo.

Marque mesas pelos telefones 21 78 72/3/4

O conforto dum ambiente climatizado

esfera



Na sua empresa, em sua casa, instale um condicionador de ar PRESTAIR. Diferentes modelos, de janela e consola, completamente automáticos, integrando sistemas de arrefecimento, aquecimento, ventilação e renovação de ar viciado. Os modelos consola são extremamente silenciosos, elegantes e de linhas harmoniosas. Prestair é o seu condicionador de ar! Consulte-nos!

Eugénio C. Lopes, Lda.
Av. Elias Garcia, 76, 5
Telef. 77 90 11 - Lisboa !

QUEIRAM ENVIAR-ME, SEM QUALQUER COMPROMISSO, LITERATURA SOBRE OS CONDICIONADORES DE AR PRESTAIR.

Nome .....

Morada .....

Eugénio C. Lopes, Lda.
Av. Elias Garcia, 76, 5
Telef. 77 90 11 - Lisboa !

TV

DL/ESPECTÁCULOS

CONTINUAMOS MAL, MEU GENERAL

Pela segunda vez o general Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, vem à televisão portuguesa. Da outra, os resultados não podem ser considerados muito brilhantes pelo que com alguma curiosidade se esperava esta.

A TV exerce uma tentação demoníaca. Não há ninguém não haverá ninguém, que não deseje ver-se lá. Antigamente acontecia o mesmo com os jornais. Ser falado no «Diário» era a fama, a glória. Falava-se de gente que praticara o seu crime bem hediondozinho só para lá trazer o retrato. Ainda hoje ninguém me tira da ideia que muitas greves se fizeram só para os seus promotores serem falados no *Telejornal* que sofria de grevite aguda.

Seguramente o general Galvão de Melo não viria segunda vez à televisão movido pelas tentações do vídeo. Andara numa viagem ao Brasil a respeito da qual a imprensa se fizera eco de palavras e afirmações geralmente consideradas de infelizes ou de inoportunas. De qualquer maneira, viajar pelo Brasil sugere um monte de experiências que será sempre bom comunicar. Ir lá, falar com as pessoas, saber como certas coisas se passaram e estão a passar, etc., etc., estão a ver?

Podia-se, por exemplo, fazer uma excursão, mesmo que breve, pela história do golpe militar brasileiro em Abril (lagarto, lagarto!) de 1964. De como logo a seguir ao golpe todas as garantias legais foram suspensas e se deu início a uma repressão que, até aos dias de hoje, ainda não conheceu um minuto de descanso. Imediatamente se publicou a lista de uma centena de personalidades civis privadas de direitos políticos pelo período de 10 anos. Lá estava o Leonel Brizzola, o Miguel Arraes, o economista Celso Furtado, o sociólogo Josué de Castro, o arquitecto Óscar Niemeyer, etc., etc.

Entrou em funções uma polícia política cujos métodos vieram a ser denunciados e foram universalmente condenados. Nem faltara na dita polícia uma escola de tortura — e eu julgo que ninguém estará pensando nisto quando alcunha o Brasil de «país progressivo». Uma tortura célebre é o chamado *«Pau de arara»*, produto da inesgotável imaginação da repressão brasileira.

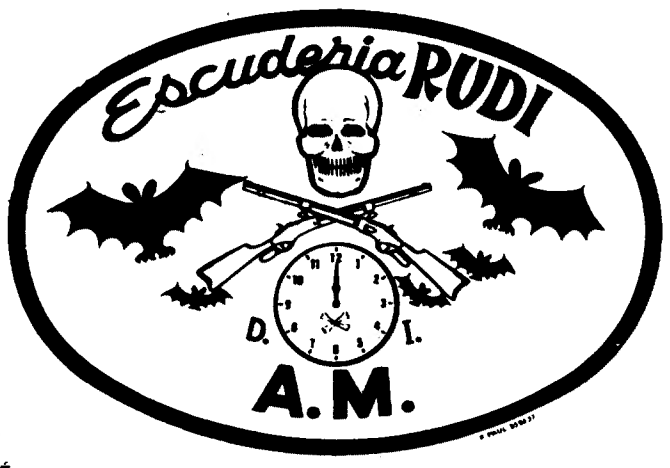
Há quem diga que a atmosfera no Brasil se torna irrespirável. A censura pratica-se a níveis raramente atingidos noutros meios onde já existiu censura. Que o digam os seus escritores, os seus artistas. Censura que leva, por exemplo, ao requinte de mutilar o título de uma canção, como nos contou há dias, na televisão portuguesa, o Chico Buarque.

Sim, trazia muito que contar a Nau Catrineta que viesse do Brasil para Portugal.

Por isso esperávamos com algum interesse a presença do general Galvão de Melo. Lamento dizer que a decepção foi total.

O interesse imediato, ou seja: a tentativa e esclarecimento de certas situações e expressões, nem esse ficou satisfeito. Soubemos apenas que certas palavras ou frases, retiradas do seu contexto, podem perigosamente assumir significados não correspondentes à sua face verídica. Não basta. Importava desfazer os significados não correspondentes: quando o general Galvão de Melo passou, rapidamente, além desse cabo, ainda julgamos que haveria assuntos mais importantes a tratar.

Não havia. Não se passou de uma longa sessão que primou pelo exercício literário e nada mais. Sessão onde se fez uso de um novo tipo de retórica, o qual consiste em utilizar a retórica para a condenar. Agora, se um português fala diante de um brasileiro ou se um brasileiro fala diante de um português, o português declara: «Passou o tempo do sentimentalismo: vamos às realidades». E borda este tema prático durante horas. Declara, por sua vez, o brasileiro: «Vamos às realidades. Basta de sentimentalismo». Após o que leva horas sobre o tema. Claro que se passou com a palestra de ontem do general Galvão de Melo. O general gastou meia hora — e meia hora de palestra, em cima do *Telejornal*, é qualquer coisa que o bom-senso condena em qualquer parte do mundo. Nixon pode escapar ao Watergate; mas não escaparia se fizesse, pela televisão, uma palestra de trinta minutos. Meia hora de TV, meus amigos, é demasiado.



É este o emblema oficial dos assassinos do «Esquadrão da Morte», terrível imagem do «Brasil progressivo»

Entretanto as realidades passam — e a retórica, a condenar a retórica, fica.

Foi em grande parte o que teria se o general Galvão de Melo nos quisesse proporcionar a demonstração do seu brilho literário que denuncia o contacto frequente com os clássicos. O general, porém, e mais uma vez, parece ter enveredado por atalhos onde, segundo o aviso popular, nunca faltam os trabalhos.

Ei-lo encantado, fascinado com o *«progresso»* do Brasil, com as suas realizações industriais espectaculares. Um Brasil *«onde o produto nacional bruto cresce a taxas que logram ultrapassar os 10 por cento»*...

Importa aqui recordar ao meu general que *crescimento* não significa forçosamente *desenvolvimento*. Importaria, igualmente, recordar a forma como esse crescimento afecta a população brasileira, o que equivale a perguntar quem lucra com esse crescimento.

Os fortíssimos capitais estrangeiros, tentados por uma exploradíssima mão-de-obra; a exportação de produtos fabricados no Brasil por empresas estrangeiras; o *know how* igualmente estrangeiro — eis alguns factores desse tal *milagre*, que está muito longe de se considerar autêntico desenvolvimento. Não esqueçamos uma produção industrial lançada na satisfação das necessidades de uma minoria privilegiada. Não esqueçamos que dois terços da população brasileira se encontram fora do circuito económico. E que se está muito, muito longe de superar o estado de subdesenvolvimento crónico.

Esta coisa de não ser o grosso da população brasileira o beneficiário do tal «progresso / não fui eu quem a inventou. Vejamos os números: em 1960, 1 por cento da população mais rica recebia 11,7 por cento do rendimento nacional, enquanto, em 1970, recebia 17,8 por cento. Pelo contrário, os 50 por cento dos mais pobres da população recebiam 17,7 por cento do rendimento nacional enquanto, em 1970, recebiam apenas 13,7 por cento.

Ou seja: no tal «país progressivo» de que nos fala o general Galvão de Melo, os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres ficam cada vez mais pobres. A isto chamarão alguns *progresso*...

Mas há quem vá mais longe na denúncia da situação «progressiva» do Brasil e não sou eu, nem são os economistas do *contra*, nem são os economistas quem põe os pontos nos

Continua na pág. 10

AMANHÃ

A venda em todo o País o n.º 64 de

motor revista

Agora temporariamente mensal
conforme oportunamente já foi divulgado

Neste número:

- TRÂNSITO — O AUTOMOBILISTA FRENTE AO ENTRONCAMENTO
- TÉCNICA
- O MUNDIAL DE FÓRMULA 1
- O MUNDIAL DE MARCAS
- O EUROPEU DE FÓRMULA 2
- MOTOCICLISMO
- KARTING
- TESTE — O DATSUN 120

MESMO FORMATO E IGUAL NÚMERO DE PÁGINAS
MESMO PREÇO - 10$00

estúdio 444 ESTREIA — AMANHÃ

um filme de
SALVATORI SAMPERI
(o realizador de "MALÍCIA")
com
SENTA BERGER * OTTAVIA PICCOLO
MARIO ADORF * GABRIELLE FERZETTI

nem tudo o que vem à rede... é peixe!

TALMA FILMES COLOR SCOPE GRUPO D - 18 ANOS

MÚSICA SACRA PORTUGUESA POLIFÓNICA E BARROCA

No próximo Domingo, 30 de Junho, pelas 21.30 horas, será realizado na **IGREJA EVANGÉLICA ALEMÃ DE LISBOA**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 48 (Metro Palhavã), um CONCERTO ESPIRITUAL com obras pouco conhecidas de Rodrigues Coelho e Carlos Seixas para orgão, Pedro de Cristo, F. Mágalhães e Fr. Martins para coro a capella, e 3 motetos para solistas, coro e orgão de Francisco António de Almeida, com a colaboração artística de Alizete Bayan, Isabel Felix-António (sopranos), Isabel Mallaguerra (alto), Fernando Serafim (tenor), José de Oliveira Lopes (baixo), Antoine Sibertin-Blanc (orgão e o CORO BACH sob a direcção de Prof. Pierre Salzmann. Entrada livre.

PRAÇA DE TOIROS DO MONTIJO

DOMINGO, 30 DE JUNHO, ÀS 18 H.

CORRIDA DE TOIROS À PORTUGUESA

DAVID RIBEIRO TELLES — JOSÉ MALDONADO CORTES — GUSTAVO ZENKL

2 Grupos de Forcados Amadores de Lisboa de **Nuno Salvação Barreto** e Amadores do Montijo de **António Pina** — 6 poderosos toiros de **António José Teixeira**

FEIRA DO LIVRO

Hoje, às 21 horas

o escritor

URBANO TAVARES RODRIGUES

estará presente
no pavilhão n.º 7
para autografar
a segunda edição de
um livro proibido pela censura
durante dez anos

IMITAÇÃO DA FELICIDADE

e todas as suas obras publicadas na

Colecção Autores Portugueses

LIVRARIA BERTRAND

DL/ESPECTÁCULOS

CINEMA-ESTREIAS

LAURO ANTÓNIO

Escândalo de um crime

TÍTULO ORIGINAL: LA POLIZIA RINGRAZIA
REALIZAÇÃO: Stefano Vanzina (Steno)
INTÉRPRETES: Enrico Maria Salemo, Franco Fabrizi, Mario Adorf, Mariangela Melato, Cyril Cusack, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes
ESTREIA: Cinema Roxy (18-6-1974)

A Polícia: métodos e finalidades. Será lícito existir uma organização como a «Polícia»? É óbvio que todo o Estado civilizado dela não prescinde. Donde em discussão ficam somente os processos utilizados e os fins em vista. *Escândalo de um Crime* procura pôr em questão uns e outros, não de forma muito clara, mas ainda assim com alguma pertinácia.

A finalidade da Polícia é manter a «ordem estabelecida» e estatuída numa constituição. Ora qualquer «ordem estabelecida» é «estabelecida» por alguém em particular Precisamente pelo grupo social (e classe) que se encontra no poder. Donde, toda a «ordem estabelecida» ser uma «ordem» que defende uma estruturação social que interessa fundamentalmente à classe dominante. Defendendo essa ordem, a Polícia está defendendo a classe dominante. Donde, ser a Polícia (como qualquer organização ou legislação repressiva) um instrumento de consolidação do poder por parte da classe dominante. Ora esta engrenagem justificará seguramente várias críticas e o filme de Stefano Vanzina aproxima-se de algumas delas, mas muito brandamente, com grande cuidado.

Na base deste filme de Steno (pseudónimo vulgarmente utilizado por Stefano Vanzina, realizador mais ou menos medíocre de comédias raramente invulgares) é um roubo, seguido de dois crimes, que põe em fuga dois rapazes. A Polícia coloca-se no encalço dos criminosos, mas as dificuldades avolumam-se. Um inspector protesta contra o manietamento da Polícia por parte da legislação vigente em Itália e da Imprensa. Quer uma maior mobilidade de acção. Pretende um estatuto de privilégio. Explica que só por isso a vaga de criminalidade avança em Itália. Porque a Polícia não dispõe dos meios adequados para se impor, para combater eficientemente o crime. E alguns crimes vão sendo arquivados sem solução.

Para obviar a este estado de coisas surge então uma organização clandestina estilo *Esquadrão da Morte*, que resolve radicalmente as «questões pendentes». Criminosos, prostitutas, homossexuais, elementos subversivos, um a um vão desaparecendo (melhor: aparecendo nas mais variadas circunstâncias, mas sempre com a sentença de morte já executada).

Por detrás desta organização «*Anónima Anticrime*) encontram-se antigos e actuais inspectores da Polícia, sobretudo aqueles que mais de perto se encontram ligados à ordem capitalista que a Anticrime deliberadamente defende. Será esta uma das conclusões interessantes de um filme nem sempre claro, por vezes desconcertante, quase sempre muito banal na sua escrita, Apesar de tudo, e porque se encontram em debate importantes problemas, um filme que justifica certa curiosidade.

PIAF, A VOZ DE PARIS

TÍTULO ORIGINAL: PIAF
REALIZAÇÃO: Guy Vasaril, 1973 (França)
INTÉRPRETES: Brigitte Ariel, Pascale Christophe, Guy Trejean, Pierra Vernier, etc
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castelo Lopes
ESTREIA: Cinema Londres (20-6-1974)

A vida de Edith Piaf contada no estilo «o romance da cochinha» ou o «simplesmente Piaf». Um melodrama intragável, verdadeiramente pestilento de um ponto de vista cinematográfico. O último grande atentado que Piaf sofre, este cometido já depois da sua morte. De resto, para se conhecer Piaf, basta ouvir um disco. Aí sim, está Piaf. Que Piaf estará num filme que não é interpretado por ela (mas por uma dupla: Brigitte Ariel), nem, na sua maior parte por ela cantando (quase todas as canções de início de carreira, porque não existem gravações, cantadas por Betty Mars)? Depois, o filme de Guy Casaril termina com a estreia de Piaf no ABC, ou seja no início da sua carreira.

Um filme lamentável, portanto, a vários níveis.

SEMENTE DE LIBERDADE

TÍTULO ORIGINAL: PICK UP ON 101
REALIZAÇÃO: John Florea, 1973 (EUA)
INTÉRPRETES: Leslev Warren, Martin Sheen, Jack Albertson, Hal Baylor, etc
DISTRIBUIÇÃO: Astória Filmes
ESTREIA: Cinema Eden (18-6-1974)

O marginalismo na sociedade de consumo, visto pela óptica da aludida sociedade de consumo. O «folclorismo», a incompreensão. Um filme de *série B* que se destina ao consumo passivo de um público sem grandes preocupações. Inútil, portanto.

CONDENADOS A VIVER

REALIZAÇÃO: Romero Marchent, 1972 (Espanha)
INTÉRPRETES: Robert Hundar, Emma Cohen, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Vitória Filmes
ESTREIA: Cinema Avis (19-6-1974)

Entre o melodrama e o filme de acção. *Condenados a Viver*, de Romero Marchant, é outra inutilidade, indesculpável no tempo e no espaço português. Será que distribuidores e exibidores portugueses em nada mais pensam do que no vil metal e na melhor forma de o armazanarem? Será que, espontaneamente, não lhes passará pela cabeça que o público português necessita de outros filmes em vez destas mistelas ordinárias que continuamente lhes impingem?

A MANSÃO DOS MORTOS VIVOS

TÍTULO ORIGINAL: NOTHING BUT THE NIGHT
REALIZAÇÃO: Peter Sasdy, 1973 (Inglaterra)
INTÉRPRETES: Christopher Lee, Peter Cushing, Diana Dors, Georgia Brown, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Rank Filmes
ESTREIA: Cinema S. Jorge (20-6-1974)

Peter Sasdy estreara-se no cinema com um filme muito curioso *Provem o Sangue de Drácula A Mansão dos Mortos-Vivos* vem desmentir todas as esperanças postas no jovem realizador. Trata-se realmente de um filme abaixo de qualquer hipótese de discussão possível. Para além de mais, de uma falsificação descarada, cometida pelos produtores, que anunciam os nomes prestigiosos de Christopher Lee e Peter Cushing como principais intérpretes, quando o que vemos como protagonista desta história igualmente inconcebível é uma desorbitada Diana Dors e uma pavorosa Georgia Brown, no papel de uma jornalista que julgavamos já impossível imaginar.

OS DOIS POLÍCIAS

TÍTULO ORIGINAL: I DUE VIGILI
REALIZAÇÃO: Guiseppe Orlandini, 1973 (Itália)
INTÉRPRETES: Franco Franchi, Ciccio Ingrassia, Umberto D'Orsi, Luciana Scalise, etc
DISTRIBUIÇÃO: Filmitalus
ESTREIA: Cinema Eden (25-6-1974)

Os piores cómicos do mundo, em mais uma das suas disparatadas comédias. No que toca a Cicio Ingrassia (que vimos em *Violência: Quinto Poder* e *Amarcord* de Fellini) o caso é mais grave, dado que demonstrou já ser um actor de recursos, malbaratados estupidamente na companhia do riso cretinizante de Franco Franchi.

Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL
(SESSÃO EXTRAORDINÁRIA)

Ao abrigo do n.º 1 do art.º 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão extraordinária, no dia 27 do corrente, às 21 horas, no Club Atlético de Campo de Ourique, Travessa do Cabo, 3-A, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informações
2. Aperfeiçoamento do C. C. T.
3. Análise e discussão das propostas e moções apresentadas na última sessão da Assembleia Geral

Nos termos do parágrafo único do art.º 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar à hora marcada com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer número de sócios.

Lisboa, 20 de Junho de 1974.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(José de Andrade Soares)

DL/NACIONAL

A OCUPAÇÃO DO I.N.E.F.

Do director do Instituto Nacional de Educação Física, sr. Fernando Nélson Correia Mendes, recebemos o seguinte esclarecimento a uma notícia publicada pelo nosso jornal no passado sábado, baseada em informações que nos forma prestadas por alunos daquele estabelecimento de ensino:

. 1.º — Nunca declarei que tinha ou tenho o apoio da Juhta de Salvação Nacional, mas sim que tinha sido confirmado nas funções de director do I.N.E.F. logo após o 25 de Abril, isto é, quando a Junta de Salvação Nacional desempenhava funções governativas (veja-se o comunicado n.º3 do director do I.N.E.F. de 4 de Maio de 1974 divulgado pelos jornais nos primeiros dias de Maio»:

. 2.3 — O diferendo principal que tem oposto alunos e professores é o problema do saneamento: os professores não se opuseram ao saneamento da Escola (bem pelo contrário), mas não aceitaram os processos arbitrários e antidemocráticos utilizados pelos alunos;

. 3.º — Os professores estão impedidos de entrar no I.N.E.F. em virtude deste se encontrar ocupado pelos alunos. Os professores já expressaram em vários comunicados, em reuniões com representantes de alunos e a entidades do M.E.C., que consideram esta atitude dos alunos atentória das liberdades fundamentais.

Essa ocupação impede que se reúnam no seu local normal de trabalho e possam eleger, sem coacção física ou psíquica, os seus representantes para uma Comissão Directiva:

. 4.º — Não haverá qualquer interrupção, como se fez constar, no pagamento do pessoal, que receberá, assim, os seus vencimentos, e portanto o presente mês;

5.º — Finalmente, cumpre-me dar relevo a um ponto: a «demissão do director» não é, como também se fez constar, a «chave do problema», pois, logo que os alunos desocupem a escola, será possível aos professores entrar livremente na mesma a fim de elegerem os seus representantes para uma Comissão Directiva, cessando então, naturalmente, as funções do director.

Essa Comissão Directiva será a expressão dos princípios democráticos e antiautoritários do funcionamento da Escola, que os professores vêm defendendo desde o início do processo e expressado nos seus diversos comunicados.

Após este esclarecimento já estar eleborado, dirigi-me ao palácio da Cova da Moura, onde contactei com o membro da Junta de Salvação Nacional, almirante Rosa Coutinho, o qual me declarou a propósito da notícia publicada no «Diário de Lisboa» e no comunicado dos alunos do I.N.E.F. nela citado, o seguinte:

1.º — Não há actualmente qualquer «porta-voz» ou representante da Junta de Salvação Nacional, a não ser os seus próprios membros;

2.º — Que não tinha recebido qualquer delegação do I.N.E.F. e também não tinha conhecimento que qualquer outro membro da Junta o tivesse feito;

3.º — Antes da formação do Governo Provisório, a Junta de Salvação Nacional deu o seu apoio ao actual director, para solucionar os problemas necessários ao funcionamento do Instituto, até que o Governo Provisório fosse constituído;

. 4.º — Actualmente a resolução dos problemas do I.N.E.F. ou qualquer problema escolar compete ao M.E.C., não devendo a Junta de Salvação Nacional de qualquer forma ser envolvida nesses problemas.

KOL
MAPLES
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 87-89
LISBOA
Avenida Boavista, 1802 a 1812 — PORTO

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
DEPÓSITOS A PRAZO
(Superior a 1 ano renovável)
7%
AO ANO

Pague tudo com Diners

o cartão que dá a nota

CONSTRUÇÕES TÉCNICAS
S. A. R. L.

Comunica que, por motivo de ampliação das suas instalações, passaram a funcionar na Av. 24 de Julho, n.º 24, os seus serviços técnicos e administrativos, com os seguintes números de telefone:

674950	690171	690233
690139	690172	691220
690148	690208	691226
690163	690209	691291
690164	690232	691302

Continuam instalados na sua sede, na Praça do Município, n.º 13, os serviços gerais, de economato e os arquivos.

ADIANTE-SE NO TEMPO
UTILIZE O "AM-3" MARCADOR AUTOMÁTICO DE CHAMADAS TELEFÓNICAS
CONSULTE PELO TELEFONE 32 78 75
Veja-o em funcionamento na F.I.L. no Stand FOC

MONUMENTAL de CASCAIS
MONUMENTAL DE CASCAIS
29 DE JUNHO ÀS 21,45 HORAS
EXTRAORDINÁRIA CORRIDA DE TOIROS À PORTUGUESA
A favor da Santa Casa da Misericórdia
SENSACIONAL ACONTECIMENTO PARA INAUGURAÇÃO DA ELECTRIFICAÇÃO DA PRAÇA
7 GRANDES E BONITOS TOIROS DO EX.mo SR. ENG.º FRANCISCO DE GOES
Cavaleiros: MANUEL CONDE ☆ RIBEIRO TELLES ☆ JOSÉ CORTES ☆ LUÍS M. VEIGA ☆ JOSÉ JOÃO ZOIO ☆ CARLOS ARRUZA ☆ EMÍDIO PINTO
Forcados: 2 ARROJADOS GRUPOS
AMADORES DE LISBOA comandados por NUNO SALVAÇÃO BARRETO
AMADORES DE CORUCHE comandados por JOSÉ TADEIA

DL/NACIONAL

DOCENTES UNIVERSITÁRIOS PODERÃO SER DISPENSADOS PARA TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO

Os docentes universitários poderão ser dispensados de todo o restante serviço nas suas Escolas ou Faculdades para efectuarem trabalhos de investigação científica, autónomos ou em grupo, desde que o requeiram.

O decreto-lei agora publicado determina que a não apresentação ao Ministério da Educação e Cultura, no prazo de um ano, a partir do seu termo, dos resultados das investigações feitas, envolve a obrigação de restituir ao Estado as importâncias recebidas durante o tempo requerido para a investigação. Os resultados dos trabalhos científicos efectuados neste regime serão, na medida do possível, publicados em revistas subsidiadas pelo Estado.

Os docentes cujo requerimento para investigação seja deferido mantêm todos os direitos inerentes à sua situação, incluindo as gratificações de regência a que tivessem tido direito no último ano do seu ensino e, se for caso disso, o de se apresentarem a concurso para categorias superiores.

Desde que a dispensa dos docentes seja concedida por tempo superior a dois anos, poderão ser abertos na Faculdade ou Escola concursos para provimento de cargos, em número e de categoria igual aos dos professores dispensados, considerando-se, a partir do despacho de autorização, o respectivo quadro acrescido de igual número de unidades.

"LOCK-OUT" TÉCNICO NA CITROËN DE MANGUALDE

Em resposta a uma notícia que publicámos sob o título **«Lock-Out» Técnico na Citroën de Mangualde**, o sr. dr. Manuel José Homem de Mello remeteu-nos o seguinte esclarecimento:

«Uma vez que na notícia em referência se afirma que eu sou **um dos maiores accionistas da Citroën de Mangualde**, venho pedir-lhe que esclareça os seus leitores — muito embora **ainda** não seja **pecado** o ser-se grande accionista duma empresa ... — de que possuo 25 (vinte cinco) acções da Citroën Lusitânia que adquiri pelo valor nominal. (1000$00 cada acção).

O capital da empresa é de 15 milhões de escudos. A minha posição de accionista é assim de **0,16 por cento**!

Por certo que os leitores do Diário de Lisboa não carecem de mais desenvolvimento para ficarem esclarecidos.»

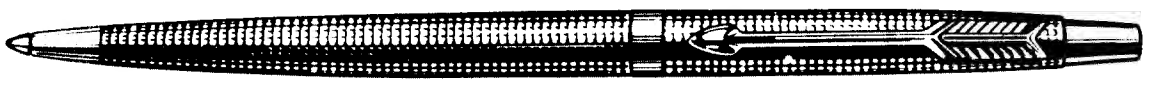
EMPREGADOS NA PROVÍNCIA

ONZE CONTOS -ordenado máximo

As ofertas de trabalho feitas este mês através do Serviço Nacional de Emprego, destinaram-se, todas, a colocações na província, incidindo a sua frequência maior sobre profissões como **serralheiros** (35), **marceneiros** (20), **serventes** (10), **carpiteiros de limpos** (5) e **batechapas** (4).

Para os primeiros, os ordenados mensais oferecidos, em Faro, Aveiro e Viseu, vão de 4500$00 a 8000$00; aos marceneiros, oferecem-se 200 escudos diários (a maior oferta); aos serventes, 4500$00 mensais; aos carpinteiros, 160 escudos (o mais baixo pagamento oferecido); aos últimos, entre 4500$00 e 7000$00. Os ordenados mensais máximos oferecidos — apenas três — vão de 10 a 11 contos, e destinam-se a um contabilista e a um técnico de contas, em Aveiro, e a um engenheiro electrotécnico em Ponta Delgada. Aveiro e Viseu, seguidos de Faro, Chaves, Torres Novas e Ponta Delgada, são as localidades que maior número de pedidos registam.

parker escreve-se parker em todas as línguas



PARKER INTERNATIONAL CLASSIC
a tradução de parker em esferográficas

Os Ingleses dizem "it's Parker."
Os Franceses "c'est Parker."
Os Alemães "es ist Parker."
Os Gregos "ειναι Parker."
Nós os Portugueses: é Parker.
Isto para dizer elegância, prestígio, classe, duração e progresso técnico.
Parker - em todo o mundo uma só palavra para a perfeição.

PARKER é melhor em todo o mundo

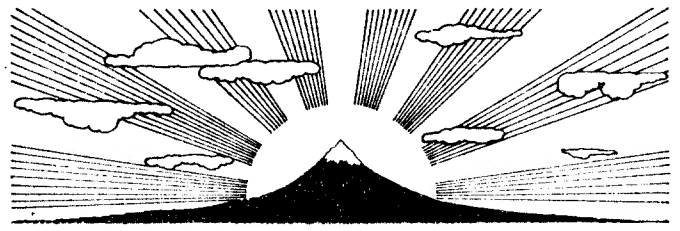
Representantes: VIALGA, S.A.R.L. - rua Joaquim António de Aguiar, 45 - 2° Dto. - Lisboa 1

ESPIRAL

LEILÃO
DE PENHORES
A COMERCIAL
TRAV. DA TRINDADE, 18-20 (ao Chiado)
Telef. 32 50 82
Brevemente de todos penhores em atrasos de juros

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 50 CONTOS
3%
AO ANO

SAS



SONHO DO JAPÃO
e ainda Tailândia, Hong Kong, Macau, Filipinas, Pérsia e Copenhaga
9.° ano consecutivo de crescente êxito!

HOTEIS 1ª categoria e luxo

PARTIDAS
Maio 19
Julho 14
Agosto 4 e 11
Setembro 1 e 8

Consulte o seu agente de viagens habitual
ou
SAS Avenida da Liberdade, 258-6.° Lisboa, Telefone 53 70 01

DL/NACIONAL

QUE FUTURO?

PERGUNTAM OS EMPREGADOS DOS GRÉMIOS

Com o apoio do Sindicato dos Profissionais de Escritório de Lisboa, uma Comissão de Empregados dos organismos corporativos (grémios de constituição obrigatória, facultativa e da lavoura) tem vindo a desenvolver toda uma actividade no sentido de os seus legítimos direitos serem assegurados face à reestruturação prevista pelo Governo Provisório.

Com efeito, os cinco mil trabalhadores dos grémios de todo o País, que incluem um vasto sector da população se contarmos com os agregados familiares, sentem uma certa apreensão dados os problemas que uma mudança de estruturas necessariamente implica, tanto mais que desconhecem a orientação pela qual o Governo optará.

Acusados por alguns de serem empregados amparados ao capitalismo eram de todos os trabalhadores os que menos regalias tinham porquanto os grémios, forçados pelos contratos colectivos de trabalho a melhorarem as condições de vida dos trabalhadores geralmente esqueciam quem para eles prestava os seus serviços.

Com efeito, as três categorias de grémios — de constituição obrigatória, facultativa e da lavoura — não eram muito benéficas para os empregados que ali trabalhavam. A primeira categoria não tinha qualquer estatuto e os empregados sempre foram equiparados aos servidores do Estado, estando condicionados portanto no que dizia respeito ao aumento de vencimentos. As outras duas categorias de grémios, muito embora tivessem estatutos próprios, não permitiam um aumento de vencimento sem que o ex-Ministério das Corporações não autorizasse, o que sucedia quase sempre. Tornava-se necessário o empregado ter conhecimentos influentes naqueles serviços.

OS GRÉMIOS DA LAVOURA

Em todo o País existem 250 grémios da lavoura, nos quais trabalham cerca de 2000 empregados. Entretanto, com a notícia de que alguns grémios estavam a ser encerrados e substituídos por associações livres de empresários os trabalhadores ficaram alarmados na medida em que aqueles organismos subsistem graças às quotas cobradas e não se sabe até que ponto, dentro da nova estruturação, os lavradores estarão interessados em se agremiarem.

Por isso, no respeitante àqueles empregados o futuro é um problema de sobrevivência, pretendendo que seja garantida a continuidade de emprego nas associações de lavradores que venham a ser criadas.

PREOCUPAÇÕES

As preocupações dos trabalhadores dos organismos corporativos filiam-se neste momento e principalmente em duas ordens de factores: em primeiro lugar as associações livres de classe que virão substituir os grémios destinam-se, necessariamente, a funcionar como simples associações de classe que se propõem ser, isto é circunscritas à representatividade dos seus associados. As demais funções e serviços dos actuais grémios — fixação de preços, fiscalização, certificação, controlo estatístico, cobrança de taxas, serviços específicos de exportação e outros — deixarão naturalmente de ser da competência das associações que se criem. Por este motivo põe-se logo à partida o problema do destino do pessoal afecto às funções que não cabem na associação de classe. Irá, pura e simplesmente, para o desemprego, o que aliás não se pode admitir, ou será absorvido por aquelas entidades ou serviços que tomarão a cargo tais funções, já que necessárias e imprescindíveis? O outro factor é o frágil pendor associativo do empresário português, donde as associações de classe se arriscam a perder parte dos actuais agremiados.

Mas outras dúvidas surgem aos empregados dos organismos corporativos no panorama futuro que não descortinam: no que respeita ao complemento de pensões de reforma e invalidez os organismos estavam autorizados a conceder, quem garante, no futuro esses mesmos complementos?

CRIADA UMA COMISSÃO

No passado dia 24 de Maio, tendo em conta a situação premente que se coloca perante os trabalhadores dos organismos corporativos, foi eleita uma comissão, composta por nove elementos, durante uma reunião efectuada na sede dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses.

Posteriormente, foi entregue ao Ministério do Trabalho uma exposição daqueles trabalhadores em que, para além de pedirem uma audiência com a entidade competente para resolver o seu problema, se fazia referência ao futuro incerto daqueles trabalhadores perante as alterações de estruturas dos organismos corporativos, bem como as garantias que terão depois de tantos anos de trabalho incompreendido e mal remunerado.

No momento presente, o desejo dos trabalhadores dos grémios de constituição obrigatória é serem integrados no Estado para a função pública, enquanto que os trabalhadores dos grémios facultativos na medida em que os empregados devem transitar para as associações livres que se criarem, pretendem ver resolvidas situações antigas e que têm estado a prejudicar os trabalhadores, antes que se verifique a transformação dos organismos corporativos.

De qualquer modo, segundo referem elementos da comissão, seja qual for a solução encontrada pelo Governo Provisório para o seu caso é necessário ter em conta que em todo o País existem cerca de cinco mil trabalhadores ligados àquele sector de actividade e que os seus interesses não podem de maneira nenhuma ser esquecidos, muito embora numa questão de sobrevivência diária trabalhassem para o regime corporativo.

Mas, nesta ordem de ideias, acrescentam, muitas outras posições teriam de ser tomadas.

VENDEDORES/AS

ADMITE A MAIOR EMPRESA NO PAÍS NO SEU RAMO SE:

— **É dinâmico e persistente**
— **Tem aptidão para contactos a todos os níveis**

OFERECEMOS-LHE:

— **Boas possibilidades de realização**
— **Possibilidades de Formação**
— **Esquema de remunerações progressivo**

Comparecer amanhã das 10 às 13 e das 15 às 18 horas na Av. da República, 52-9.º—LISBOA

ORDEM DOS ENGENHEIROS

INQUÉRITO SOBRE ASSOCIATIVISMO SINDICAL E PROFISSIONAL

Em face das recentes dificuldades surgidas na distribuição de correio, decidiu-se prorrogar o prazo de entrega das respostas ao Inquérito de molde a serem recebidas na Ordem até 5.ª-feira, dia 4 de Julho.

Para os engenheiros não inscritos na Ordem e que por tal motivo não deceberam em casa os correspondentes impressos, a Secretaria, em Lisboa, possui exemplares para distribuição.

DATA LIMITE DE RECEPÇÃO:
5.ª-FEIRA, 4 DE JULHO

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
DEPÓSITOS A PRAZO
(Superior a 1 ano renovável)
7%
AO ANO
FLUMEN

missão comercial à Áustria

6 de Outubro

Com o objectivo de incrementar as exportações portuguesas para a Áustria – que, entre 1968 e 1973, tiveram um aumento de 126% – e tendo em conta os produtos com maiores possibilidades comerciais naquele país, resolveu o F.F.E. organizar a presente missão dirigindo-a aos industriais e comerciantes de

- artigos decorativos
- artigos domésticos
- azulejos
- calçado
- confecções
- móveis
- porcelanas
- tapetes

Eis uma boa oportunidade para si – para a sua empresa. Decida-se pelo caminho da exportação. Mas decida-se já! O prazo de inscrição termina a 8 de Julho. Contacte-nos.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Departamento de Missões Comerciais:
Avenida 5 de Outubro, 101, 2
Telef. 76741 01/76752 0/76757 3 - Lisboa 1

Delegação no Norte:
Rua Gonçalo Cristóvão, 128, 1.º Esq.
Telef. 38021 4 - Porto

Diga francamente, conhece bem a Europa?

Uma organização politur

QUALQUER QUE SEJA A SUA RESPOSTA NÃO ESQUEÇA QUE O NOSSO PROGRAMA DE VIAGENS "A EUROPA EM AUTOPULLMAN" PÕE À SUA ESCOLHA 17 ITINERÁRIOS, COM 147 PARTIDAS PARA OS MAIS FASCINANTES PAÍSES E CIDADES DA EUROPA, EM LUXUOSOS AUTOCARROS DE TURISMO. Este ano estão incluídas viagens em Portugal

PEÇA INFORMAÇÕES E INSCREVA-SE

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

Não somos Génios mas fizemos o impossível

para que o nosso programa de **VIAGENS EM AUTOCARRO** pela Europa lhe pudesse proporcionar as mais variadas e convenientes soluções para as suas férias, com estadias em óptimos hotéis. Não esqueça que com a STAR não vai só. Os nossos guias dar-lhe-ão o apoio de que carecer ao longo de todo o percurso.
Consulte-nos e procure informar-se sobre o nosso **LIVRO DE VIAGENS para 1974.**

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

DL/NACIONAL

Estruturação do sector da energia eléctrica

Por despacho da Secretaria de Estado da Indústria, foi criado um grupo de trabalho para, no prazo de dois meses, definir as acções a empreender para a reestruturação do sector da **energia eléctrica, cujos problemas maiores se devem à distribuição e ao atraso em que se encontra a electrificação do País.**

O grupo de trabalho é presidido pelo eng. Luís Filipe Vicente, e constituído pelos dr. Rui Chancerelle de Machete, eng. António Dias da Silva e António Leite Garcia e drs. Mário Gomes Ribeiro e Rafael Pinheiro Prata.

O secretário de Estado da Indústria e da Energia assinou também um despacho, de carácter transitório, sobre a **prática de tarifas por parte das empresas de energia eléctrica e da intervenção do Governo no processo tarifário de todo o sector eléctrico. Assim, determina-se que as concessionárias do Estado para a grande distribuição da energia eléctrica, ou distribuidoras equiparáveis, não poderão aplicar, a partir da presente data, novas tarifas ou proceder a alterações ou ajustamentos tarifários sem prévia aprovação do Governo.**

MATERIAL FOTOGRÁFICO

Agora sim, de filmar projectar das famosas marcas Canon, Eumig, Asahi, Olimpus, Mamiya, rolos col a preços de sensação

«GALERIAS ROLDÃO» Av.ª Almirante Reis, 13 - F

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO SUL

Av. Almirante Reis, n.º 74-G-4.º -- Telefone 82 33 61
LISBOA - 1

COMUNICAÇÃO

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÉNIO 1974/1976

Nos termos do Art.º 3.º do Regulamento Eleitoral, torna-se público que foram admitidas ao Acto Eleitoral em epígrafe as seguintes Listas de candidatos, únicas concorrentes:

LISTA A

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	— **Antero da Silva Gabão**
Vice-Presidente	— **Henrique Lopes da Silva**
1.º Secretário	— **Maria Adília Marques Matos**
2.º Secretário	— **Joaquim Manuel Namorado Zacarias**

DIRECÇÃO

Presidente	— **António Bexiga Lopes**
1.º Secretário	— **Vítor Manuel Sousa Conceição**
2.º Secretário	— **Amadeu Matos da Silva**
3.º Secretário	— **Vladimiro Marques Guinot**
Tesoureiro	— **Firmino da Palma Rodrigues**

CONSELHO FISCAL

Presidente	— **Fernando Pereira da Silva**
Secretário	— **Eduardo Vieira Ferreira**
Relator	— **Joaquim Pinto**

SUPLENTES

1.º Suplente	— **Florindo de Almeida Cabaço**
2.º Suplente	— **Duarte Nuno dos Santos Tomaz**
3.º Suplente	— **Joaquim Belmiro Simões**

LISTA B

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	— **Álvaro da Cruz Francês Antunes**
Vice-Presidente	— **João Pereira Leonardo Tomé**
1.º Secretário	— **Mário Constâncio Calvário Cardoso**
2.º Secretário	— **Armindo Salvado Lopes Ferreira**

DIRECÇÃO

Presidente	— **João Manuel Ribeiro da Silva**
1.º Secretário	— **Eduardo de Oliveira Viana**
2.º Secretário	— **João Tavares Marcelino**
3.º Secretário	— **Vítor Manuel Soares Santos**

CONSELHO FISCAL

Presidente	— **Eduardo Vieira Ferreira**
Secretário	— **Joaquim Gonçalves Santinho**
Relator	— **José Ventura Rodrigues**

SUPLENTES

1.º Suplente	— **Maurício Pinheiro Vieira**
2.º Suplente	— **Maria Cristalina Rocha Duarte**
3.º Suplente	— **Henrique Torrão Artilheiro**

A COMISSÃO DE ELEGIBILIDADE

a) **Joaquim Simões Cortez** — Sócio N.º 25171
a) **José Fazenda André** — Sócio N.º 11737
a) **João Marques Antunes** — Sócio N.º 11997

Nos termos do Art.º 4.º do Regulamento Eleitoral anuncia-se a abertura da Campanha Eleitoral que decorrerá de 26 de Junho a 10 de Julho, inclusive.

Oportunamente, e por este meio, anunciar-se-á a realização da Assembleia Eleitoral.

Lisboa, 24 de Junho de 1974

O VICE-PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) **Mário Nunes da Silva**

Reivindicações e propostas dos assistentes, investigadores e leitores da Faculdade de Letras de Coimbra

Após várias reuniões de trabalho, em que analisaram a sua situação profissional **dentro dos velhos esquemas universitários** e estudaram as suas aspirações **dentro de uma universidade que desejam renovada,** os assistentes, investigadores e leitores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra apresentaram recentemente ao Ministério da Educação e Cultura as suas reivindicações e propostas, acompanhadas da respectiva fundamentação.

No documento, afirma-se ser por de mais evidente que a situação do assistente da Universidade Portuguesa — e, em alguns aspectos, de todo o docente, salienta-se — **não era, e não é ainda, uma situação de forma alguma atraente, fazendo com que muitos licenciados com capacidade para a investigação e pedagogia universitária se recusem a ocupar tal lugar e que aqueles que o ocupam se sintam, a maioria das vezes, frustrados.**

Acrescenta-se ainda que **um conjunto de condições, legais e tradicionais — estruturadas em função do esquema anquilosante do antigo regime — tornaram, na realidade, o assistente universitário um docente mal remunerado, sem condições de trabalho e com uma carreira mal definida e ao sabor de decisões pessoais, o que foi um dos factores que mais contribuiu para o estado lamentável da Universidade Portuguesa.**

Apresentando alguns aspectos de ordem geral e particular destinados a ilustrar o que atrás ficou dito, o documento refere as reivindicações concretas e sugestões de ordem geral dos assistentes, leitores e investigadores da Faculdade de Letras de Coimbra, nomeadamente as seguintes: que sejam representados (em termos por eles a referir oportunamente) em todos os órgãos de gestão da Universidade que venham a constituir-se; que sejam ligados a departamentos ou secções, geridos por órgãos representativos (formados por docentes, investigadores, estudantes e, eventualmente, por pessoal técnico, administrativo e auxiliar) eleitos democraticamente; que os que os assistentes e outros docentes possam transitar de umas instituições para outras por simples concurso documental; que os ex-assistentes que se encontram na situação de bolseiros do Instituto de Alta Cultura ou na situação de investigadores sejam imediatamente reintegrados na situação de assistentes sem trabalho docente, pelo período máximo de quatro anos, a fim de prepararem o seu doutoramento.

Considera ainda o documento que as bolsas do Instituto de Alta Cultura são **um meio falso para resolver o problema económico do assistente e do docente em geral,** pelo que os subscritores propõem um aumento efectivo e justo do seu vencimento, bem como das regalias de uma autêntica segurança social, eliminando-se as bolsas de estudo, **se bem que se admita a existência de um complemento de vencimento, incluído neste, só para o docente que trabalhe em dedicação exclusiva na investigação e no ensino.**

Por outro lado, é também pedida a alteração imediata do sistema de doutoramento, **tendo em conta a sua simplificação, especialização e definição como uma prova de capacidade científica que sirva apenas para aquilatar das possibilidades de o candidato poder prosseguir a carreira universitária.**

Os assistentes, investigadores e leitores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra propõem ainda que seja totalmente reestruturada a carreira docente e organizada a carreira de investigação, com base em propostas de todos os sectores interessados.

Carta aberta a Madalena Perdigão

Continuação da pág. 3

escreveu João de Freitas Branco, a 14 de Maio último:

«Ao seu talento de chefe de orquestra, de que ainda há pouco deu brilhantíssima prova na estreia em Portugal da 3.ª Sinfonia de Mahler, junta-se o do compositor, de produção já suficientemente significativa para lhe garantir um lugar na história da música portuguesa.»

Na sua qualidade de directora do Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, na sua qualidade de promotora da Cultura portuguesa, tem que me expor, senhora D. Madalena, as suas ideias quanto ao destino que devo dar à ópera que a Fundação Gulbenkian me encomendou.

Suponho que me vai responder, enunciando exaustivamente tudo quanto tem feito por nós, artistas portugueses. Se assim for, permitir-me-ei recordar-lhe algumas das muitas coisas que não fez por nós!

O SEGURO CONTRA O DESEMPREGO

Continuação da pág. 3

Oxalá, porém não venha assumir muita acuidade a criação do seguro referido, oxalá não se verifiquem muitos casos de necessidade de atribuições de indemnizações, já que o desemprego maciço, o chamado exército de desempregados, representa uma das nefastas características do sistema económico capitalista.

Para bom entendedor...

Continuação da pág. 5

ii. Quem põe tudo em pratos limpos é o sr. Mac Namara que entre outras coisas que aqui não digo foi presidente do Banco Mundial depois de ser secretário de Estado da Defesa dos Estados Unidos. E se alguém não acreditar no sr. Mac Namara é porque se trata de uma pessoa verdadeiramente difícil de contentar.

Disse Mac Namara em 1973: *«No Brasil, durante o último decénio, o produto nacional bruto por habitante subiu, em valor real, em 2,5 por cento em cada ano. No entanto, a parte do rendimento nacional recebido pelos 40 por cento dos mais pobres desceu de 10* por cento em 1960, de 8 por *cento em 1970; ao passo que os 5 por cento dos mais ricos passavam a receber respectivamente 29 e 38 por cento. Ou seja: o país desenvolveu-se de maneira satisfatória, mas os pobres não beneficiaram desse progresso senão marginalmente».*

O sr. Mac Namara o disse, e ele melhor do que ninguém o saberá, pois ninguém ignora *«as relações mais íntimas do que devera aqui dizer-se»* (como escrevia Fernão Lopes) entre as classes possidentes do Brasil e dos Estados Unidos. Como ninguém ignora a participação activa da CIA e da embaixada dos Estados Unidos na preparação do golpe de Estado brasileiro....

Está visto: o general Galvão de Melo não tem sorte com a televisão. Para dizer o que pretendia bastavam-lhe 5 minutos. Nenhum amigo foi capaz de lhe lembrar como são grandes 30 minutos na Televisão? Foi pena. Porque os amigos são para as ocasiões.

LIBERTE-SE DO SEU DIA A DIA

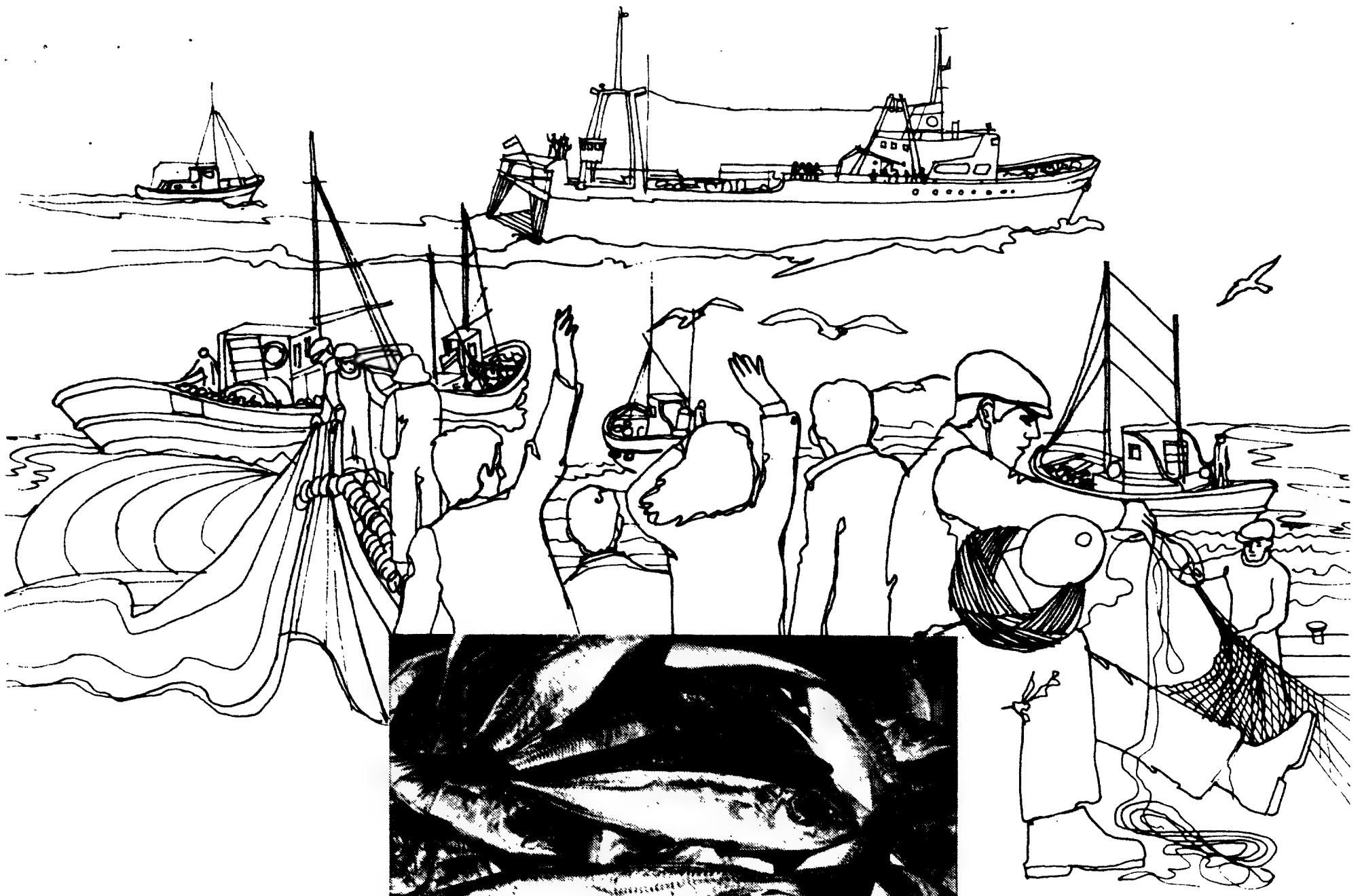
NÓS TEMOS PARA SI O MOTOR E O BARCO QUE LHE CONVÉM

Johnson

UMA FAMÍLIA DE MOTORES QUE PRESTA ASSISTÊNCIA À SUA FAMÍLIA

NÁUTICA BELLO & FILHO, S. A. R. L.

TRAVESSA DA PRAÇA, 4 - BELEM - LISBOA



o que é importante para o turismo

Para o Turismo, a Pesca é importante, porque assegura o abastecimento de produtos do mar em níveis quantitativos e qualitativos mais elevados, em condições mais adequadas de consumo e com uma distribuição mais equilibrada.
Para a Pesca, o Turismo é importante, porque garante uma continuidade de trabalho e um mercado de consumo permanente e em constante crescimento.
Para a Torralta, a Pesca é importante, porque através de inovações tecnológicas se conseguem melhores e mais abundantes capturas, o que se reveste de apreciável interesse pelo que representa como apoio directo à actividade principal da Empresa.

TORRALTA

UM LUGAR PARA SI NUMA SOCIEDADE PARA TODOS

PUBLITOTAL

DL/NACIONAL

Encontro Nacional de Trabalhadores Científicos

Efectua-se depois de amanhã na Aula Magna da Faculdade de Medicina de Lisboa, o Encontro Nacional de Trabalhadores Científicos, inicialmente marcado para o dia 22 do corrente mês. Objectivo principal deste encontro: a confrontação de diferentes pontos de vista sobre a política científica nacional e o estabelecimento das bases em que deve assentar a futura organização dos trabalhadores científicos.

Os trabalhos decorrerão de manhã e à tarde, das 10 às 13 horas e das 15 às 18.

No primeiro período serão apresentadas comunicações sobre três temas: papel da ciência no desenvolvimento económico do País; a ciência na defesa do património cultural do País; a formação profissional e a institucionalização das carreiras profissionais.

No segundo período será tratado o tema das perspectivas de actuação dos trabalhadores científicos, no plano sindical, e nos Centros e Institutos de Investigação.

A Comissão Organizadora do Encontro solicita que sejam apresentados textos escritos das diversas comunicações, informando que se esforçará para que esses textos venham a ser publicados em volume.

Quaisquer esclarecimentos podem ser solicitados à Comissão Organizadora pelos telefones 671042, 671186, 671195, e, pessoalmente ou por escrito, para a Avenida D. Carlos I, 126, 1.º em Lisboa.

ESCÂNDALO NO S. CARLOS

O povo em risco de não ver o Bolchoi de Moscovo

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Já tive ocasião de chamar a atenção nestas colunas para alguns aspectos do funcionamento do Teatro de S. Carlos, tendo em vista a efectiva democratização das suas actividades culturais. Dos artigos que publiquei parece ter de concluír-se seguramente — pelo menos ainda ninguém o desmentiu — que a acção daquele Teatro, caso se confine ao respectivo edifício, não é susceptível de democratização. Está demonstrado que a realização de espectáculos que envolvam grandes companhias internacionais, pelo seu elevado custo, não podem, numa sociedade democrática, ser levadas à cena no S. Carlos. Pelas seguintes razões: a) a pequena lotação do edifício exigiria a multiplicação do número de recitas, para satisfazer a procura; b) a democratização do acesso exigiria baixos preços, nunca superiores, na actual situação, a 50$00 no escalão mas elevado, **visto que a maior parte da lotação do S. Carlos é constituída precisamente pelos lugares melhores, e portanto, mais caros** ((o preço por cabeça, da plateia, ao camarote de 3.ª ordem, é sensivelmente o mesmo); c) a satisfação das duas condições anteriores representaria um aumento exagerado do financiamento do Estado, que antes deverá ser aplicado em investimentos muito mais úteis para a educação e a cultura deste País. Logo, na nova sociedade democrática, a Direcção do S. Carlos só tem uma solução (até que se construa um grande auditório polivalente que o público lisboeta há muito justifica): realizar esses grandes espectáculos no Coliseu. Mais: começar já a promover a descentralização da cultura, a esse nível, tirando um ou dois espectáculos a Lisboa para os realizar no Coliseu do Porto.

Considero, assim, extremamente grave que ao inaugurar a sua temporada de bailado, a Direcção do S. Carlos tenha insistindo nos métidos antigos. E é logo a Companhia de Bailado do Teatro Bolchoi de Moscovo que, depois do 25 de Abril, é encafuada no S. Carlos! Oficialmente, no momento em que escrevo estas linhas, nem sequer há a certeza de que se realizem quaisquer espectáculos no Coliseu! ...

O preçário, por outro lado, é bastante eloquente: para a plateia (e, portanto, por cabeça, para a maior parte dos lugares) 250$00 à noite ou 150$00 à tarde. Porquê esta distanciação tão marcada entre tarde e noite? São certamente restos da antiga tradição do espectáculo de gala nocturno. Aboliu-se a formalidade do «smoking» e do vestido comprido mas continuam a promover-se espectáculos só para algumas centenas de privilegiados da burguesia endinheirada. O preço de 150$00 à tarde já é incomportável para a bolsa de qualquer trabalhador; o seu agravamento para 250$00 à noite destina-se a impeli-lo em absoluto de assistir aos espectáculos após concluír o seu trabalho ... E mesmo assim, quanto não custará ao Estado esta série de espectáculos ingloriamente reservados a uma oligarquia, ao serviço da qual o S. Carlos continua docilmente a trabalhar ...

Será que não houve tempo de fazer um acordo com o Coliseu de Lisboa (e porque não, também com o Coliseu do Porto) para realizar aí **todos** os espectáculos? Será que os burgueses que pagam 150$00 e 250$00 no Coliseu (com subsídio do Estado) não podem sentar-se nas cadeiras de madeira, nem pôr o pé no piso (por alcatifar) do Coliseu? Será que as pesporrências dessa gente ainda não acabaram, mesmo neste plano elementar, que compromete o Estado e o seu Ministério da Educação? Que interesses é que a Direcção do S. Carlos pretende salvaguardar para insistir deste modo no esquema antigo, sem uma explicação sequer, sem uma satisfação pública, sem pôr o caso à discussão? Terá sido o assunto discutido ao nível dos novos responsáveis do Ministério da Educação ou fez-se tudo rotineiramente como se o escândalo que se está a preparar fosse a coisa mais natural deste mundo?

Não. Não venham agora responder que haverá, além dos espectáculos no S. Carlos, uma, duas ou três récitas no Coliseu. Como antigamente. Não: isso seria uma vez mais tentar legitimar o escândalo da discriminação social. **Nenhum orgão cultural do Estado pode estar hoje ao serviço da discriminação social.** Muito menos um orgão cultural no qual o Estado investe seis mil contos por ano (pelo menos). Se o edifício do S. Carlos não permite a democratização do acesso quando se trata de grandes companhias estrangeiras, a obrigação do Estado (através da Direcção do S. Carlos) é promover a realização dos espectáculos noutro recinto (neste caso no Coliseu) **ou não os realizar**. Não pode haver outra alternativa neste momento.

Os três ou quatro programas diferentes que o Bolchoi vem realizar a S. Carlos podem ser apresentados perante quinze ou vinte mil pessoas (se apenas forem utilizadas salas como a do Coliseu de Lisboa ou do Porto), a preços verdadeiramente acessíveis para a maioria esmagadora desse público, e com melhor administração dos dinheiros do Orçamento Geral do Estado. Não se compreende que sejam, exclusivamente ou tão só em primeira mão, apresentados a algumas centenas de grandes senhores, entre os antigos e novos «assinantes», para quem o S. Carlos, ao que parece, continua a ser uma coutada.

Além do mais, há ainda que considerar o lado político da questão, a que a própria Direcção do Teatro não foi talvez sensível: é que a opinião pública poderá julgar que se pretende privar o povo português da confraternização com a maior companhia soviética de Bailado que até hoje veio a Portugal. E quem tomará a responsabilidade da suspeita, isto é, do escândalo?

Alunos de Arquitectura

Amanhã, às 10 horas, efectua-se uma reunião geral de alunos de Arquitectura, na Escola Nacional de Belas-Artes, com a seguinte ordem de trabalhos: «Funções e atribuições, Informações, Saneamento e Provocação».

SOCIEDADE PORTUGUESA DE MARKETING

seminario internacional sobre

ESTRATÉGIA DE MARKETING NO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO-SOCIAL

oradores Qualificados técnicos de países de Leste (Polónia, Checoslováquia, Roménia e Jugoslávia) e portugueses.

programa
I – ESTRATÉGIA DE MARKETING NO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO SOCIAL
II – PROMOÇÃO DE VENDAS E CANAIS DE DISTRIBUIÇÃO PARA BENS DE CONSUMO
III – COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E 'JOINT VENTURES' (COMPANHIAS MISTAS)
IV – O PAPEL DO KNOW-HOW EM MANAGEMENT NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

horário das sessões Das 9.30 às 12 e das 15 às 17.30

data 4 e 5 de Julho de 1974

local FIL - FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

línguas Tradução simultânea - português, francês e inglês

inscrições Encontram-se abertas, na Sociedade Portuguesa de Marketing Avenida Elias Garcia, 172 - 2º - Esq. - Tel. 774457 - Lisboa
No preço da inscrição estão incluídos 2 almoços de trabalho.

spi
INTERNATIONAL MARKETING FEDERATION

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

FINS DE SEMANA em LONDRES
De 5as (ou 6as) a Domingos
JULHO • AGOSTO • SETEMBRO
Preços excepcionais desde* 2.500$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telefs. 2 70 11/2
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
DEPÓSITOS A PRAZO
(Superior a 1 ano renovável)
7%
AO ANO

MOTOSERRAS
PIONEER
NÁUTICA BELLO & FILHO, S.A.R.L.
TRAVESSA DA PRAÇA, 4
BELEM - LISBOA

DL/NACIONAL

ENCONTRO EM VOUZELA

Colocar o futuro nas mãos do povo é tarefa-base das autarquias locais

Entrevista conduzida por ARMANDO PEREIRA DA SILVA

António Alexandrino de Figueiredo Matos é um jovem licenciado, de 29 anos, eleito democraticamente para presidir à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Vouzela. Uma entrevista com ele impunha-se, na viagem profissional que fizemos recentemente pela região, sobretudo como exemplo do que se está a fazer no distrito de Viseu quanto ao saneamento das autarquias locais antes totalmente dominadas pela ex-ANP, braço condigno do regime fascista. António Alexandrino de Figueiredo constitui, por outro lado, símbolo claro de outro aspecto muito importante: a juventude dos quadros «atirados para a frente» pelo Movimento Democrático do distrito de Viseu que, numa zona extremamente despolitizada, conseguiu e preparou gente do povo, autopromovida nas Universidades, com grande esforço pessoal, e que resistiu a outras tentações e regressou à base para trabalhar convictamente ao lado dos seus concidadãos na luta contra a opressão, contra a miséria e contra a exploração. É o caso dos concelhos da região de Lafões, onde as autarquias municipais foram derrubadas pela vontade de milhares de pessoas, em assembleias populares, e todas elas ocupadas por quadros locais. A Comissão Administrativa de Vouzela engloba, além de António Alexandrino de Figueiredo Matos, mais duas pessoas de idade sensivelmente igual e ambas dedicadas ao ensino, tal como o presidente: engenheira Maria Teresa Figueiredo Fernandes e José Mendes da Silva, professor primário. Todos militantes do Movimento Democrático, muito interessados pela vida local, de cujos problemas nunca se alhearam. Eles, em todo o distrito, constituem a garantia de que o regime democrático conta com quadros para a vida nova a construir.

AS RAZÕES DA POBREZA

O concelho de Vouzela, no centro da região lafonense, tem estruturas fundamentalmente rurais. Zona com grandes possibilidades turísticas, não exploradas; de boa terra para a agricultura, sempre sujeita a produções que não serão as melhores; terra de floresta, riqueza mal aproveitada e, sobretudo, desviada dos seus fins, por não beneficiar directamente o povo da região. E estruturas administrativas condicionadas a interesses políticos limitados e longe da população.

— **O dinheiro do Município não era muito mas o que se fazia era sempre por razões políticas** — diz-nos António Alexandrino de Figueiredo — **A ANP controlava completamente as coisas, fazendo da Câmara um organismo político. Para mim, ser presidente do Município é um cargo fundamentalmente administrativo. Acabaram-se os melhoramentos** «côdeas» **na altura das eleições.**

Falando sobre as características locais, alimentadas pelo regime anterior:

— **Trata-se de uma zona de influência feudalista muito prolongada. Aqui, na vila, era o centro. Ainda hoje isto continua a ser dominado por duas ou três famílias. Era difícil fazer alguma coisa. Por exemplo: procurei, na minha escola, que ela fosse independente. Houve contudo uma reacção tremenda, sobretudo baseada em razões ideológicas, tanto mais que o ambiente é dominado por um clero reaccionário que esteve sempre com o antigo regime, metido na engrenagem local muito fechada. Este esquema beneficiou sempre os protectores da ignorância e concedeu nefasto primado à vila sede do concelho. Por isso, agora procuramos antes de mais adquirir uma visão de conjunto e descobrimos que os grandes problemas estão no resto do concelho. Verificamos também que nunca houve interesse dos mandões em promover um autêntico desenvolvimento. Mesmo os problemas do ensino tinham soluções políticas ou baseadas em bairrismo duvidoso.**

E quanto à apregoada pobreza:

— **Não, o concelho não é tão pobre como isso. Poderá até considerar-se rico. Basta que as suas condições sejam exploradas a favor do povo. É o que falta. Existem condições para o turismo, para a indústria, para a agricultura. E sobretudo para uma riqueza fundamental, que é a floresta. Mas a exploração florestal, além de muito completa, é desviada, actualmente, dos seus verdadeiros fins. A luta contra a presença soberana dos Serviços Florestais é comum a toda a região. Para nós, o seu apoio, como serviço público, deve resumir-se à técnica. A exploração económica tem de ser feita pelo povo e para o povo. A nossa pobreza resulta da exploração de que somos vítimas.**

E prosseguiu:

— **O mesmo se poderá dizer da economia camarária. O Município é pobre, sobretudo, porque é obrigado a suportar encargos que, na minha opinião, lhe não dizem respeito. Repare que metade do orçamento é para pagar, e mal, aos funcionários. Ora isso deveria competir ao Estado, dando-lhes o estatuto de funcionários públicos e regalias correspondentes, que muitos deles não têm nem a Câmara lhes pode dar. O mesmo acontece com outros serviços públicos que o Município suporta, como escolas e repartições, e cuja manutenção deveria pertencer integralmente aos respectivos Ministérios.**

O SANEAMENTO

Vouzela deu o exemplo, no distrito, para a mudança de processos. Numa ampla assembleia popular, no dia 5 de Maio, o povo marcou com firmeza a sua vontade de escolher livremente pessoas de confiança para a Câmara Municipal. Foram eleitas nove pessoas, que entre si nomearam a comissão. Já depois disso, algumas Juntas de Freguesia seguiram o mesmo processo. António Alexandrino de Matos tem as suas ideias sobre o assunto:

— **Urge demolir na base a má uina fascista. O povo rural corre o grave risco de continuar a ser burlado. A liberdade que foi restituída ao povo português pode não ser para eles.**

Por isso, a par do início de solução para problemas como o dos baldios, caminhos, electrificação e abastecimento de água, regresso do comboio, por si mesmos fortemente mobilizadores, António Alexandrino de Matos previa, quando com ele falámos, iniciar um programa de assembleias populares que elegessem, democraticamente, comissões administrativas para as Juntas de Freguesia do concelho.

Outros organismos precisam de saneamento. É o caso do Grémio da Lavoura, um tipo de instituição que provoca a mais cerrada má vontade de todos os agricultores.

— **O Grémio da Lavoura não pode continuar** — diz-nos o nosso entrevistado — **Há que transformá-lo numa associação livre, com certo aspecto sindical. Acabar com o carácter de comercialismo. Tem de ser útil na defesa autêntica dos interesses do agricultor e transformado em local de encontro de todos eles.**

Na mesma linha, a sua opinião sobre as Casas do Povo:

— **Não têm razão de existir. A Previdência Social deverá ser única e para todos, baseada numa política uniforme de saúde em que a profilaxia seja o objectivo principal. Os hospitais nacionais, bem apetrechados, deverão corresponder às necessidades.**

CASA DA MISERICÓRDIA (?)

Na mesma linha de pensamento, António Alexandrino de Matos fala-nos da Misericórdia local, que considera um dos problemas mais graves do concelho:

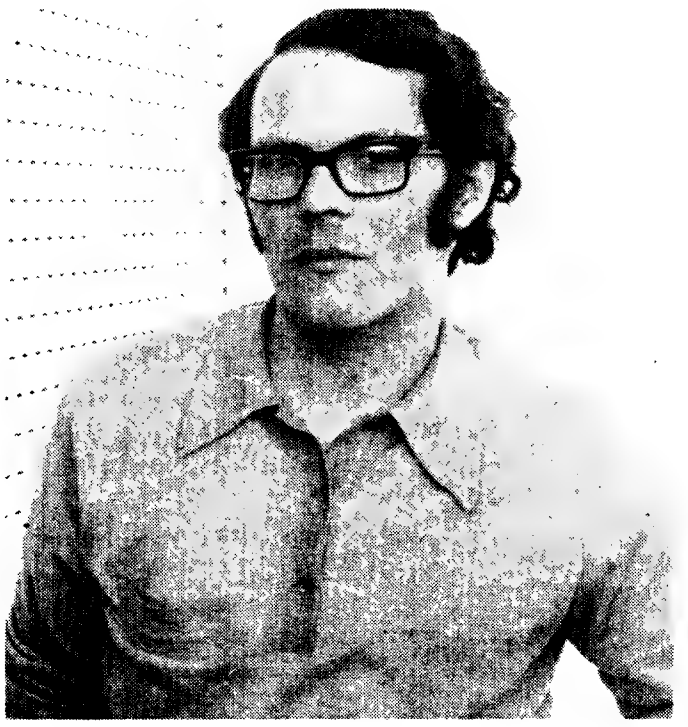
— **As Casas da Misericórdia deixaram há muito de saber o que significa a palavra misericórdia** — disse-nos — **A de Vouzela é a segunda mais rico do distrito. Apesar disso, nada tem sido, praticamente, feito em prol da assistência ao povo do concelho. Transformou-se quase numa clínica particular. A população queixa-se de que é explorada. As Mesas de gerência são eleitas pelos «irmãos», mas nem toda a gente tem acesso à irmandade. Sendo, portanto, uma irmandade de élite, a Mesa é-o forçosamente. E não pode, por isso, ir ao encontro do povo. Não cumpre aquela que deveria ser a sua finalidade básica.**

De facto — prosseguiu — **na Santa Casa só o património aumenta. Alguém sugeriu à Misericórdia que em vez de comprar prédios no Porto e em Lisboa deveria fazer casas no concelho, para dar ou alugar aos trabalhadores. Que não eram rentáveis — alegaram. Só depois do 25 de Abril é que parecem ter mudado um pouco de opinião. Sucede ainda que tem de acabar-se com essa coisa vergonhosa que são «os passaportes de pobre», ditos atestados sujeitos aos compadrios e arbitrariedades de Juntas de Freguesia não representativas. O que é preciso, pois, é que de futuro as Santas Casas se transformem em hospitais nacionais, abertos a toda a gente. Enquanto isso não suceder, devem ser democratizadas, não só nos serviços mas na abertura à eleição das Mesas.**

O ENSINO

A organização, que considera prioritária, de uma biblioteca pública funcional e activa; uma campanha de consciencialização política e esclarecimentos em todo o concelho, com vista à chamada às realidades do povo para sua própria defesa e da democracia; a criação de um jornal porta-voz desses interesses ao nível de toda a região do Vouga lafonense (já concretizada com a próxima publicação do «Vouga Livre» e um trabalho de ligação e conjunto entre todos os municípios da zona, já democratizados, são pontos importantes salientados por António Alexandrino de Matos. Mas, até como professor, o problema do ensino no concelho mereceu-lhe uma chamada especial. Afirmou-nos:

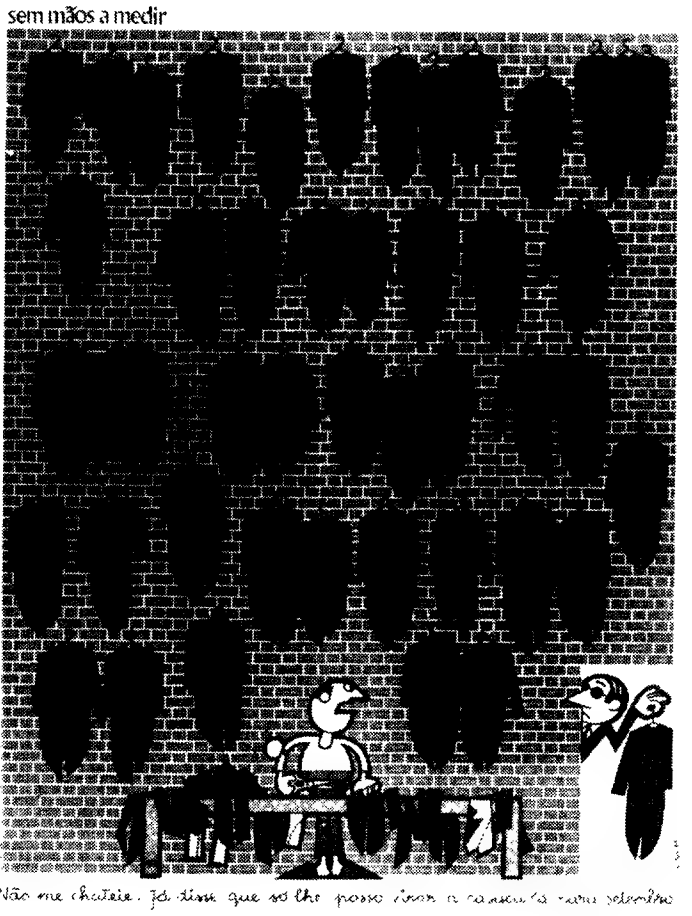
— **São muito precárias as condições do ensino na área deste concelho. As escolas primárias são em número insuficiente e estão instaladas em edifícios decadentes, já em estado de perigosidade. A quase totalidade das escolas primárias não têm água nem sanitários, nem recreios, nem instalações gimno-desportivas. Não existe ensino pré-escolar. Só na sede do concelho existe um jardim-escola, o qual não reune um mínimo de condições. Quanto ao ensino preparatório muitas crianças das zonas mais distantes não estão a frequentá-lo, por motivos óbvios de base socio-económica. Criar escolas não chega — é preciso resolver outros problemas. Existem ainda postos de telescola, também sem condições mínimas, e uma secção da Escola Técnica. Tudo isto, contudo, foi resolvido a título precário, de forma demagógica e com cunho político. As escolas devem ser livres, autónomas, independentes e responsáveis. Tudo isto anteriormente era negado tanto ao nível global como local. Como já lhe afirmei, tivemos aqui graves problemas de ordem ideológica e cultural.**



Antonio Alexandrino, «Urge demolir a máquina fascista»

Equipa jovem, disposta a trabalhar com o povo, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Vouzela contitui um exemplo entre tantos, justifica a urgência em derrubar as estruturas fascistas para salvaguarda da democracia que se conquistou e para início do trabalho urgente a fazer no interior. A necessidade imperiosa desse trabalho, nesta fase transitória, não pode ser negada por ninguém, nem adiada. Seguir tal caminho, seja a que título for, é desconhecer perigosamente a realidade e comprometer, por razões que não serão as do País, todo um processo de recuperação que não podemos deixar boicotar.

26
O 25 DE ABRIL
Por João Abel Manta
POSTER A CORES (76 x 61,5 cm) — PREÇO 45$00
À VENDA NA DELEGAÇÃO «DL» NOS RESTAURADORES, 7
(NÃO SE EXIGE CERTIFICADO DA JUNTA)



CENTROS DE FÉRIAS
EM APARTAMENTOS OU CHALETS EM
BAVIERA
ALGARVE
MADEIRA
ESPANHA
ESCÓCIA
CÓRSEGA
DESDE 47$00 POR DIA PESSOA
INFORMAÇÕES NA MUNDIRAMA
R.DO CRUCIFIXO Nº33/LISBOA 2
TELEFS 323633
324296
328856
363294
MUNDIRAMA
PEÇA PROGRAMA PASSAPORTES

EXECUTAMOS
TODO O TIPO DE
PINTURAS
STARKING
Calc. do Tojal
Lote I — T. 749101
BENFICA

DL/ESTRANGEIRO

HABITANTES DE KUNEITRA CELEBRAM A RETIRADA DAS FORÇAS ISRAELITAS

KUNEITRA (Síria), 27 — (U.P.I.-A.N.I.) — Centenas de cidadãos dançaram ontem de alegria nas ruas desta cidade maltratada pela guerra, cantando e gritando, para celebrar a sua libertação da ocupação israelita.

O presidente Hafez Assad colocou a bandeira síria em Kuneitra — a capital administrativa dos Montes Golan — às 4,42 da tarde de ontem, pela primeira vez em sete anos.

As tropas israelitas saíram da cidade às 4 da tarde de terça-feira, depois de destruirem diversos edifícios — revelaram residentes locais.

A cidade regressou à Administração síria duas horas mais tarde, o que completa o cumprimento do acordo de separação de tropas entre a Síria e Israel, assinado em Genebra, em 31 de Maio.

Somente 19 cidadãos de uma população inicial de 30 mil permaneceram na cadeia, desde que ela foi ocupada pelos israelitas na guerra de 1967. Centenas de habitantes regressaram hoje e só 10 casas permaneciam intactas.

CONSPIRAÇÃO NO EGIPTO

CAIRO, 27 — (R.) — Noventa e duas pessoas foram ontem formalmente acusadas de pertencerem a «uma organização armada clandestina», que tentou apoderar-se da Academia Militar Técnica do Cairo, em Abril do ano corrente, como parte de uma conspiração para derrubar o presidente Anwar Sadat.

Um despacho de pronúncia emanado do procurador da República, Hussein Osman, identificava Saleh Sarreya, como o chefe da conspiração.

Sarreya, de 37 anos, de origem palestiniana e viajando com passaporte iraquiano, foi preso 24 horas após o abortado ataque à Academia, em 18 de Abril.

O procurador havia já dito que Sarreya, funcionário da Liga Arabe, fora quem organizara o ataque à Academia no qual morreram 11 pessoas (incluindo vários guardas do estabelecimento militar), e ficaram feridas outras 27.

O despacho ontem publicado acusava Sarreya e os principais réus de conspirarem para um golpe armado ao tentarem assaltar a Academia, para utilizar as suas armas e veículos, num ataque a um comício da Comissão Central da União Socialista Arabe, onde estava presente o presidente Sadat.

Presos políticos bascos fazem greve da fome

BILBAU, 7 (F.P.) — Treze presos políticos acusados de pertencerem à organização nacionalista basca ETA iniciaram há três dias uma greve da fome, soube-se aqui ontem de boa fonte.

Aqueles presos pretendem deste modo manifestar a sua solidariedade com um camarada — José Maria Zabarte Arregui — que a direcção da cadeia castigou por causa de uma discussão com um funcionário.

Os grevistas exigem, por outro lado, que acabe a censura ao seu correio, que é redigido em língua basca e trazido pelas famílias a quando das visitas.

José Maria Zabarte Arregui fora condenado no dia 12 do corrente a 34 anos de prisão. O Conselho de guerra de Santander aplicou-lhes esta pena devido à sua participação no rapto do rico industrial de Pamplona, Felipe Huarte.

CALEIDOSCÓPIO

DEMISSÃO EM MASSA — Os 15 ministros do Gabinete chileno, assim como os subsecretários, governadores de província, presidentes de municípios e outros funcionários demiter-se-ão hoje em massa como um «acto de deferência» para como o novo «Chefe Supremo da Nação», general Augusto Pinochet, que ontem assumiu aquele cargo (R).

«ESQUADRÃO DA MORTE» — OVS CORPOS DE SETE PESSOAS CUJA ASSASSINÍO SE ATRIBUI AO «Esquadrão da Morte», foram descobertos nos últimos dias no Estado do Rio de Janeiro — revela hoje a Imprensa local (FP).

PEDIDO REJEITADO — O Governo mexicano rejeitou ontem o pedido de resgate apresentado pela «Brigada Rural de Acção do Partido dos Pobres» dirigida pelo guerrilheiro Lúcio Cabanas, para a libertação do senador Ruben Figueroa, raptado há 28 dias. «A ordem pública não pode ser objecto de negociações» — declarou o ministro da Justiça. Os guerrilheiros pediam quatro milhões de dólares e a libertação de presos políticos (FP).

ACORDO IRÃO-FRANÇA — A França e o Irão concluíram ontem um acordo sobre a «utilização pacífica da energia nuclear», ao terminar a visita que efectuam à França o Xá Reza Pahlevi e sua mulher, a imperatriz Farah (EFE/ANI).

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
DEPÓSITOS À ORDEM
ATÉ 50 CONTOS
3%
AO ANO

OS CRUZADOS DO TERROR (2)

Por MAURICE DENUZIÈRE
Exclusivo «Le Monde»/«DL»

O terrorismo, utilizando homens psiquicamente condicionados, é hoje não apenas uma operação de chantagem política mas um meio — mais ou menos eficaz — de relações públicas.

Se o terrorismo é um método de luta dos mais constestáveis para apoiar uma causa nacionalista ou fazer triunfar um ideal revolucionário, quando é aplicado ao banditismo reveste todos os aspectos da mais abjecta criminalidade.

Inspirando-se nos atentados com móbeis ideológicos, os assaltantes de bancos estão a reter, cada vez mais com mais frequência, reféns entre o pessoal ou a clientela dos estabelecimentos que atacam. Por vezes, escolhem ao acaso as suas vítimas, como foi o caso, em 15 de Maio último em Champigny, onde bandidos, que acabavam de ser mal sucedidos no ataque a um estabelecimento bancário, fizeram sete reféns, entre os quais cincos crianças, para conseguir os necessários meios de fuga. Cercados pela polícia, os criminosos agiram desse modo, praticando o sequestro e a chantagem com a morte relativamente às pessoas em cuja casa se refugiaram a força. Os desequilibrados, informados pela publicidade que não pode deixar de se dar a tais actos, agem da mesma maneira. Bandos de vadios, a coberto de manifestações equívocas — são da extrema-esquerda ou da extrema-direita? — molestam norte-africanos ou burgueses proprietários de bons carros, tentam criar, ao sábado à tarde, no Bairro Latino, incidentes com a polícia, dos quais tirarão partido para pilhar algumas montras quebradas.

Na Sicília, na Itália talvez, e certamente nos Estados Unidos, a Mafia pratica uma forma discreta de terrorismo para consolidar ou manter a sua influência. Nos nossos dias, a chantagem como determinados polícias a aplicam em Nova Iorque relativamente aos guardas dos parques de estacionamento ou dos proprietários de clubes nocturnos, é também, um terrorismo...privado!

O exemplo mais espectacular de um acto de terrorismo com móbil sórdido e-nos dado pelo que se passou nos Estados Unidos — onde dezoito mil pessoas morrem anualmente por meio de armas de fogo? — em 10 de Novembro de 1972. Nesse dia, três homens armados, um bandido evadido da prisão e dois indivíduos procurados por rapto, tinham-se apoderado de um aparelho da Southern Airlines logo após o mesmo ter descolado de Birmingham. Durante vinte e nove horas, os bandidos submeteram os passageiros — trinta e um — e a tripulação a uma odisseia aérea de autêntico pesadelo no dizer de Helen Shafer. Os bandidos tinham exigido um resgate de 2 milhões de dólares, que receberam após oito escalas técnicas. Haviam, entretanto, ferido o co-piloto e ameaçado fazer despenhar o avião sobre a central nuclear de Oakbridge (Tennessee). O aparelho, com os pneus rebentados pelas balas dos agentes do FBI, acabou por aterrar de emergência em Havana, onde Fidel Castro que sabe fazer a destrinça entre refugiados políticos e bandidos, tratou os piratas como ladrões e assassínos ordinários.. O que eram!

A tendência actual, escreve Gaston Bouthoul, *é para acrescentar ou pretextar motivos ideológicos que se sobrepõem aos motivos políticos ou às actividades de rapina. É assim que, determinados raptos de reféns, sequestros e desvios de aviões são apresentados como acções políticas «indealistas». O banditismo adorna-se, assim, para a ocasião, com cores de um ideal cuja generosidade poderia atenuar, aos olhos da opinião, actos que, de facto, revelam a mais banal criminalidade. Os palestinianos, lutando pela expulsão de Israel dos territórios que eles consideram pertencer-lhes por direito, receiam os concursos espontâneos de desconhecidos, agindo a coberto da capa da causa, por motivos apenas pessoais e, por vezes, sórdidos.* Foi assim que, o rapto do director do Banco de Bilbau, em Paris, Balthazar Suarez, que foi sequestrado durante vinte e um dias pelos membros de um agrupamento de acção revolucionária, não tinha por único objectivo senão as pretensões políticas apresentadas pelos raptores. Estes, com discreção, haviam reclamado igualmente um resgate, que lhes foi pago!

Este terrorismo é do domínio da repressão do banditismo e ninguém se deixa iludir por ele, nem tão-pouco os anarquistas, cuja filosofia, bastante delicada, é reivindicada por um bom número de malfeitores vulgares.

A GUERRA DOS FRACOS

O outro terrorismo, o dos vencidos, que não têm nem os recursos nem os meios para travar uma guerra aberta, o dos grupos subversivos que se manifestam contra o Estado ou outras facções, os dos revolucionários que não podem esperar tomar o poder pelas vias democráticas, constitui, no mundo de hoje a verdadeira ameaça. A opinião internacional é unânime em condenar o banditismo, mas adquire gradações quando a política se mistura realmente às motivações dos terroristas. Os meios continuam a ser idênticos, porém, os fins são diferentes.

Dois terroristas têm actualmente um lugar à parte no mundo. Aquele que a Irlanda conhece, e, por tabela, a Grã-Bretanha, e aquele outro que os palestinianos levam bem além das regiões árabes.

O primeiro constitui, talvez, a forma mais horrível do género, pois, aparece como uma guerra civil larvada. Exasperados, uma contra a outra, duas comunidades enfrentam-se num conflito ao mesmo tempo ideológico, social e religioso, por intermédio de tropas e de comandos aguerridos, que não se poupam. Sem a presença do exército britânico, uma das facções teria podido sucumbir, porém, este obstáculo intermédio aumenta a irritação de uns e encoraja os outros a usar os mesmos processos contra os quais solicitam ajuda e protecção.

O segundo terrorismo estruturado, aquele que os palestinianos praticam, tomou toda uma dimensão diferente. Para além do conflito localizado no Médio Oriente, a luta pela reconquista dos territórios é uma revolução conduzida pelos diversos movimentos dos palestinianos. Não têm nenhum escrúpulo em enviar os seus comandos seja onde for e desde que possam atingir, de forma espectacular, Israel, mas, é certo, também os seus aliados ditos «imperialistas». São combatentes tanto mais temíveis quanto é certo que dispõem de uma alibi moral, de apoios importantes no campo socialista, e que são arrastados por uma fé intransigente.

No plano de preparação sicológica — doutro modo, como levar um homem normal a disparar sobre seres, indefesos, como aconteceu em Atenas ou em Fiumicino, para não falar já da tragédia de Maalot? — *eles seguem*, dizem os especialistas destas questões, *uma doutrinação de ódio que pesa muito no seu comportamento e neles — gente frequentemente rude ou de cultura superficial — aniquila todos os sentimentos das mais simples humanidade.*

Depois de Narodnaia Volia, que exerceu violências na Rússia a partir de 1870, não se tinham visto terroristas animados por uma tão fria determinação. *Já não se contam os golpes de mão audaciosos, os desvios de aviões, as ocupações de embaixadas com retenção de reféns, os atentados e as execuções conduzidas pels «fedayin», os quais, para justificar as suas sangrentas empresas, têm à sua disposição esta frase de Khidder:* Há uma lógica da violência e ela tem de ser levada até ao fim.»

Porque, diz Jean Guitton, *aquele que continuasse a ameaçar sem nunca executar, ameaçaria em vão, tal como o pai que anuncia ao filho que o punirá e, afinal, nunca o castiga. É preciso, pois, por vezes tomar a ameaça um facto, e é esse o motivo por que alguns reféns são cruelmente executados.* Foi por isso, também, que, em 22 de Julho de 1970, quando tomaram, em Atenas, um *Boieng* da Olympic Airways, os «fedayin» obrigaram as pessoas a deitar-se por terra, dispararam rajadas de metralhadoras por cima das suas cabeças. Os gritos das mulheres e das crianças fizeram crer às testemunhas que eles executavam os seus reféns! Tais actos, o massacre de Fiumicino, ou o da escola de Maalot, por exemplo, provocaram tanta indignação na opinião que a causa daqueles que recorrem a tais extremos não pode deixar de sofrer.

É bem verdade que os grupos palestinianos que se comprometem numa operação arriscada, se apresentam frequentemente na acção sob nomes de comandos diferentes

Continua na pág. 15

SIAMPauto

Compra, venda e troca automóveis das melhores marcas

Mercedes 280 SE Coupé c/ muitos extras de fábrica - 1970
Mercedes 220 D — 1974
Alfa Romeo 2000 GTV como novo - 1973
Mercedes 220 D — 1969, 1970, 1971, 1972, e outros
Alfa Romeo Spider 2000 fins de 1972
Mercedes 280 SE, 4 portas - 1970
Alfa Romeo 2000 GTV, fins de 1972
Mercedes 250 SE Coupé — 1966
Porsche 911 e com suspensão 911S, sem averbamento, 1970
Mercedes 220 a gasolina — 1971
Peugeot 504 a gasolina, com tecto de abrir — 1972
Mercedes 250 SE com motor Diesel, ar condicionado, estofos em pele, vidros de cor, direcção assistida e outros extras, 1967
Mercedes 220 SB com motor 220 D - 1967
Mercedes 200 D — 1968
Firenza 2300 como novo — 1972
Renault 12 TL — 1971
Morris Club Man, 1972

Ainda outras marcas para todos os preços
Com a garantia dos nossos serviços de assistência
SIAMPEL
Procurenos porque temos o automóvel que lhe convém

SIAMPauto
AVENIDA GENERAL ROÇADAS, 157 - B
Telefs. 844498 - 861053 - 861062/3

DESCUBRA O EXTREMO ORIENTE
POR 25 000$00 OU
1.545$00 mensais
Visitando: TÓKIO HONG-KONG BANGKOK
INFORMAÇÕES E RESERVAS
Rua Rosa Araújo, 2 - Tel: 536871 - LISBOA
Meliá
na sua rota pelo mundo

DL/ESTRANGEIRO

Continuação da pág 14

OS CRUZADOS DO TERROR

uos conhecidos para dependerem das organizações principais. Estes nomes são, no entanto, suficientemente indicativos para situar o sentido do desvio do avião ou da agressão... Se as coisas correm verdadeiramente muito mal, os responsáveis palestinianos desaprovarão muito oficialmente a acção e alguns governos árabes pedirão mesmo que se lhes confie os territórios dissidentes para os castigar!

Um outro paradoxo ainda do terrorismo, considerando os seus processos, o sangue inocente que se verte até, a sua vaidade, é o facto de aparecer aos olhos daqueles que o organizam ou o comandam como uma arma inquietante que eles estão certos de poder continuar a dominar mesmo depois de a situação evoluir. Os hábitos contraídos nesta forma de guerra fazem com que os homens conservem «uma espécie de exaltação fúnebre» que os pode incitar a querer regularizar sempre tudo aos tiros! Para um chefe político que use o terrorismo e que possa desejar um dia inspirar respeito e confiança, há uma dose de sangue vertido que não deve ser ultrapassada, sobretudo quando se trata do sangue de mulheres e crianças, cuja existência não prejudicaria em nada a sua ascensão!

Qual é, portanto, afinal de contas, a eficácia do terrorismo? No plano político, é nula se as acções empreendidas não conduzirem a uma verdadeira guerrilha ou a uma revolução de massa. Na América Latina, após numerosas acções **terroristas espectaculares (rapto de diplomatas e de industriais, etc.)** não parece que os «guerrilheiros urbanos» tenham conseguido abalar o poder. O mesmo acontece quando o terrorismo apoia causas que as populações envolvidas recusam aceitar, ou quando os terroristas têm pela frente poderes determinados a não ceder à chantagem.

Na Argélia, o terrorismo da F.N.L. conduziu à rebelião e, depois à guerra da independência, porque estimulou uma **tomada de consciência das populações muçulmanas perante a repressão dos «colonos» que desprezavam a sua personalidade. Em Cuba o terrorismo conseguiu derrubar o regime de Batista, porque a união se fez contra um poder detestado,** que não deixava nenhuma via democrática aos seus opositores. Nos dois casos, no entanto, as ajudas externas não foram negligenciáveis e as aprovações de ordem moral foram **numerosas. O terrorismo subversivo é uma estratégia subtil.** Os comandos são necessários para cometer atentados espectaculares e demonstrar que uma força activa escapa ao controlo de um exército e de uma polícia. Mas, ao mesmo **tempo, e preciso enfraquecer** e economia, espalhar a discórdia entre os administrados e a administração, suscitar greves, corromper a confiança, aterrorizar o capital, provocar a repressão, o que desconsiderará a polícia e o poder constituído.

O terrorismo custa caro à sociedade. Mobiliza forças, obriga os cidadãos a sofrer controLOS — no aeroporto, por exemplo —, cria uma psicose de insegurança nas populações e, finalmente, traz a lume as fraquezas de um regime que mais não tem do que ceder o lugar, por pouco que no exterior das suas fronteiras aqueles que apoiam ideologicamente os revolucionários — Estados ou grupos de pressão — lhe suscitem alguns aborrecimentos suplementares.

Exactamente, um terrorismo bem doseado e sem efusão de sangue teria, como contrapartida, alguma eficácia? Proclamando sempre que não está emocionado nem impressionado pelos atentados bombistas, o governo francês não deixou de acordar aos corsos, depois dos referidos atentados, ocorridos durante estes últimos meses, devidos a grupúsculos, cujas actividades são desaprovadas pela maioria dos insulares, uma baixa nos preços dos transportes e a universidade que os eleitos da ilha reclamavam há já muito tempo. Sem Jean Kay, o assaltante de aviões idealista, ter-se-iam enviado espontaneamente 40 toneladas de medicamentos para o Bangladesh?

Pode, e com razão, deplorar, escreve Roland Gaucher em «Les Terroristes», *esta extensão e esta difusão da violência que, mesmo quando não prevê a efusão de sangue, corre esse risco, e que substitui a negociação por uma linguagem de força ou com aparência de* força.

Porque toda a guerra entre Estados ideologicamente opostos pode conduzir a um conflito planetário e consequências terríveis, **o terrorismo tende, cada vez mais, a substituir um confronto entre exércitos. Ele intrevém quando as pressões políticas, diplomáticas ou económicas, não levaram a qualquer resultado. E atraves do mundo, o exutório tolerado pelas potências minoritárias, cujas aspirações apoiam, canalizando-as com bastante astúcia, para não se comprometerem elas próprias em conflitos que, talvez, as viessem a aniquilar. A C.I.A. aqui o K.G.B. ali, o serviço chinês acolá, levam** ajuda e assistência técnicas aos terrorismos subversivos para tentar fazer cair ideologicamente no seu campo países onde reina a incerteza política. Os colonialistas não usarem outrora os mesmo métodos, ao apoiar, na África ou na Índia, eeterminada facção contra ou-jtra?

Próximo artigo: TERRORISTAS DE TODOS OS PAÍSES, UNIVOS!

SIAMPauto

Compra, vende e troca automóveis das melhores marcas

AGENTES EXCLUSIVOS E GARANTIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA À MARCA

SKODA

SKODA 1100 COUPÉ E 1100 DE LUXO

A POSSIBILIDADE DE ADQUIRIR UM CARRO NOVO SÓ POR 67.000$00

SKODA

ASSISTÊNCIA GARANTIDA NAS NOSSAS OFICINAS SIAMPEL

R. LEITE DE VASCONCELOS, 74 - B — LISBOA

SIAMPauto

AVENIDA GENERAL ROÇADAS, 157 - B

Telefs.: 84 44 98 - 86 10 53 - 86 10 62/3

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

EMISSÃO DE 200000 OBRIGAÇÕES

1ª fase

autorizada por Portaria de Sua Excelência o Ministro das Finanças, de 16 de Novembro de 1973, publicada no Diário do Governo, III série, n.º 273, de 22 de Novembro de 1973.

TÍTULOS DEFINITIVOS

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas da emissão em epígrafe que, a partir da presente data, poderão dirigir-se às instituições de crédito onde foram efectuadas as subscrições, a fim de procederem ao depósito das cautelas com vista à sua troca pelos títulos definitivos, que se iniciará em 1 de Julho p.f.

JUROS

Avisam-se também os Senhores Obrigacionistas que a partir do dia 1 de Julho se começará a processar o pagamento do cupão nº 1 (32$50 líquido).

Lisboa, 27 de Junho de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DL/NACIONAL

ENTREGUE AO CONSELHO DE GERÊNCIA NOVA PROPOSTA REIVINDICATIVA DOS TRABALHADORES DOS C.T.T.

O novo caderno reivindicativo dos trabalhadores dos C. T. T. foi entregue hoje, ao fim da manhã, ao conselho de gerência da empresa pública pela Comissão Pró-Sindicato, tendo o acto sido sublinhado por uma manifestação de apoio dos trabalhadores. A nova proposta foi aperfeiçoada e ratificada, ontem à noite, por cerca de trezentos delegados de trabalhadores de todo o País, no decorrer de uma reunião efectuada na cantina dos C. T. T., no Arco do Cego.

O caderno considera como reivindicações imediatas as seguintes:

Subsídio de férias a 100 por cento, com início em 1 de Janeiro de 1974; desconto de 75 por cento nos medicamentos, aviáveis em qualquer farmácia; gestão das obras sociais por parte dos trabalhadores e reestruturação imediata das mesmas; «controle» da direcção do serviço do pessoal por parte dos trabalhadores; ingresso dos assalariados e de todo o pessoal não incluído em carreiras, a trabalhar em regime permanente nas carreiras e níveis existentes; seja imediatamente levado a efeito o indispensável saneamento da empresa; que aos trabalhadores com mais de cinco anos de categoria seja imediatamente concedida a promoção ao nível seguinte; que aos trabalhadores que permaneceram mais de sete anos numa categoria seja imediatamente revista toda a sua carreira, tendo em vista a sua promoção ao nível seguinte ou seguintes; aumento de ordenados de acordo com uma tabela, cujo mínimo se cifra em 4 500$00, devendo ter efeitos retroactivos a partir de 1 de Maio do corrente ano; e ainda uma uniformização de horários, tendo em vista a actual disparidade dos mesmos.

No decorrer da reunião foi ainda divulgado o conteúdo de uma resposta da Comissão Pró-Sindicato dos trabalhadores ao esclarecimento do presidente do conselho de gerência da empresa, eng.º Cunha Serra, sobre a situação actual e os acontecimentos verificados durante a greve geral. No que se refere à greve de zelo apontada pelo eng.º Cunha Serra como existente neste momento na Estação Central do Terreiro do Paço, afirma a Comissão Pró-Sindicato:

«O comentário misturando a greve total com a greve de zelo induz facilmente a ideia de que ambas são dirigidas pela C. P. S.

É um grave erro na medida em que anteriormente houve uma paralisação de trabalho na E. C. C. contrariada pela Comissão Pró-Sindicato e que ao pôr termo à greve geral por decisão em assembleia de delegados, não deu esta Comissão qualquer ordem de greve de zelo.

«A Comissão Pró-Sindicato desconhece-a e apenas tem constatado a existência de grande e natural acumulação de serviço comprovada facilmente pelo volume de correspondências que diariamente é distribuido pelos carteiros.

Isto pode ser facilmente verificado por quem quizer (e já alguns orgãos de informação o fizeram).

«Se as greves dos trabalhadores dos C. T. T. «correm o risco» de serem consideradas mais políticas do que económicas, adiantaremos que qualquer acto humano é um acto político, pois os problemas de todas as pessoas são problemas políticos os problemas políticos são problemas de toda a gente. Agora que a greve geral foi devida a um factor económico não devidamente atendido pelas entidades responsáveis é uma verdade que não pode ser escomoteada nem alterada.»

A Comissão Pró-Sindicato refere ainda no seu documento:

«Esperemos também, e mais uma vez estamos de acordo com o eng.º Cunha Serra, que... «regressada a serenidade aos espíritos a eficiência dos C. T. T. seja retomada e aperfeiçoada no interesse do público que todos servimos e no dos próprios trabalhadores da Empresa...» assim como esperamos dentro do mesmo interesse que se melhorem as condições de vida de todos os trabalhadores dos C. T. T.

«Tranquilamente indiferente a todas as acusações e confrontos, a Comissão Pró-Sindicato confia na próxima normalização da situação.

«Em aditamento a este esclarecimento ponto por ponto, acrescentaremos que aguardavamos com certa ansiedade até as declarações do sr. eng.º Cunha Serra porque esperávamos que fossem afirmados pontos importantes que testemunhou, bem como os outros membros do Conselho de Gerência, como sejam:

1.º — Quem foi que se levantou da mesa das negociações e primeiro abandonou a sala; 2.º — Desde quando a Comissão Pró-Sindicato havia retirado das negociações o ponto n.º 4 do caderno, referente às 35 horas de trabalho semanal.»

30 000 aderentes reivindica o P.P.D.

«O número total de aderentes do Partido Popular Democrático ultrapassa já os 30 000», afirmou o dr. Francisco Pinto Balsemão num comício realizado ontem em Torres Vedras.

No comício, que registou a presença de muitas centenas de pessoas, usaram também da palavra os drs. Ferreira Júnior e Moura Guedes.

O dr. Pinto Balsemão forneceu ainda outras informações sobre o actual desenvolvimento do P.P.D.: «Foram criados núcleos em todas as capitais de distrito e em mais de metade dos 304 concelhos do Continente e das Ilhas Adjacentes. Enquanto se completa a implantação do partido a nível concelhio, principiou já a acção nas freguesias, sobretudo na grande Lisboa e no grande Porto. O P.P.D., que surgiu há dois meses, enfrenta agora uma surpreendente e positiva crise de crescimento e é necessário organizá-lo cada vez melhor, para que possa servir os interesses dos seus filiados, bem como os de todos os que, não sendo filiados, nele votarão.»

O dr. Pinto Balsemão afirmou que a orientação do P.P.D. se insere na social-democracia de tipo europeu e preconizou um regime presidencialista, para definir depois a posição do seu partido em relação à solução do problema colonial:

«Acreditamos que, a melhor maneira de um povo escolher o seu caminho será a realização de um referendo, devidamente controlado, no qual possam votar todas as pessoas inscritas em cadernos de recenseamento alargados. Aceitamos todas as consequências desses referendos, entendendo, porém, que nos territórios ultramarinos que venham a autodeterminar-se no sentido da independência, Portugal deverá procurar preservar de forma adequada os interesses morais, culturais e económicos que tem em comum com as respectivas populações.»

MORREU O DIRECTOR DA P.I.D.E.-D.G.S. EM ANGOLA

LUANDA, 27 — (A.N.I.-L.) — Notícias chegadas de Pretória informam ter falecido naquela cidade, onde se encontrava hospitalizado, o dr. Aníbal São José Lopes.

O dr. São José Lopes fora o último director da P.I.D.E.-D.G.S. de Angola, cargo que desempenhou durante muitos anos. Fora enviado para Timor, após os acontecimentos de 25 de Abril. Inesperadamente, surgiu a notícia de que não chegara ao seu destino e se encontrava internado num hospital sul-africano.

OCUPADA A TIPOGRAFIA -ESCOLA DA CVP

Convém ignorar os deficientes físicos das Forças Armadas?

«Desde as 8 e 30 que ocupámos as instalações da oficina da tipografia-escola da Cruz Vermelha Portuguesa, aqui no anexo do Hospital Militar Principal. Assim continuaremos até serem satisfeitas as nossas reivindicações. Basta de exploração» — afirmou-nos José António da Mota Vieira, representante eleito dos trabalhadores. **Nesta tipografia-escola trabalham nove deficientes físicos das Forças Armadas, vítimas da guerra colonial. Encontram-se ali também dois civis que imediatamente apoiaram as pretensões dos outros trabalhadores.**

O problema salarial é um dos pontos principais do seu caderno reivindicativo. Estes homens ganham, neste momento, ordenados que não ultrapassam os 2800$00. Exigem, por isso, aumentos da ordem dos mil escudos.

Pretendem um horário de 40 horas semanais em 5 dias; prioridade absoluta aos deficientes físicos na admissão de novos empregados; comparticipação do pessoal da Tipografia em 50 por cento dos lucros, revertendo o restante para o desenvolvimento das oficinas, férias de 30 dias anuais e décimo-terceiro mês. De salientar, que estes trabalhadores tinham já um mês de férias, mas não recebiam subsídio.

A tipografia-escola, segundo nos disseram alguns trabalhadores, tinha mensalmente um subsídio de 16 mil escudos. Desde há algum tempo deixou de aparecer. **«Desviado para outros lados»** — explicaram-lhe na Cruz Vermelha quando pediram uma explicação.

Na exposição enviada ao ministro da Defesa, os trabalhadores afirmam que «a direcção da Tipografia sempre actuou como um elemento refreador das propostas de melhorias oriundas dos trabalhadores, evitando progressos que esta poderia ter obtido com alguma facilidade» e «o delegado da Cruz Vermelha para ali nomeado era um mero vigilante do trabalho dos restantes elementos e o encarregado das questões de ordem financeira — pagamentos, recebimentos e contabilidade — como se os trabalhadores não estivessem em condições de se auto-responsabilizar pelo exercício das suas funções.»

Os deficientes físicos das Forças Armadas a trabalhar nesta Tipografia pedem «a criação de um Conselho de Direcção composto pelos 4 deficientes físicos em serviço na Tipografia e a autonomia administrativa e financeira deste serviço.»

Até agora as duas exposições enviadas ao ministro da Defesa e ao presidente da Cruz Vermelha foram ignoradas. Inclusivamente, o presidente da C.V. devolveu aos trabalhadores a sua exposição, numa atitude que estes consideram «**provocatória**».

Estes trabalhadores exigem a passagem da Tipografia para a Associação dos Deficientes das Forças Armadas, «libertando-se da tutela paternalista da Cruz Vermelha, do enquadramento folclórico que a caridosa equipa da C.V.P. tanto lhe gosta de atribuir.»

No seu comunicado sobre o silêncio acerca das suas reivindicações, os trabalhadores da tipografia-escola afirmam: «Não foi sempre a posição oficial a de que os deficientes físicos devem ser o mais possível ignorados por **não convir** revelar a sua existência?».

NOTAS VÁRIAS

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Toma amanhã posse, no Ministério do Equipamento Social e Ambiente, a nova comissão de fiscalização da Companhia das Aguas de Lisboa, constituída pelos engs. Henrique Oliveira e Sá, presidente e José Beja Neves e dr. António Rodrigues Malta. A informação foi dada pelo secretário de Estado das Obras Públicas aos dois representantes do pessoal da Empresa que recebeu ontem ao fim da tarde.

PROCESSOS DOS EX-PIDES

Dezenas de advogados que integram a comissão indigitada pela respectiva Ordem para colaborar na instrução dos processos dos elementos da ex-Pide-DGS, reuniram-se, ontem à noite, na antiga sede daquela Polícia, na Rua António Maria Cardoso. Foram escolhidos os advogados que constituirão as comissões Jurídica e de Legislação. Estas comissões vão trabalhar com a Polícia Judiciária Militar, à qual está afecta a instrução dos processos. Entretanto, foi criado no Estado-Maior General das Forças Armadas um serviço de coordenação com vista à completa extinção da ex-D.G.S. e ex-Legião Portuguesa. Preside a esse serviço o vice-almirante Rosa Coutinho, da Junta de Salvação Nacional.

PORTUGAL E BULGÁRIA

Os embaixadores de Portugal e da Bulgária em Paris, assinaram ontem o acordo que estabelece as relações diplomáticas entre os respectivos países, segundo declarou a Embaixada do nosso País em França.

Diamantes recuperados ao voarem para a Suíça

Quarenta e nove diamantes, num valor aproximado de 10 mil contos, foram, ontem, impedidos de sair de Portugal, quando já voavam com destino à Suiça.

Tais valores eram transportados num compartimento falso de uma mala. Com eles, ficaram detidos quatro indivíduos — três dos quais vindos há pouco de Angola — que alguém denunciou, quando já haviam embarcado num avião da Swissair, o qual se viu obrigado a voltar a descer na Portela. Ao que parece, a denúncia partiu de duas pessoas que neles reconheceram traficantes de jóias.

Chamam-se Ilídio Mendes da Cruz, Manuel Pinto, José da Costa e João Ferreira de Magalhães. Os detidos, depois de ouvidos pelas autoridades alfandegárias e pela Guarda Fiscal, foram enviados aos tribunais.

RECRUDESCE A VIOLÊNCIA

Continuação da pag. 1

des» terem fugido para a Africa do Sul ou Rodésia ou então, o que seria bem mais grave, que surja qualquer forma de reacção organizada, dado ser já do conhecimento de sectores bem informados que elementos da extrema-direita se reunem regularmente de madrugada, em determinados locais, contactando telefonicamente com o exterior deste Estado.

De realçar ainda, que ontem chegaram de Dar-Es-Salaam nove elementos ligados aos democratas que estiveram cerca de 20 dias em conversações com dirigentes dos movimentos de libertação. Os orgãos de Informação apesar de terem comparecido no aeroporto, não se puderam referir ao acontecimento nem reproduzir entrevistas.

COIMBRA

REMÍGIO DOS SANTOS RODRIGUES

Comerciante

Lúcia Codinha Rodrigues, seus filhos Jorge Codinha Rodrigues, sua esposa Fausta Maria da Fonseca Viegas Rodrigues, sua filha Isabel Maria Viegas Rodrigues, Vítor Manuel Codinha Rodrigues, sua esposa Maria Madalena Cardo Matias de Carvalho Codinha Rodrigues, seu filho Nuno Vítor Cardo de Carvalho Codinha Rodrigues, Isabel Rodrigues Eden, seu marido Goulart Eden e filhos e demais família participam às pessoas das suas relações de amizade o falecimento do seu amuito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente.

O corpo do saudoso extinto encontra-se na capela da Igreja de Nossa Senhora de Lurdes de Montes Claros, em Coimbra, onde, hoje, pelas 16 e 30, será celebrada missa de corpo presente, finda a qual se realiza o funeral para jazigo do cemitério da Couchada.

Agência Adelino Martins, Rua Corpo de Deus, 118-120, Coimbra; telefone 24825.

DL NACIONAL

O controlo da Imprensa é tarefa ingrata mas necessária

-na opinião do P.P.D.

«A liberdade de expressão e o direito à informação têm de ser constitucionalmente consagrados e garantidos aos cidadãos sem o que não existirá verdadeiro Estado de direito, condição da democracia», refere um comunicado do Partido Popular Democrático que se debruça sobre o problema da Informação.

Acrescentando depois que «a existência daqueles direitos é imcompatível com regimes de prévia censura e autorização» e que «o regime policial preventivo é característico do Estado despótico», em que vivemos até ao Movimento do 25 de Abril, o documento do PPD, que analisa a recente criação da comissão «ad hoc» para a Informação, frisa que «abolida a censura, urge institucionalizar um regime jurisdicional repressivo, característico do Estado de direito, em que, mantendo-se o livre uso da liberdade, se discipline o mesmo, punindo-se os seus abusos mediante decisão dos tribunais».

APARECERAM ALGUNS EXCESSOS

No prosseguimento da sua análise, o documento foca o tempo decorrido sem censura nem lei depois do Movimento das Forças Armadas, acentuando que a Imprensa portuguesa em geral, bem como os demais órgãos de Informação, mantiveram um apreciável nível de civismo.

«Apareceram contudo alguns excessos e expressou-se em certos sectores limitados a convicção de que a liberdade de expressão não teria limites, chegando a defender-se a possibilidade de pugnar por atitudes punidas pelas leis gerais e pelas leis militares, desde que isso correspondesse à convicção de cada qual.

«Por outro lado, a possibilidade de livre expressão conferida pelo 25 de Abril, terá levado, naturalmente, alguns profissionais da Informação a colocarem esta ao serviço das suas posições partidárias ou ideológicas com evidente prejuízo da objectividade noticiosa.

«Por esta atitude — acrescenta o documento — se bem que explicável pelo momento histórico que vivemos, terá tido, no entanto, a vantagem de demonstração de um estatuto que assegure à rádio e à televisão oficiais o carácter de independência e pluralismo que lhes confere o facto de serem pertença de **todos** os portugueses e não desta ou daquela corrente de pensamento.»

DISCIPLINA NA INFORMAÇÃO

Após a referência de que o PPD não possui ainda qualquer órgão de Informação e que está neste campo particularmente à vontade, o documento aborda a criação da Comissão de controlo para a Informação, afirmando que «esta não foi iniciativa apenas do Governo Provisório, visto que, prevista no programa, a sua necessidade foi reconhecida pelo Conselho de Estado, sendo o Regulamento da Comissão aprovado pela J.S.N. e a sua execução confiada às Forças Armadas».

E mais adiante: «O regime transitório adoptado vem neste momento ao encontro da real necessidade de uma disciplina para os órgãos de comunicação social não implicando o restabelecimento da censura.

«Nele, o que há de mais contestável, é o sistema de sanções administrativas, que mesmo na actual situação pós-revolucionária só pode aceitar-se transitoriamente e com a possibilidade, por esta consagrada, de recurso para os tribunais comuns de jurisdição ordinária.

«O regulamento da Comissão, pela generalidade de algumas das suas alíneas, envolve contudo riscos sérios para os órgãos de Informação e para os próprios jornalistas.

«No contexto actual cabe à direcção dos jornais e aos conselhos de redacção um papel especialmente importante na disciplina da informação e no respeito pelas leis gerais do País, que vive ainda um clima de restabelecimento da normalidade e de caminho para a institucionalização da democracia.»

Por último, a tomada de posição do PPD aponta o facto de que «entregue a elementos das Forças Armadas o controlo dos órgãos de Informação, através de um sistema que não é de prevenção policial, mas sim de repressão administrativa, todos temos de confiar que na execução dessa tarefa ingrata, mas necessária, a comissão respeitará a liberdade de expressão e de informação e a missão dos jornalistas, actuando com moderação e critério.»

Calendário de exames do Ciclo Preparatório e do ensino Técnico e Liceal

Foram fixados os calendários dos exames escritos do Ciclo Preparatório (tanto dos cursos normais como dos supletivos e de adultos) e do Ensino Secundário (Técnico e Liceal).

Os exames do Ciclo Preparatório decorrerão de 8 a 10 de Julho, para a 1.ª chamada e de 17 a 19 para a segunda chamada. No dia 8 realizam-se as provas de *Língua Portuguesa* e *História* e *Geografia de Portugal;* no dia seguinte, as de *Matemática* e *Ciências da Natureza;* e, no dia 9, as de *Francês* e *Inglês.* No caso dos Cursos Normais as provas decorrerão da parte da manhã (às 9 e 11 e 30) e para os Cursos Supletivos e de Adultos o horário é nocturno (às 19 e 21 e 30). A ordem por que serão feitas as provas é a mesma para todos estes cursos.

O Ensino Técnico tem o seguinte calendário: *Português,* 1.ª chamada, dia 8 de Julho, e 2.ª chamada dia 17; *Francês,* 1.ª chamada, dia 9, e 2.ª chamada, dia 18; *Inglês,* 1.ª chamada dia 10. e 2.ª dia 19; *Aptidão Profissional,* 1.ª prova dia 11, e 2.ª prova dia 22. Todas as provas começam às 10 horas.

Os exames do Ensino Liceal, respeitante ao Curso Complementar, 1.ª chamada, começarão no dia 8, com as provas de *Francês* às 9 horas e *Matemática* às 11 e 30; no dia seguinte, há provas de *Filosofia* e *Português;* no dia 10, de *Ciências Físico-Químicas* e *História;* no dia 11, de *Inglês* e *Desenho;* no dia 12, de *Ciências Naturais* e *Latim;* no dia 15, de *Alemão* e *Geografia;* e, por fim, no dia 16, de *Grego.* A 2.ª chamada deste curso decorrerá entre os dias 17 e 26.

O Curso Geral funcionará com o calendário que se segue: dia 17, *Português e Geografia;* dia 18, *Francês e Matemática;* dia 19, *História e Físico-Químicas;* dia 22, *Ciências Naturais e Desenho;* e, dia 23, *Inglês e Desenho* às 9 e 11 e 30, respectivamente. A 2.ª chamada do Curso Geral está marcada para o período que vai do dia 24 de Julho ao dia 2 de Agosto.

Terminada a greve em Aveiro três bacalhoeiros fizeram-se ao mar

AVEIRO, 27 — Partiram ontem para o mar, directamente desta cidade, os arrastões bacalhoeiros «Brites», «Santa Isabel», «Coimbra» e «Lutador», que durante três semanas estiveram paralisados neste porto. A partida verificou-se depois das suas tripulações terem visto elevados os salários de 1500$00 e 2200$00 para 4400$00 e 5000$00, respectivamente para «moços» e «empregados».

Sobre este diferendo, o comandante-tenente Macedo Alvarenga, comandante do porto de Aveiro, disse-nos que foi fácil lidar com os pescadores porque eles são a melhor gente que o País tem, desde que não sejam enganados pois fartos disso estão eles.

UM 25 DE ABRIL VIVIDO NO ALTO MAR

O Arrastão «Águas Santas», da praça de Aveiro, comandado por Victor Balcão e com uma marinhagem de 64 homens, encontrava-se há dois meses e meio na faina da pesca quando o 25 de Abril eclodiu.

Através da «Voz da América» e da «Voz da Alemanha» tiveram os tripulantes conhecimento do que acontecera em Portugal e o pescador José Pimentel disse-nos:

— Foi uma alegria extraordinária. Soubemos que estávamos num país livre. Festa não houve porque esta vida não dá para festas mas fizemos uma união enorme com os nossos colegas que estavam emterra a lutar por nós. Fomos acusados de virmos para o mar para fugir à tropa ou à guerra colonial. Isso não é verdade, só viemos governar a vida que em terra não conseguíamos.

Entretanto, a tripulação do «Águas Santas», quando o barco se encontrava em St. Jones a meter combustível e conhecedora de que o contrato de trabalho que estava assinado quando saíram para o mar tinha sido revogado, exigiu do comandante que o novo contrato assinado pela SNAB e pelos sindicatos representativos entrasse em vigor desde a altura em que foram para o mar, não concordando todavia com as percentagens desse contrato, reivindicando outras regalias que a empresa armadora, por telex, afirmou não poder satisfazer...

Isto motivou quatro reuniões com o consul de Portugal naquela cidade canadiana e como não se chegou a acordo, os 46 homens que se tinham posto em greve (apenas no que respeita à faina da pesca) manifestaram o desejo de regressarem a Portugal e, esgotadas todas as possibilidades de entendimento, ameaçaram o consul de que ou no dia imediato (19 de Junho) o barco regressava ao País ou eles abandonariam o navio.

E ontem, o «Águas Santas», pelas 10 horas da noite, atracou ao ancoradouro da gafanha da Nazaré, na presença de um milhar de pessoas.

PREJUÍZOS

A bordo estiveram o comandante do porto e autoridades marítimas, começando imediatamente um inquérito, sendo-nos afirmado pelo comandante Alvarenga de que «a priori» parecia estar-se na presença de um crime de desobediência devido ao qual, pelo Código Penal e Disciplinar da Marinha Mercante, poderão os infractores incorrer na pena de um a seis meses de cadeia.

Acresecente-se que ao contrário de notícias postas a circular no País não se registaram quaisquer desacatos a bordo e muito menos naquela cidade canadiana.

Os prejuízos causados à empresa por este prematuro regresso do «Águas Santas» rondarão os 4.000 contos, tanto mais que o barco tinha apenas neste momento 6.000 quintais de bacalhau e 60 toneladas de congelados, para um carregamento, respectivamente, de 16.000 quintais e 600 toneladas.

Aviso ao público para que denuncie os crimes da PIDE

Para extinção completa da ex-Direcção-Geral de Segurança e ex-Legião Portuguesa foi criado no Estado-Maior do Exército um Serviço de Coordenação presidido pelo vice-almirante Rosa Coutinho.

Entretanto vão ser levantados processos de averiguação para referência e registo dos factos e ocorrências de carácter criminoso em que possam estar implicados elementos daquelas duas corporações.

Em relação à ex-Legião Portuguesa os respectivos processos estão já em curso, conforme o comunicado de 12 de Junho e divulgado pelos órgãos da Informação.

Quanto ao processo da ex-Direcção-Geral de Segurança, segundo refere a nota agora vinda a público, necessariamente muito mais vasto, já se dispõe da colaboração espontânea de várias entidades, designadamente a Ordem dos Advogados e a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. Por outro lado, o Governo Provisório, especialmente através dos Ministérios da Justiça e da Administração Interna, está também a prestar a sua melhor colaboração para este processo, que se desenvolverá no âmbito do foro militar.

Entretanto torna-se necessário fazer um apelo público para mais completa referenciação dos crimes cometidos pela DGS e seus funcionários e responsáveis.

Pede-se assim que todo o cidadão que tenha conhecimento de crimes ou abusos cometidos pela extinta PIDE/DGS, o comunique por escrito, em carta registada, ao respectivo Centro de Investigações, instalado na Cadeia de Caxias, Pavilhão Sul, Caxias.

Nos relatos deverá ser indicado expressamente: local, data, e se possível hora, em que se registou o crime ou ocorrência; identificação ou elementos referenciadores dos intervenientes, tanto das possíveis vítimas como dos presumíveis culpados; testemunhas, com a identificação mais completa possível e a identidade completa e morada do relator.

Durante o decorrer do processo, o Serviço de Coordenação através dos órgãos de Informação, manterá o País ao corrente da sua evolução, sem quebra do necessário segredo de Justiça.

"O MEDO GUARDA A VINHA"

A casa da Madeira ocupada por engano por Forças Militares

Forças militares comandadas por um capitão tomaram posição na noite de anteontem no interior da Casa da Madeira (Rua do Século). Na rua, apenas cinco madeirenses pediam autorização para entrar ou, pelo menos, para falarem com algum elemento da direcção, pois desejavam reunir-se naquela casa regional. Este será mesmo o motivo do rebate falso que levou o presidente da direcção a pedir a protecção das autoridades militares.

Na véspera, dois daqueles madeirenses, depois de se haverem dirigido pessoalmente ao edifício da Casa da Madeira para tentarem falar ao presidente que não estava presente, contactaram com este por telefone pedindo que lhes fosse cedida uma sala para a reunião, à semelhança do que já haviam feito os açorianos na Casa dos Açores com plena concordância da direcção açoriana. Era intenção daqueles elementos preparar um encontro mais tarde com a colónia madeirense em Lisboa, a fim de estudarem a maneira de apoiar a democratização da sua ilha e, ao mesmo tempo, por sugestão de um elemento afecto à direcção da Casa, estudarem uma proposta de angariação de novos sócios.

O presidente, dr. António Teixeira de Sousa, ex-presidente da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, ex-deputado e actual governador do Banco de Angola, respondeu pelo telefone que seria preciso combinar em pormenor a dita reunião tendo indicado que se poderia encontrar com os responsáveis pela iniciativa no próprio dia 25 cerca das seis da tarde.

Entretanto, por falta de contacto, não foi possível avisar os outros três ou quatro interessados, que compareceram, à hora prevista, para serem surpreendidos pela ocupação militar.

O capitão começou por dizer-lhes que ninguém podia entrar, apesar de não saber qual o motivo da ocupação. Mais tarde, declarou, com muito bom humor, que tinha sido pedida a intervenção militar por se temer que a Casa fosse invadida por duas ou mais centenas de pessoas. Esclarecido o equívoco, recolheu ao interior do edifício onde se manteve por mais algum tempo, até receber ordem para retirar.

Os madeirenses que tiveram conhecimento da caricata situação comentavam ontem pela cidade que «o medo guarda *a vinha que não o vinhateiro*».

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE COIMBRA

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCAÇÃO

Usando da faculdade que me confere o artigo 39.º n.º 1 dos estatutos, convoco a assembleia geral deste sindicato para o dia 28 de Junho de 1974, pelas 22 e 30 horas, no salão de festas da FNAT, Rua António Granjo, n.º 6, em Coimbra, com a seguinte ordem de trabalhos:

1) Aperfeiçoamento do CCT
2) Nova Sede
3) Alargamento dos corpos gerentes e rectificação pela assembleia geral dos nomes propostos pela actual direcção.

Coimbra, 25 de Junho de 1974.

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
Carlos Manuel Lourenço Dias

LIMITAÇÃO DE VELOCIDADE

Sem prejuízo de outros limites inferiores de velocidade sinalizados ou impostos pelo Código da Estrada

AUTOMÓVEIS LIGEIROS DE PASSAGEIROS SEM REBOQUE	NAS ESTRADAS FORA DAS LOCALIDADES	80
MISTOS SEM REBOQUE MOTOCICLOS SIMPLES	NAS AUTO ESTRADAS	100
RESTANTES VEÍCULOS INCLUINDO PESADOS	NAS ESTRADAS FORA DAS LOCALIDADES	60
	NAS AUTO ESTRADAS	OS VALORES FIXADOS NO CÓDIGO

RESPEITE OS LIMITES DE VELOCIDADE

Aspiradores S 200 e S 204 electrónico

Dois dos modelos mais aperfeiçoados da gama MIELE

- regulação da força de sucção
- grande capacidade
- tubo de aspiração telescópico
- enrolamento automático do cabo e muitas outras vantagens com a garantia

Miele

Agente Oficial:
FRIGÁS, LDA.
Rua Álvaro Coutinho, 20
Rua Maria, 43 C
Telef.: 849107 - 847215
LISBOA

DL/GERAL

Extinta a administração do Serviço de Transportes Colectivos do Porto

Por decreto-lei hoje publicado, foi extinto o conselho de administração do Serviço de Transportes Colectivos do Porto e criado, transitoriamente, em sua substituição, um conselho de gerência, que entra imediatamente em funções.

A medida foi tomada tendo em conta **«as situações anómalas que se verificam a nível da administração do S.T.C.P.»** e ainda **«a necessidade imperiosa de assegurar o normal funcionamento daquele Serviço de Transportes Colectivos»**.

O conselho de gerência agora criado é composto por um presidente e dois vogais, cabendo-lhe as funções que pertenciam ao conselho de administração extinto. A nomeação dos seus membros compete, em conjunto, aos ministros da Administração Interna e do Equipamento Social e Ambiente, precedendo resolução do Conselho de Ministros.

GRUPOS DE TRABALHO DA FACULDADE DE ECONOMIA

Os alunos da Faculdade de Economia do Porto deverão inscrever-se, a partir de hoje e até depois de amanhã, nos grupos de trabalho obrigatórios. O prazo só será alargado para casos excepcionais, devidamente fundamentados, até ao dia 3 de Julho. Estes trabalhos constituem a primeira fase do processo de apuramento de conhecimentos do corrente ano lectivo.

EMBAIXADOR DA TAILÂNDIA

Em cerimónia que decorreu esta manhã, no Palácio de Belém, o novo embaixador da Tailândia em Lisboa, coronel Vicha Dhitavat, fez entrega ao Presidente da República das respectivas cartas credenciais.

SINDICATO DAS ARTES GRÁFICAS

As reuniões dos delegados de Lisboa e províncias do Sindicato das Artes Gráficas passam a realizar-se às segundas, quartas e sextas-feiras, na sede do Sindicato, na Rua da Barroca, 107, 1.º, em Lisboa.

CENTRO DO PCP EM ODIVELAS

Por lapso, na nossa notícia ontem publicada sobre o novo Centro de Trabalho do Partido Comunista Português em Odivelas, indicávamos que o mesmo ficava instalado na Rua Guilherme Gomes Fernandes, 16,2.º-Esq, em Loures. Corrigimos a informação: o Centro do PCP fica instalado na mesma rua e número, mas em Odivelas.

MANIFESTAÇÃO EM SABROSA

Efectua-se no domingo, às 15 horas, no Largo das Fontainhas, em Sabrosa, uma manifestação de apoio ao Movimento das Forças Armadas, a que presidirá o poeta Miguel Torga.

CICLO PREPARATÓRIO

(1.º CICLO — PARA ADULTOS)

Prepare-se, sem sair de casa (por correspondência), para os exames a realizar no próximo ano lectivo de 1974/75 (em Junho de 1975). Matricule-se desde já, e até o próximo dia 16 de Setembro, para início dos estudos em 1 de Outubro. Preço: 4 000$00 (quatro mil escudos) o curso completo, até ao exame final. Pagamento adiantado. Cursos por correspondência do professor Simões Neves, fundados em 1952. Atendemos alunos de Lisboa ou de qualquer ponto do País, pelo Correio ou pessoalmente. Rua do Poço dos Negros, 23-4.º, Dt.º — Lisboa-2.

Pessoalmente — atendemos às terças, quartas e quintas-feiras, das 15 às 20 horas.

FÁBRICA DE TINTAS DECORA S. A. R. L.

Av. Fontes Pereira de Melo, 35-19.º A
LISBOA

São convocados os Srs. Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária desta Empresa no próximo dia 15 de Julho de 1974, às 12 horas, na Av. Estados Unidos da América, 97, 1.º, Esq.º, em Lisboa, a fim de:

Eleger novos corpos gerentes.

Lisboa, 25 de Junho de 1974
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Rogério Fernandes Ferreira

CONTINUAÇÃO DA ASSEMBLEIA REGIONAL DO SUL DO SINDICATO DOS MÉDICOS CONVOCATÓRIA

A Comissão Directiva da Secção Regional de Lisboa do Sindicato dos Médicos e os restantes Corpos Gerentes, comunicam que a Assembleia Regional do passado dia 21, continua no próximo dia 28 (sexta-feira) do corrente, pelas 21.30 horas, na Sala de Conferências do Hospital de D. Estefânia, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Estruturação do Sindicato Médico — Debate das propostas de orgânica provisória e linhas gerais de estrutura apresentadas pelas Reuniões Inter-Regionais (conclusão);
2. Caixas de Previdência — Modificações ocorridas e a ocorrer na sua estrutura. Atitude dos médicos;
3. Comissões eleitas e a eleger — Eleição da Comissão da Informação e outras. Actividade das Comissões designadas.

Lisboa, 24 de Junho de 1974
Pel'O Sindicato Médico (Secção Sul)
O Presidente da Assembleia Regional
a) **Orlando Leitão**

ESQUENTADORES franceses
E.L.M.
água quente barata!
Agora com DISPROGAZ (patenteado)

Astróloga RUT

Torne a sua vida mais fácil andando a resolver seus problemas. Só senhoras. Marcações. T. 991709, até às 12 horas. Vai a casa.

ASTRÓLOGA SARA

Ajuda a resolver seus problemas. Só Senhoras. Tel. 66 73 69.

3 PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

AMENDOIM **ISRAEL**
ARROZ **TREVO**
ESPECIARIAS **TREVO**

MADAME MARQUET

Será rezada missa por alma de Madame Marquet, na próxima terça-feira, dia 2 de Julho, na Igreja de S. Luís dos Franceses pelas 12,30 horas.

MADRID
8 DIAS
TUDO INCLUIDO DESDE
5.012$00
4 DIAS (FIM DE SEMANA)
TUDO INCLUIDO DESDE
3.992$00

BARCELONA
8 DIAS
TUDO INCLUIDO DESDE
6.650$20
4 DIAS (FIM DE SEMANA)
TUDO INCLUIDO DESDE
5.885$20

CIRCUITO ANDALUCIA
8 DIAS
MADRID E ANDALUCIA
TUDO INCLUIDO DESDE
7.310$00

Escolha um destes "tours". Todos têm a garantia da qualidade Iberia. Mundicolor inclui passagens, hotels e excursões. Procure o alegre sol de Mundicolor na sua Agência de Viagens. Ali, a realidade marca encontro com os seus projectos.

MUNDICOLOR IBERIA

Nota: Os preços indicados referem-se a viagens com partida de Lisboa. Mediante um pequeno suplemento, poderá igualmente partir do Porto ou de Faro.

A VIAGEM QUE SONHOU FEITA REALIDADE

Belarte

DL NACIONAL

QUEM RESPONDE PELA DERROCADA DO PRÉDIO DO CONDE REDONDO?

Quem responde pela recente derrocada de um prédio na Rua do Conde Redondo? Eis a pergunta que a Associação dos Inquilinos Lisbonenses lança, num comunicado distribuído aos jornais.

A Associação denuncia: Se sempre houve desastres, apesar das sucessivas chamadas de atenção, é porque eles aproveitam a alguém. «Os senhorios vêem nessas derrocadas uma excelente e grátis oportunidade de rescindirem os contratos de arrendamento, venderem o terreno ou reedificarem para negócios especulativos, sem as indemnizações que seriam devidas».

Pelos desastres, prejuízos materiais e famílias sem lar, ninguém tem assumido a responsabilidade. «Só os inquilinos sofrem os prejuízos».

«Nova derrocada, na Rua do Conde Redondo. E quem responde pelas responsabilidades? Quem indemniza os prejuízos e onde vão alojar-se as famílias? Se os serviços camarários foram advertidos dos perigos e não se procedeu às necessárias medidas de segurança; se duas horas antes ainda ali estiveram os bombeiros, e disso nada resultou, a quem cabem as responsabilidades? E indispensável averiguá-las!»

Acrescenta a Associação dos Inquilinos: «Parece evidente que alguém deve indemnizar os prejuízos materiais dos inquilinos, e que se a Câmara, pela sua icuria costumeira, consagrada por um regime que se supõe ter ruído, ainda deixa que isto aconteça, deve, antes de mais nada, assegurar a habitação às famílias que moravam no prédio, e proceder a rigoroso inquérito para que isto não continue a suceder. De resto, parece que, havendo já uma inquirição aos actos das vereações anteriores, isto ainda deriva dessas responsabilidades, porque ainda as câmaras continuam a considerar-se irresponsáveis e ilibadas destes desastres».

O jornalista João Gomes presidente das Casas do Povo

O jornalista João Gomes acaba de ser nomeado pelo ministro dos Assuntos Sociais para a presidência da Comissão Administrativa das Casas do Povo. O despacho do ministro Mário Murteira reconduz João Gomes em funções de carácter público já que havia recentemente deixado a RTP e as importantes funções para que havia sido nomeado.

Tendo sido, nos últimos treze anos, jornalista profissional, o dr. João Gomes é diplomado pela escola superior de jornalismo de Lille (França), tendo estagiado no jornal «Le Monde». Já no exercício da sua actividade profissional trabalhou durante onze anos no «Diário de Lisboa», onde exerceu o cargo de subchefe da Redacção. Na revista «Flama» foi chefe da Redacção e há dois anos ingressou no quadro redactorial da «República», onde também exerceu o cargo de subchefe. Com a nomeação de Vitor Direito para subdirector passou à chefia da Redacção daquele jornal. Foi presidente da Casa da Imprensa em 1970 e 71.

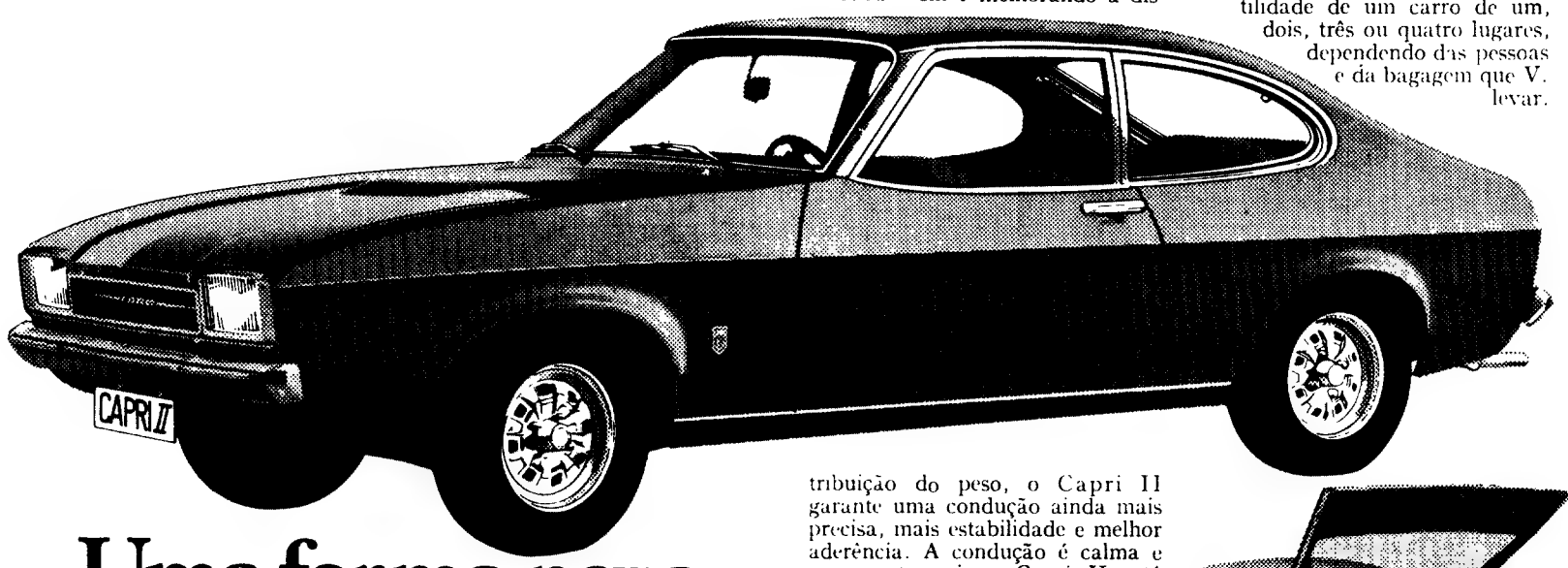
Quem esteve em 6 de Junho no Intendente?

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas, a pedido do director do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos, solicita e agradece a comparência no referido Laboratório dos indivíduos, civis ou militares, que testemunharam um incidente ocorrido no passado dia 6 de Junho, pelas 20 e 30 horas, na Travessa Cidadão João Gonçalves, ao Intendente.

Os indivíduos em questão deverão dirigir-se ao director do referido laboratório ou à comissão representativa dos trabalhadores do Laboratório Militar, na Avenida Dr. Alfredo Bensaúde, Olivais Norte, telefone 31 41 62.

CIESA-NCK adapt

Aí está o novo Ford Capri II.



Uma forma nova cheia de novas ideias práticas.

Novo estilo de um aerodinamismo eficiente

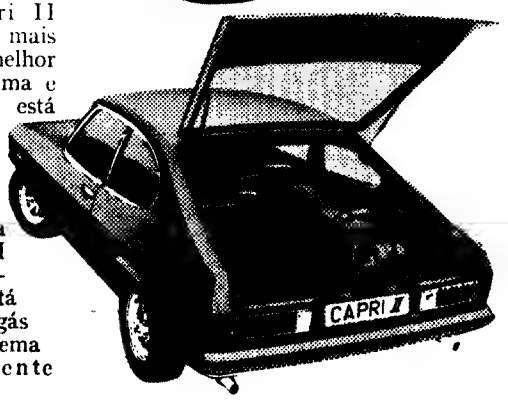
O Capri II tem agora linhas mais suaves, é mais baixo e mais funcional. Razões de estilo e não só. Os testes em túnel de vento provaram que a concepção do Capri II é inultrapassável em performance e em aceleração: oferece menos resistência ao vento. Dispõe, além disso, de mais 14% de área envidraçada, para maior visibilidade em toda a volta.

Novo no comportamento em estrada e novo na condução

Aumentando a largura da via traseira 6 cm e melhorando a distribuição do peso, o Capri II garante uma condução ainda mais precisa, mais estabilidade e melhor aderência. A condução é calma e repousante pois o Capri II está eficazmente isolado de ruídos e vibrações.

Nova porta traseira

Para mais fácil acesso à zona de bagagem, o Capri II possui uma ampla porta traseira. Para seu conforto, está munida de amortecedores de gás facilmente manejáveis e sistema de vedação absolutamente estanque.



Novos bancos traseiros rebatíveis

No Capri II, o banco de trás dobra-se totalmente, dando 3 vezes mais espaço para bagagem (610 dm3). Para ainda maior espaço, o banco ao lado do condutor dobra-se também para a frente. Nos modelos GT, os bancos traseiros dobram-se separadamente de modo a ganhar a versatilidade de um carro de um, dois, três ou quatro lugares, dependendo das pessoas e da bagagem que V. levar.

Motores económicos e de elevada performance

A eficiência e duração dos motores do Capri II foram testadas em centenas de corridas e rallies e a sua segurança e economia em milhões de quilómetros feitos no tipo de condução do dia-a-dia.

Você pode escolher entre um 1.300 L com 75 BHP e consumo de 8,4 l., um 1.600 XL com 82 BHP e consumo de 9,1 l., ou um 1.600 GT com 100 BHP e consumo de 9,2 l., ou ainda um 3.000 GT com 159 BHP e consumo de 10,5 l.

Assistência fácil Manutenção económica

O Capri II trabalha com um rendimento e economia máximos durante os 10.000 quilómetros entre as revisões. Encontrará uma assistência impecável e económica em qualquer dos 32 concessionários Ford na Metrópole (6.000 por toda a Europa).

O que é que não mudou?

Essencialmente o «nervo» do Capri. Quisemos que ele continuasse a ser o carro de resposta pronta que sempre foi. Porque esta é uma constante das preferências dos que escolhem Capri. A outra é o seu alto valor de revenda.

Vá já ver o Capri II ao seu Concessionário Ford!

CAPRI II

o compromisso mais arrojado entre o belo e o funcional

Ford

FORD À FRENTE!

DL/DESPORTOS

SOBRE FUTEBOL

SINDICATO DOS JOGADORES VAI HOJE AO MINISTÉRIO

O prof. dr. Eduardo Correia, ministro da Educação Nacional, recebe esta tarde a direcção do Sindicato dos Profissionais de Futebol. A abolição da «lei de opção» será o tema fundamental das conversações.

LIGA

A Liga dos Clubes reúne-se esta noite na sede federativa.

BENFICA

Ibraim foi contratado para o «team» da Luz. Ao mesmo tempo, o defesa conimbricense Simões é também pretendido pelo Benfica

SPORTING

Enquanto uma muito restrita corrente de entusiastas sportinguista alvitra uma chamada ao inglês Hagan, a Direcção parece voltada para uma solução que seria sensacional: Kovacs como técnico e Juca como treinador de campo.

FARENSE

Botelho (Sporting) é a primeira conquista de Mário Lino para o seu novo emblema.

CUF

O Desportivo da CUF, concorrente ao troféu «Intertoto», parte hoje para a Suécia.

RESERVAS

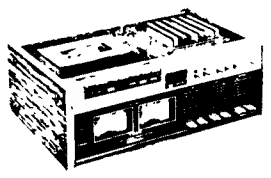
Sporting e Benfica disputam hoje (21 horas) no Restelo, o título lisboeta de reservas. Antes, jogam Belenenses e Estoril, para os postos secundários desta competição organizada pela AFL.

BELENENSES

Numa tentativa para obter receitas e também, para corresponder ao interesse dos seus adeptos nos Açores, o Belenenses actuará no próximo domingo em Ponta Delgada.

CASTIGOS

Na enorme lista de castigos aplicados pela Federação destacam-se multas a 7 clubes: Marítimo, Naval 1.º de Maio, Paços de Brandão, Ginásio de Alcobaça, Oliveira do Bairro, Desportivo de Beja e Pescadores da Caparica. Entretanto, uma nota espectacular: ficam sujeitos a inquérito 20 futebolistas do Lousanense e do Pombal. Mais: o campo dos Pescadores da Caparica foi interditado por 6 jogos.

TEAC
o som da perfeição

ESTEREOSOM
Av. Duque d'Ávila, 56-A - LISBOA-1

O "TOUR" COMEÇA HOJE COM MERCKX E SEM OCAÑA

Pela primeira vez na sua história o «Tour» atravessa a Mancha e vai até à Bretanha, mais exactamente até Plymouth que é onde se disputa a etapa da 61.ª Volta a França em bicicleta. Hoje, os ciclistas disputam o prólogo em Brest.

Há duas notas de sensaçao: a presença do campeoníssimo Eddy Merckx e a ausência de Luis Ocaña: mas, também, com a presença de dois ciclistas portugueses (Joaquim Agostinho e Herculano de Oliveira).

Nada mais nada menos do que 130 ciclistas iniciam a prova deste ano e, de entre todos, alguns despertam já a curiosidade geral em relação às primeiras etapas, pois na teoria, são os que poderão vir a arrecadar o triunfo final. O mais favorito de todos é (uma vez mais) Eddy Merckx: ele parte à conquista do seu 5.º triunfo, enquanto que outros ciclistas irão fazer tudo para evitar a repetição da normalidade. Na primeira linha deste propósito estão Raymond Poulidor, Bernard Thevenet, Lucian Van Impe, Herman Van Springel e, muito naturalmente, o português Joaquim Agostinho.

Eddy Merckx, interrogado sobre a ausência do seu actual grande rival, disse: **É mau para ele, tanto mais que esta sua época foi desastrosa. Mas, por outro lado, é também mau para mim, porque agora sou praticamente obrigado a vencer.**

O «Tour» (a mais importante prova desportiva do ano, depois, naturalmente, do Campeonato do Mundo de Futebol), tem este ano 4080 quilómetros, que serão percorridos em 25 dias. A primeira etapa será corrida em terreno inglês: sábado estará em Plymouth.

AMEAÇA DE GREVE

Entretanto, enquanto os ciclistas se preparam para o «prólogo», surge a ameaça de greve por parte dos ciclistas, como medida de protesto contra as medidas severas tomadas em consideração pela Organização (no caso de controlo ao «dopping»). Efectivamente, se a organização da prova não «aligeirar» o regulamento, os 130 ciclistas estão na disposição de não se apresentarem à partida de uma das primeiras etapas.

Depois do «prólogo» de hoje (em Brest) os concorrentes disputam amanhã a primeira etapa de estrada: de Brest a Roscoff na distância de 143 quilómetros. Depois, atravessam a «Mancha», para correrem a segunda etapa, que terminará em Plymouth.

O montante de prémios atinge este ano um novo «record»: nada mais nada menos do que 804 mil francos franceses, qualquer coisa como cerca de 40 mil contos.

HÓQUEI EM PATINS

DESPORTIVO GOLEADO PELO "BARÇA"

O Barcelona derrotou (por 8-2) o Desportivo de Lourenço Marques, em jogo da primeira «mão» da final da nona «Taça Europeia dos Campeões de Hóquei em Patins». O encontro decorreu no «Palau Blaugrana» (Barcelona) e a primeira parte terminou com a vantagem da equipa local por 5-0.

Sob a arbitragem do italiano Fester (que teve uma actuação correcta, favorecido pelo tom viril mas cavalheiresco de ambos os contentores) as equipas alinharam:

Desportivo Lourenço Marques: Fernando António, José Pedro, Carlos Pereira, Fernando Adrião, Borges e Amílcar Passos.

Barcelona: Pons, Brasal, Vila, Villacorta, Chercoles e Vilallonga.

Adrião e Borges foram repreendidos por haverem protestado ligeiramente contra as decisões do árbitro e o mesmo aconteceu quanto a Chercoles.

O «Palau de Blaugrana» estava quase cheio. A expectativa era enorme. Havia grande quantidade de galhardetes, tocava-se música e cantava-se. O público catalão estava consciente de que o Barcelona necessitava de uma boa vantagem para se apresentar tranquilo na segunda «mão», a disputar dia 29, no pavilhão dos Salesianos, no Estoril.

Vila, logo no início, fez 1-0. Villacorta, num contra-ataque, 2-0. O mesmo Villacorta 3-0 e 4-0. Até que Villa, de longe, estabeleceu o resultado que se chegou ao intervalo.

Reaberto o jogo, Chercoles fez 6-0. Amílcar, recebendo a bola de Adrião, 6-1. Chercoles 7-1. Carlos Pereira (ajudado por José Pedro) 7-2. Por fim, Villacorta obteve o tento final.

BEBÉS

Camas, porta-bebés, conjuntos, parques, banheiras, andadores, carros, triciclos, automóveis, etc. Fabricante vende directamente ao público. «BAVÁRIA», Av. da Igreja, 9 - B — Rua dos Correeiros, 184 - 2.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 43 DE 30 DE JUNHO 1974

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. FERROVIÁRIO-FERROVIA	40	10	4	9	2	1	
2. DINIZES-MOXICO	41	8	5	9	2	1	
3. JAMBA-INDEPENDENTE	21	18	15	5	4	3	
4. A.SALZBURGO-ZURIQUE	22	14	18	5	3	4	
5. OSTER-HERTHA	23	17	14	5	4	3	
6. NEUCHATEL-HAMBURGO	21	12	21	5	2	5	
7. GUIMARAES-DJURGARDENS	46	3	5	10	1	1	
8. MALMOE-SLÁVIA PRAGA	31	11	12	7	2	3	
9. GRASSHOPPER-ATVIDABERG	37	9	8	8	2	2	
10. A I K-SPARTAK TRNAVA	41	5	8	9	1	2	
11. HVIDOVRE-GORNIK	26	20	8	6	4	2	
12. B.OSTRAVA-NORRKOPING	36	5	13	8	1	3	
13. LANDSKRONA-CUF	35	13	6	8	3	1	

a)Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

111 111ou2 111 1111

Notícias do Totobola, 112 xx2 111 1x21; Beira Baixa, 1x1 221 111 1111; Sporting, 21x xx1 111 1x1x; Boa Nova, 111 111 111 1111; Brados do Alentejo, 1x2 2x2 121 1x21; O Emigrante, 1x1 112 111 1111; Correio de Coimbra, 12x 111 111 1111; Correio do Vouga, 112 212 121 1121; A Defesa, 11x x22 1x1 2x11; Diário de Lisboa, x11 2x1 1x1 211x.

Revista Desportiva, 11x x11 1x1 1x1x; Ritmo, 211 12x 112 1211; Ecos de Cacia, 111 11x 221 1x21; O Jornal de Felgueiras, 211 211 11x 1x11; Jornal da Lixa, 1x1 x12 111 11x1; Jornal de Sintra, 11x 121 111 1x2x; Jornal do Sul, 11x 2x2 12x xx21; Litoral, 11x 12x 111 11xx; Mundo Desporivo, x1x 211 111 1x1x; Notícias de Evora, x1x 112 11x 121x.

Notícias de Felgueiras, x1x 1x2 1x1 xx11; Peça que não maça, x11 xx2 112 1211; Povo Algarvio, 111 2x2 121 1112; Póvoa de Lanhoso, x21 122 x22 x122; Presença Coimbrã, 112 12x 111 1111; Rádio Altitude, 11x 222 1x1 122x; Reconquista, 11x 1x1 111 11x1; Renovação, 112 x22 112 1211; República, 111 2x2 11x x212; Voz de Lamego, 112 22x 122 2111.

Boletim Desportivo, 111 x2x 222 x111; Manchete Desportiva, 112 111 1x1 1111; Miscelânea Musical, xxx 111 1xx 221x; Montra do Êxito, 111 111 111 1111; Música e Desporto, 11x xx2 211 1xx1; Penalti, 111 111 111 1111; O Primeiro de Janeiro, x1x 112 x11 1x11; Programa da Manhã, 111 1xx 211 1x2x; Programa Sem Nome, x1x x21 x12 11x1; Quadrante Desportivo, 1x2 2x2 111 1x2x.

Quadrante Norte, 112 11x 12x 1112; Rádio Sports, 111 221 111 1111; Resenha Desportiva, 112 2x1 121 1x11; Só Rádio, 11x x12 1x1 1121; Jornal de Notícias, 111 212 12x 1x2x; Bondiazinho, x11 211 2x1 2x11; Domingo Alegre, 2x1 2x1 1x1 1212; Passatempo, 112 1x1 112 1111; Roteiro Sonoro, 112 11x 121 2111; Terceiro Programa, 121 21x 11x 2111.

20 Ponto D, 122 x11 1x1 1211; Voz do Casa Pia, 11x 11x 111 1111; O Concelho de Estarreja, 1x2 x2x 11x 2x1x; Notícias de Chaves, 122 x12 111 1122.

O JOGO PELA TV

FARTURA PARA OS "AMARELOS"

Por NEVES DE SOUSA

Por graciosa «amabilidade» da RTP, lá tivémos de «enfardar» mais um jogo do Brasil: e, pelos ameaços, assim será até ao fim deste «Mundial». Quer dizer: em lugar de vermos em directo o melhor e mais aliciante encontro de cada jornada, ficamos a chupar no dedo, só porque (parece) na RTP querem à força que os brasileiros sejam portugueses. Pergunto: e, por lá? Também retribuem? Vamos adiante, porque neste assunto havia pano para mangas...

Com o comentador instalado numa poltrona em Franckfurt e o Brasil-Alemanha de Leste a decorrer em Hannover (não se pode deixar de concordar que valeu bem a pena fazer passear dois «enviados» até à Alemanha...) o embate principia com os «canários» muito compenetrados, a mastigarem «chiclets» e a cantarem o seu hino, como se fôssem para uma histórica «batalha».

Z galo a fazer trocas: estreias de Dirceu e Zé Maria, dois Paulos Césares no «team» (o branco Carpegiani e o negro Lima), os alemães sem darem um palmo de terreno, sempre em cima das jogadas brasileiras.

Mas, o primeiro «volte-face» ocorre quando Croy repele de cabeça (depois de escorregar) uma bolinha que ia mesmo a entrar. A partir daí, Carpegiani, Rivelino e Jairzinho deixaram de funcionar como reforços dos beques para se enrodilharem no meio do terreno, numa tentativa de sufocar ali as investidas alemãs. Aliás, esses ataques de Leste eram normalmente conduzidos pelos extremos: e, tão perigosos, que o Brasil cedeu (seguidinhos quatro «cantos»)...

Já então o louro Francisco Màrinho se destacava no flanco esquerdo, enquanto Luis Pereira continuava a mostrar-se o melhor defesa do Campeonato.

Começa o festival da apresentação (pelo árbitro inglês Thomas) de uma série de cartões amarelos: pelo tempo adiante foram «beneficiados» Hamann, Irmsher, Dirceu, Jair e Paulo César Carpegiani, com o «capitão» Mário Màrinho a ser também ameaçado, pela torrente de protestos que desaguava minuto a minuto. Neste capítulo, bem se pode dizer que o árbitro tentou tudo para segurar o jogo: e sabe-se bem como têm mau paladar a maioria dos super-divinizados «craques» sul-americanos...

Sem as «aventuras» Edu e Nelinho, atirando para a subalternidade Leivinha e Mirandinha, abdicando de Ademir da Guia, o Brasil teria de esperar pela segunda metade da melancia para fazer o único tento do embate: à custa do pé de Rivelino, no disparo de um «livre» que colheu a barreira alemã mal formada e o guarda-redes à espera de outro efeito na bola. Uma vez mais a «estrelinha da sorte» pactuava com Mário Zagalo: e aí temos o Brasil ainda na corrida para o tetra, à custa de uma fortuna impressionante. E (também) de outra fortuna desembolsada pelo país das favelas e dos assassinatos por meia dúzia de cruzeiros: o triunfo em Hannover rendeu, a cada um dos 23 excursionistas (roupeiro e cinco preparadores físicos incluídos) coisa como dois mil dólares por cabeça. O que (convenhamos) sempre dava para equipar utópico hospitalzito à beira de um morro carioca...

Sparwasser recebe a camisola do autor da sua derrota (Rivelino).

Os galopantes holandeses destroçaram a Argentina.

Tomaszewski (a defesa) e Lato (o golo): os maiores da Polónia.

O golo de Müeller contra a Jugoslávia.

NOS BASTIDORES DO "MUNDIAL"

Fica o Zaire para o futuro

Fica o Zaire para o futuro: e a ideia queda-se depois de termos visto a actuação dos pupilos de Vidinic nos três jogos da fase preliminar deste «Mundial».

Fica, efectivamente, o Zaire para o futuro: porque o onze «leopardo» revelou uma intuição natural para jogar futebol, faltando-lhe apenas um pouco de imaginação e calma para resolver os problemas que lhe surgem tanto cá atrás como lá à frente.

Fica o Zaire para o futuro: um futuro que está apenas distante quatro anos e tem como cenário a Argentina. Acreditem: no XI «Mundial», o Zaire vai provocar dores de cabeça a muito boa gente. Não é verdade que, mesmo assim, com toda a ingenuidade demonstrada, ele não causou já muitos amargos de boca às gentes escocesas?

Já aqui o deixei dito: Vidinic é um daqueles treinadores que chama a si as honras do triunfo, divide as glórias de qualquer empate e atira para cima dos jogadores as razões das derrotas. E, por assim dizer, um pequeno ditador no jovem futebol amador do Zaire: que, não obstante isso, é respeitado quase como um deus por todos os jogadores. E compreende-se porquê: em três anos de trabalho conseguiu chamar as atenções gerais para o futebol do país até então desconhecido destas lides, fazendo adivinhar um comportamento muito mais positivo no próximo «Mundial».

O Zaire terá ido à Alemanha aprender um pouco do muito que os outros sabem; não se importou com o facto de ser estreante nem com o desprezo a que foi votado. Foi ao «Mundial» para ver como era, recolher o que de positivo viu e regressar a casa com a bagagem muito mais rica. Esperam-no quatro anos de trabalho para apuramento de tácticas e aperfeiçoamento de esquemas. A Argentina (cenário do torneio de 78) vai ficar à espera de ver um Zaire discutindo um lugar qualificativo, não obstante se saber que a maior parte dos actuais jogadores vão ficar por terras de França. Mas, em quatro anos, muitos outros jogadores se podem formar e achar, num país com 2 344 000 quilómetros quadrados de superfície...

VIDINIC CONFIA NO FUTURO

«No mundo inteiro, o futebol está organizado na perfeição, a custo de verbas verdadeiramente fabulosas. No Zaire, como de resto em toda a África, a formação de base como a educação permanente estão ainda pouco desenvolvidas, não obstante os esforços diariamente feitos. Organizar o futebol no Zaire (na imensidão do Zaire, melhor dizendo) não é tarefa fácil. Mas, também não é impossível.»

Blagoje Vidinic, o jugoslavo por nascimento que «descobriu» o Zaire para ser rei de um condado de futebol, não esperava a qualificação neste «Mundial». Enquanto reconhece nos seus jogadores uma intuição muito natural para a prática do desporto mais popular, não deixa de observar uma certa desorientação nesses mesmos atletas, quando o esférico salta para os pés dos adversários. E, também, uma determinada injenuidade quando o golo está à mercê dos seus avançados. Ele justifica: **«Falta aos meus jogadores a «endurance» necessária para resolver lances de capital importância. Num Campeonato do Mundo, cada jogador actua a cem à hora; e isso é uma boa lição para os amadores que aqui trouxe.»**

João Havelange (o novo presidente da F.I.F.A.) está muito preocupado com o futebol africano (ou do Terceiro Mundo, para utilizarmos as suas próprias palavras). E pensa mandar para lá técnicos de reputada categoria e equipas-amostra, para que o nível do futebol desses países suba nos próximos anos. Porque, muitos observadores não compreendem como é que o Zaire se apresentou na Alemanha com um esquema de jogo baseado no velho 4X2X4, que todavia causou muitós embaraços tanto a escoceses como a brasileirós. E talvez por isso que o novo presidente da entidade máxima do futebol mundial quer dedicar a maior da sua atenção a este e outros países que, num futuro não muito longínquo, terão uma palavra a dizer no domínio do futebol

Para mim, fica desde já o Zaire para o futuro...

Orlando Dias Agudo

Resultados e goleadores

Desfechos dos jogos de ontem, no Grupo A:

. Alemanha Oriental, 0-Brasil, 1 (tento de Rivelino); Holanda, 4-Argentina, 0 (dois golos de Cruyff, um de Rep e outro de Krol). Yazalde jogou pela Argentina.

No Grupo B: Alemanha Ocidental, 2-Jugoslávia, 0 (golos de Mueller e Breitner); Suécia, 0-Polónia, 1 (tento de Lato).

E a seguinte a lista dos melhores marcadores: Andrzej Szarmach e Grzegorz Lato (ambos da Polónia) 5 golos; Johnny Rep (Holanda) 4; Dusan Bajevic (Jugoslávia) 3; Johan Cruyff, Johan Neeskens (da Holanda) Hector Yazalde e Rene Housemann (Argentina), Kazimierz Deina (Polónia), Ralf Edstroem (Suécia), Joe Jordan (Escócia), Emmanuel Sanon (Haiti); Paul Breitner (Alemanha Federal), Gerd Mueller (Alemanha Federal) e Rivelino (Brasil) todos com 2 golos.

Há 29 jogadores com um golo cada.

À refeição LUSO
água puríssima

PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO CONVOCAM COMÍCIO

Está marcado para amanhã às 21 e 30, no salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, um comício de profissionais ligados aos meios de comunicação social, «para definir colectivamente as formas de actuação face ao decreto» que limitou a liberdade de expressão, ao instituir uma Comissão «Ad Hoc» para a Imprensa e ao delinear novas infracções e novas sanções.

A assembleia é convocada por um abaixo-assinado que reuniu mais quatrocentas assinaturas de profissionais de Imprensa, Rádio, Televisão, Espectáculos, Livro, exercendo a sua actividade em todos os sectores, desde a produção literária à distribuição.

CONTRA A LEI DE IMPRENSA

O jornal «Luta Popular», órgão central do Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado enviou à Imprensa nacional e estrangeira, à Rádio e à Televisão, uma circular concando para o próximo sábaa dia 29, para as 21 e 30, na «Voz do Operário», um comício destinado a discutir a recente «Lei de Imprensa» e as medidas a tomar para evitar que uma tal lei possa ser aplicada.

Para esta reunião, a terceira que se realiza sobre o mesmo assunto, «Luta Popular» que alerta para o facto da Lei pertender atingir fundamentalmente a Imprensa revolucionária e popular, apela «para todos os democratas e antifascistas trabalhadores da informação a cerrar fileiras e a combater, uma a uma, todas as tentativas da Junta e do Governo Provisório que visem a sua aplicação».

Repressão contra foreiros em Benavente

Com o pedido de divulgação, recebemos do Partido Socialista o seguinte comunicado:

«A herdade de Foros de Almada, na freguesia de Benavente, em Salvaterra de Magos, está a ser alvo de atentados criminosos por parte da sua própria proprietária, Silva de Almeida, viúva de António Vicente de Almeida.

Esta senhora, amiga do conhecido fascista Gonçalves Rapazote desencadeou contra os «foreiros» actos da mais vil repressão, dando ordens de despejo, demolindo as construções dos trabalhadores e arrasando as culturas. Destrói, assim, com a cumplicidade de autoridades, a riqueza criada pelos trabalhadores, expulsando-os das terras que cultivam, mandando demolir as casa que construiram e alagando as terras férteis, mantendo, deste modo, privilégios e criminosas ambições.

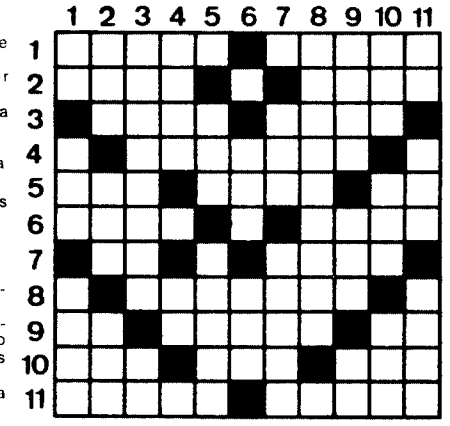
O Partido Socialista denuncia estes revoltantes atentados aos direitos dos trabalhadores, incitando-os a unirem-se para a defesa dos seus direitos e assegura aos trabalhadores de Benavente, Salvaterra de Magos e Santo Estevão a sua inteira solidariedade».

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10820

HORIZONTAIS:

1 Que dura um ano. Vaso de folha.
2 A ponta das vergas. Comer a cera.
3 O fio feito do ovo. Cabeça (fig.).
4 Areenta.
5 Título honorífico na Índia. A folhagem das plantas (Inv.). A folhagem das plantas. Segula.
6 Aquele que. Lama.
7 Nota musical. Fome.
8 Espiara.
9 Preposição. Pefinha. Catedral.
10 Vai pelo ar com grande velocidade. Recusa. Aparelho para encurvar as calhas das linhas férreas.
11 Coo. Rio de França e da Alemanha.



VERTICAIS:

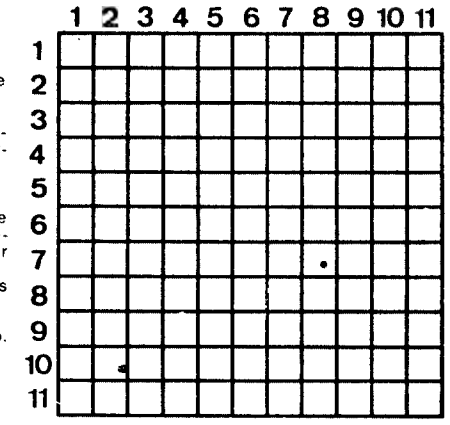
1 O mais. Aquele que (inv.). É necessário.
2 Negativa. Transpira (inv.). Pedras de moinho.
3 Gritareis (fig.). Actínio (s. q.).
4 Guarnecer de asas. Preposição.
5 Adivinhar. Que apresenta agínia.
6 Recusa. Larva das feridas dos animais.
7 Preposição. Passeios.
8 Emparelhara.
9 Rio de Portugal (Ilha do Estado da Baía Grama.
10 Rio de Portugal. Magnete natural. Senhor em inglês.
11 Erbio (s. q.). Animal doméstico. Receia.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6978

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Separam.
2 Mau. Acarreta (pop.).
3 Adoçar com mel. Prefixo de privação. Pertences.
4 Espreitai. Fileiras.
5 Figura formada por dois arcos que se cortam superiormente. Época.
6 Preposição. ATRAI:
7 Consentimento. Arganel.
8 Voz imitativa do ruído de cousa que se parte, especialmente de vidros. Cobrir de nata.
9 Gorgulhos tropicais. Antes de Cristo. Troça.
10 Fronteira. Orlas.
11 Nome científico do pato. Estar. Pronome pessoal.



VERTICAIS:

1 Armaria. Destampa.
2 Transpirem. Observo.
3 O mesmo que iliense. Magrizela. Pessoa sovina.
4 Sofre. Ecoas.
5 Fúria. Nota musical.
6 Rádio (s. q.). Nome de mulher. Artigo definido.
7 Mau cheiro. Provoca.
8 Romance de Emílio Zola. Carregar.
9 Cr. Lê. Te. Pessoal (inv.).
10 Inflamara. Lavram.
11 Povo. Falta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10819

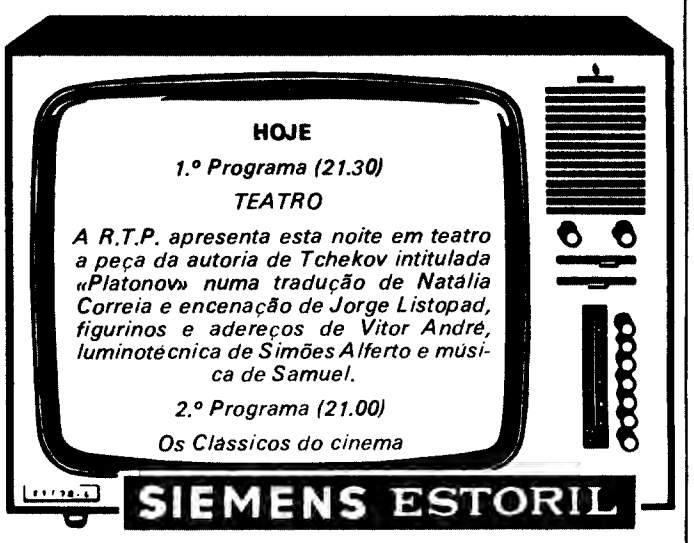
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Ca MORRE Um	1 CAVALO-PARA
2 Alais-Içara.	2 Alapa-Corem.
3 Vagas-Só-Ur	3 Aga-Cás-Mi.
4 AParo-Camba.	4 Miaria-BEM.
5 La-Iscar Oc	5 Ossos-Acama
6 Cá-As.	6 Ro.
7 Ca Arc Os	7 Risca-Caira.
8 Pós Coa Som	8 Ecoara-Mel.
9 Ar Ba Im Ri	9 Sós-DO
10 Remem Redor	10 URUBU-Soror.
11 Amima Alora	11 Maracá Mira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6977

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Acolá-Atola	1 Ar-Sic Maio.
2 Recamar.	2 Mor-MMC.
3 Pega-Urio.	3 Orem-Cem Pá
4 Marrara.	4 Legara-APar.
5 Im-ROera-Me	5 Acaro-Açora.
6 Coca-Oira	6 Restar.
7 Re-Ato-As.	7 Amuar-Ocelo.
8 Macacas	8 Tarrão Amor.
9 Am-Porém-Ar.	9 Oriá-Ias-Rn.
10 Impar-Lorpa.	10 Mrs-Apo.
11 Ocara-Ornou.	11 Au-Mea-Grau.

Provérbio: MORRE O CAVALO PARA BEM DO URUBO.

televisão



HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período	1.º Programa 1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»	12.45 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro do Oz»
13.00 Encontro com Costa Ferreira	13.00 Sangue na estrada
13.15 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Futebol — Resumo	13.15 Valerie e a aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição	13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 «A rapariga que sabia de mais»	14.00 Saber não faz mal
14.25 Logo à noite	14.20 Logo à noite
2.º Período	2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV	14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa — Educação musical (crianças)	19.00 TV Educativa — Física Moderna
19.25 Mini jornal	19.25 Mini jornal
19.30 TV Infantil	19.30 TV Infantil
19.45 Xadrez	20.00 Em foco
20.00 Desenhos animados «Zé Colmeia»	20.30 Há só uma terra
20.15 A política e de todos	21.00 Telejornal — 2.ª edição
21.00 Telejornal — 2.ª edição	21.30 Cinema «O Rio»
21.30 Teatro «Platonov»	23.00 Museu aberto
00.10 Cartaz TV	23.30 Telejornal — 3.ª edição
00.35 Telejornal 3.ª edição	23.40 Fecho
00.45 Fecho	2.º Programa
2.º Programa	20.00 Abertura e desenhos animados
20.00 Abertura e desenhos animados	20.15 Valerie e a aventura
20.15 «A rapariga que sabia de mais»	20.40 Sangue na estrada
20.40 Encontro com Costa Ferreira	21.00 Foi êxito na TV «Largardère»
21.00 Os Clássicos do cinema	22.00 Recital de piano
22.30 Telejornal	22.30 Telejornal
23.00 Fecho	23.00 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 8841
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito mublado o vento era fraco ou moderado de Sudoeste e chovia em alguns locais do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	15º
P. DOURADAS	.....
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	17º
FARO	20º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL
Máxima 23,8º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 2,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 17,2º
Atmosfera 19,0º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.05 *3,3 m*	3.30 *1,2 m*
22.31 *3,4 m*	15.53 *1,4 m*
DIA 28	
11.11 *3,3 m*	4.37 *1,3 m*
23.39 *3,4 m*	17.05 *1,4 m*
DIA 29	
— —	5.41 *1,3 m*
12.15 *3,4 m*	18.11 *1,4 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu geralmente muito nublado alternando com boas abertas nas regiões a Sul do Tejo, vento moderado de Oeste soprando com rajadas no Litoral Norte, períodos de chuva ou aguaceiros mais frequente nas regiões do Norte.

AMANHÃ
NASCER ÁS 6.14
OCASO AS 21.06

DIA 4	DIA 12	DIA 19	DIA 26

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário — Cantos de luta.
16.30 Onda musical.
18.00 Musica popular portuguesa.
19.00 Musica variada.
20.00 Melodias.
21.00 Momento 74.
21.20 Musica portuguesa.
22.00 O homem e a natureza.
22.20 Ritmos de todo o mundo.
23.05 De um dia para o outro.
00.00 Sinal horário.

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio universidade.
00.00 Junção com o 1. Programa.

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir, programa coordenado por Margarida Brandão
18.00 Música portuguesa.
19.00 O canto e os seus interpretes, por Maria Helena de Freitas.
20.00 Jornal da noite.
20.30 Orquestras de câmara.
21.00 Opera sem palavras
21.30 Sinfonia n. 7 em dó op. 105, de Sibelius, pela Orq. Filarmónica, de Nova Iorque.
22.00 Música de câmara.
22.40 O rei David, oratória de Honegger.
23.50 Concerto em sol maior BWV 592, de Bach, por Anton Heiler (orgão).
00.00 Junção com o programa estereofónico.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO EM MF 2

21.00 Musica ligeira variada.
21.50 Coppelia, suite de bailado, de Delibes, pela Orq. da Suiça Francesa, dir. por Ernest Ansermet.
00.00 A grande musica negra.
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.00 Noticiário.
16.04 Programa CDC.
18.02 Programa movimento.
20.40 Programa movimento — rádio teatro.
21.03 Diálogo.
21.08 Serão musical.
21.32 Quando o telefone toca.
22.05 Antiquário.
22.30 Quando o telefone toca.
23.06 Mensagens bíblicas.
23.20 Grandes orquestras.
23.30 No mundo aconteceu.
02.00 A noite é nossa.
06.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.00 Noticiário.
16.04 Programa CDC.
18.02 O nosso programa.
19.04 Em órbita-1.
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Clube à Go-Go
23.00 Noticiário; Clube à Go-Go (continuação).
00.02 Em orbita 2.

01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário.
16.05 Radiorama.
18.00 Emissão 14.
18.23 Palavra do dia. No final, terço e benção da basílica dos Mártires.
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença.
19.30 Página 1.
21.04 Meditando.
21.08 Poente.
21.30 Curso de língua alemã.
21.45 Pentagrama.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Esquema 13.
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

C. Radiofonico de Portugal
Das 06.00 às 10 00 e das 22.00 às 02.00

Radio Voz de Lisboa
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Radio Peninsular
Das 12.00 às 14.30

Radio Graça
Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

TODA A NOITE.

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222. (Tel. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721)
ALMIRANTE REIS
Luso, Av. Almirante Reis, 199-A (Tel 41269)
ALTO S. JOÃO
Dalton, Mouzinho de Albuquerque, 7-A (Tel. 843571)
ALVALADE
Nova Iorque, Av. Est. Unidos da América, 140-B (a Entrecampos) (Tel 760653).
Marbel, Avenida de Roma 131-A, (Tel. 776235)
AREEIRO
Chiadre, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331)
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel. 41961-54672).
BAIRRO DA LIBERDADE
Zanel, R. A. 182 (Tel 651840)
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350)
BENFICA
Benfiluz, Est de Benfica, 444-A (Tel. 782608)
CAMPO DE OURIQUE
Finder, Rua D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831)
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238)
ESTEFÂNIA
Romeno Baptista, Rua Passos Manuel 6-10, (Tel 50599)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Est. A-da-Maia, 64-C (Tel. 702228)
LAPA
Alb. Rua Santana à Lapa, 158 (Tel. 663562)
LUMIAR
Douro, Alam. Linhas de Torres, 83-A/B (Tel. 791131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro Grilo), (Tel 382470)
OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à Piscina), (Tel. 310581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, R. General Justiniano Padrel, 21 (a Calç. Barbadinhos), (Tel. 832580)
PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Tel 720703-726395)

TURNO D-2

(Até às 22 horas)

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcantara, 5-A (Tel. 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel 866126)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel 681515)
ALVALADE
Líbia, Avenida da Igreja, 4-B/C (Tel. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel 710621)
ANJOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (Tel. 49479)
ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C (ao Bairro Social)
AREEIRO
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Tel 725443)
BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel. 323446-370685)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 68 (Tel. 300172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (Tel. 638132)
BENFICA
Macedo, Est. Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C, (Tel 687475). **Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153, (Tel. 683438)
CAMPO DE OURIQUE
Linalda, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel 660955)
ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5 (Tel 54808)
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (Tel 862909); **Higiénica**, Rua Heliodoro Sangado, 20-A (Tel 844361)
LAPA
S. A. E. Silva, Filhos, Rua S. João Mata 74 (Tel 661010)
LUMIAR
Patuleia Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Tel 790332)
MOURARIA
Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Tel 860464)
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços 50-52 (Tel. 610280)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (Tel. 48966-533601)
SETE RIOS
Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 212048)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef.242639)
PAÇO DE ARCOS
Pergana Av. Bonneville Franco (Telef. 2435147)
OEIRAS
Gedinho R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430080)
PAREDE
Aleir Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João Telef. 261186
MONTE ESTORIL
Lopes R. Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078) **A. Costa** R. Freitas, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Telef. 934589) **Campos** R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072) **Clabel** R. Antonio Sardinha, 23 D (Telef. 938551)
DAMAIA
Confiança Estrada Militar, lote D (Telef. 9710231)
QUELUZ
Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950123)
CACÉM
Araujo e Sa, Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940881)
MEM MARTINS
Química Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 960456)
SINTRA
Misericordia L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 2930391)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. Antonio dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250)
ALMADA
Galeno R. Capitão Leitão, 85 (Telef. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima Est. Nacional, 244-A (Telef. 2040141)
BARREIRO
Central Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef 2073207)
COVA DA PIEDADE
Morgado R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Telef. 2767356)
MOITA
União Moitense Av. dr. Teotilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Moderna R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)
SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Telef 229028)
SETUBAL
Lisboa R. dr. Paulo Borba (Telef. 22248) **Alice** P. do Quebedo (Telef. 23743)
SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A

Martino, Sucr., Praça Marq. de Pombal, 122; **Pombeiro**, C. Martires da Pátria, 152; **Prelada (da)**, Rua Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira**, Rua S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira, 236.

SUB-TURNO A

Ameal, Rua do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do)**, Rua do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva**, Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular**, Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297.

COIMBRA

TURNO D

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (Tel. 33120); **Nazaré**, R. Ferreira Borges, 135-139 (Tel. 22605); **S. Isabel**, Av. Sá da Bandeira, 28 (Tel. 24916)

EXPOSIÇÕES

ACADEMIA DE SANTO AMARO — Pinturas de Maria Leonilde (das 20 às 22 h)

ARCADAS DO PARQUE — Trabalho de Moita de Macedo (das 10 às 22 h.)

ARTE MODERNA — Obras de Ivone Balette (das 14 às 20 h.)

COOPERATIVA DE ACTIVIDADES CULTURAIS (CASCAIS) — Desenhos ecolagens de Fernando Grade (das 15 e 30 às 20 h).

DINASTIA — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

FOTO CLUBE 6x6 — Exposição Colectiva de Fotografia (3.as e 6.as-feiras, das 21.30 às 24 h.).

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN — Pintura espanhola do seculo XIX.

GALERIA 111 — Pintura de Jorge Martins (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GALERIA DA EMENDA — Trabalhos de Paul Huxley (das 11 às 13 e das 15 às 20 h).

GRAFIL — Trabalhos de Manuela Pinheiro (das 10 às 13 e das 15 às 20 h).

PALÁCIO FOZ — Pinturas de Mart Huguenin (das 15 às 20 h)

PALACIO VALENÇAS (SINTRA) — Pintura e desenho de Domingos Saraiva e Pedro Saraiva (das 14 às 20 h)

QUADRANTE — «Uma proposta estetica — Modulo habitacional», estudo orientado por Carlos Lança.

QUADRUM — Trabalhos de Karel Appel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h; aos sábados, das 15 às 19)

S. FRANCISCO — Exposição colectiva de pintura (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)

S. MAMEDE — Pintura de Maria Fernanda (das 10 às 13 e das 15 às 20 h).

cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Inquerito sobre uma cidade nua! ESCÂNDALO DE UM CRIME com Enrico Maria Salerno e Mariangela Melato

CASINO ESTORIL (T 264521)
17.00 - 21.30 Grupo D (18 anos)
Eastmancolor O BELO NEGOCIO com Michel Serrault e Rosy Varte

CONDES (T 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Colorido
Julie Christie, Donald Sutherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor ... como jamais foi visto no ecran «The Sim»

ESTÚDIO APOLO 70 (T 763319)
Grupo D (18 anos) Ryan O'Neal Tatumoneal LUA DE PAPEL um filme de Peter Bogdanovich Oscar da Academia para a melhor actriz secundaria. Hoje às 24.00 Classicos à meia-noite Grupo D (18 anos) O EXERCITO DA SOMBRA de Jean Pierre Melville

LONDRES (T. 801313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Brigite Ariel e Piaf. Pascal Christophe e Guy Trejan PIAF A VOZ DE PARIS!

MUNDIAL (. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana! Colorido
BOB E CAROL E TED E ALICE com Elliot Gould e Natalie Wood

ROYAL (T. 865037)
15.00 - 21.00 Grupo D (18 anos)
A NOITE DOS MIL OLHOS. Em complemento JUVENTUDE INQUIETA

OXFORD (Cascais)
16.00 - 21.45 Grupo C (14 anos)
A LADY E O MOTORISTA com Sarah Miles e Robert Shaw

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
11.ª Semana!
Jacqueline Bisset em SEGREDOS PROIBIDOS

ALVALADE (T. 717480)
14.30, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Colorido
Nino Manfredi em O FILTRO DO AMOR um filme de Vittorio De Sica

CINEARTE (T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Technicolor
UM DEZEMBRO QUENTE com Sidney Poitier e Esther AVnderson

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30 - 18.30 - 21.45 2.ª Semana! Grupo C (14 anos). Um filme de Frederico Fellini AMARCORD
Amanhã às 00.30 Grupo D (18 anos) ante-estreia do filme de Joel Santoni DE OLHOS FECHADOS com Jean Carnete, Gerard Desarthe. Colorido Ao lado deste filme todos os filmes parecem literarios» Eric Rohmer

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15 - 18.30 - 21.30 8.ª Semana! Grupo D (18 anos) color. Alain Delon, Sonia Petrova OUTONO ESCALDANTE «Os Bons Velhos Tempos»
Amanhã às 18.30 (Adultos) SENTIMENTO de Luchino Visconti com Alida Vali e Ferley Granger

TIVOLI (T. 570595)
15.15, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Colorido
Nino Manfredi em O FILTRO DO AMOR um filme de Vittorio De Sica

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Color
MALÍCIA com Laura Antonelli e Alexandro Momo

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
28.ª Semana!
O filme de Norman Jewison JESUS CRISTO SUPERSTAR

RESTELO (T. 610375)
21.30
Grupo D (18 anos)
O estretor de uma tirania HITLER OS 10 ULTIMOS DIAS com Alec Guiness e Doris Hunstmann

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana!
A obra maxima de Charles Chaplin O GRANDE DITADOR

MONUMENTAL (T 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana!
DR. JIVAGO com Omar Shari, Geraldine Chaplin e Julie Christie

ROMA (T. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana! Color
PARAÍSO AO SOL com Ornella Muti e Alessio Orano

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Colorido
Julie Christie e Donald Sitherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor ... como jamais foi visto no ecran «The Sim»
(Metro: Arr olos)

S. JORGE (T 54154)
Hoje às 21.30 Estreia notavel! Grupo D (18 anos) IRMÃ LA DOUCE de Billy Wilder com Shirley Maclaine e Jack Lemmon. Às 15.15 e 18.15 ultimas A MANSÃO DOS MORTOS VIVOS

EDEN (T 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Estreia
OS DOIS POLÍCIAS com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana!
A FILHA DO MILIONARIO com Sheila White e Nelly Kaplan
«Cinema Fora de Horas» amanhã e sabado às 00.30 SEGREDOS PROIBIDOS Grupo D (18 anos)

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
3.ª Semana! Color-Scope
A comedia mais «fresca» do ano! Alfredo Lara AS NOITES DO DELICADINHO

ESTÚDIO (T. 555134-5)
Estreia às 21.45 Grupo D (18 anos) MORRER COMO UM HOMEM (KANAL). Realização de Andrzej Wajda Às 15.30 - 18.30 A NOITE AMERICANA Grupo C (14 anos)

AVIZ (T. 47162)
21.45 Grupo B (10 anos)
ULISSES com Ckirk Douglas e Anthony Quinn

POLITEAMA (T. 326305)
ENCERRADO TEMPORARIAMENTE PARA BENEFICIAÇÕES

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LARGO MARTIN MONIZ
21.45 (10 anos)
«Circo de Moscovo»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Falar»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (14 anos)
«A Raiva do Tigre»

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«O Vilão do Arizona»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Os Detectives»

CINE-MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Os Noivos de minha mulher»

LUMIAR
Esplanada Castanheira
(14 anos)
«Camelot»

SACAVÉM
S. Jose
21.00 (18 anos)
«Helena a grega»

OUTRA BANDA

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Como chegar a rico sem esforço»

ALMADA
Incrivel
21.15 (10 anos)
«Gendarme em ferias»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Palacio
21.30 (10 anos)
«A Grande Valsa»

CASCAIS
S. Jose
21.30 (6 anos)
«Vencedores e vencidos»

CASCAIS
Oxford
21.30 (14 anos)
«A Lady e o motorista»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«O belo negocio»

ESTORIL
Esplanada
21.30 (14 anos)
«Pânico na cidade»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Cai a noite sobre a cidade»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«E agora chamam-lhe magnifico»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Nupcias Vermelhas»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Uma Historia Perversa»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Rosas Vermelhas»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Testemunha Inconsciente»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Acção Executivo»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Irmãos de Sangue»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Mundo do Vício»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Prazeres de Vampira»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Chacal»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Instinto de Matar»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Chamariz de Saias»

COIMBRA

AVENIDA
21.45 (18 anos)
«Outono escaldante»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«O Grito da Floresta»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Uma Odisseia Submarina»

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
Zorina, vedeta inglesa de «sexy».

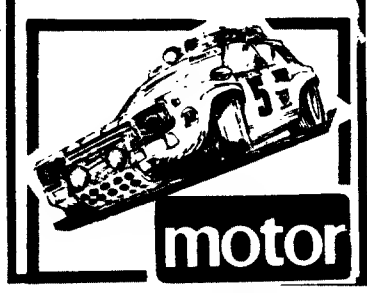
ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Vanedades internacionais. **T. 26461/264526/264586/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**



MORADIAS

ALCABIDECHE

Est. Sintra a 700 mts. do centro da Vila, sentido autódromo. Próximo de Sintra, Estoril, Cascais, campo e praias. Lugar saudável, futura auto-estrada a 500 mts. 5 assoalhadas, cozinha, equip., garagem, jardim.

Trata o próprio.

Telefone 2410568.

DL /NACIONAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

NOVA VIDA

Nova vida? Vida nova. Vida nova anuncia o «Diario de Notícias» referindo-se à vida do jornal (e à do País). «O guia de opinião, que se tinha por independente e sensato, convertera-se no orgão militante de um partidarismo torvo e estreito, num instrumento desacreditado de baixa política, de um servilismo dócil perante os caprichos do Poder e a corrupção dos seus agentes, adulterando os valores ate à sua inversão e mistificando deliberadamente pelo jogo do compadrio todo o panorama da vida social portuguesa».

O «Diário de Notícias», dirigido agora por José Ribeiro dos Santos e Jose Carlos de Vasconcelos, denuncia-se a si mesmo, autocritica-se e promete virar uma página «da submissão incondicional ao Poder instalado», da «submissão servil».

Palavras corajosas, palavras historicas que, mais ou menos profundamente dizem respeito a todos os órgãos de Informação portugueses.

Vida nova. Pois e exactamente o que todos queremos. Responsavelmente e sem ameaças, nem grilhetas, nem papas de linhaças.

M. de A.

Os despedimentos em massa analisados por trabalhadores

Despedimentos efectuados e em perspectiva, ameaça de encerramento de fábricas e comportamento das empresas multinacionais: foram estes os assuntos de que se ocupou a reunião promovida pelos Sindicatos dos Metalúrgicos, Electricistas e de Escritório de Lisboa, com a presença de representantes do Sindicato dos Electricistas de Coimbra e do Sul, e que decorreu no Coliseu dos Recreios.

A reunião começou com a leitura de um comunicado que depois de referir que o sector abrange cerca de 30.000 trabalhadores, passou a denunciar o propósito de despedimentos em massa e encerramento das fábricas por parte das empresas multinacionais, como represália à aplicação do novo C.C.T. e preocupação da mudança da situação privilegiada que gozavam no tempo do fascismo.

Foram depois focados os casos concretos da «Creator» que vai despedir 25 trabalhadores no fim do mês, estando previstos cerca de 100 a 200 despedimentos na «Applied», perspectivas de despedimentos na I.T.T. e na D. S. Electrónica. Foi entretanto salientado que estes despedimentos se inserem num contexto nacional, sobressaindo a relutância com que o patronato encara uma diminuição de lucros.

Foi também lido um comunicado da União dos Sindicatos do Sul em que se preconizava que as comissões de trabalhadores vigiassem e fiscalizassem os despedimentos, exigindo-se por último ao Governo leis que os evitem.

COMISSÃO

. Foi finalmente votada e aprovada por unanimidade uma proposta para a formação de uma comissão de trabalhadores, a partir das comissões de empresa já existentes, a fim de levar ao Ministério do Trabalho e da Coordenação Económica as seguintes sugestões dos trabalhadores:

1) Fiscalização às contas das empresas: 2) Indemnizações elevadas sempre que se verifiquem despedimentos; 3) Criação de novos empregos com a ajuda dos países socialistas; 4) Criação de um estatuto que regulamente as actividades das empresas multinacionais; 5) Mobilização do sector; 6) Readmissão dos trabalhadores despedidos.

Foi também aprovado um aditamento no sentido de ser levantada uma inspecção às empresas para saber quais os trabalhadores afectados por doenças profissionais e que essas empresas garantam o futuro desses mesmos trabalhadores.

CURSOS DE FÉRIAS

LICEAL — COMPLEMENTAR — INSTITUTOS
ADM. UNIVERSIDADE
EXAMES AD HOC

EXTERNATOS
Marquês de Pombal — Rua Morais Soares, 93 — Tel. 82 02 21/83 46 58
Álvares Cabral — Aven. Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tels. 70 69 74/5

COMISSÃO DE APOIO ÀS PME

Uma corrida contra o desemprego

2 000 casos em 8 dias

Após pouco mais de uma semana de actividades a Comissão de Apoio às Pequenas e Médias Empresas tem já cerca de 2000 casos para estudar, alguns deles apresentados por grupos de industriais que decidiram solicitar estudos conjuntos dos seus problemas, embora sem objectivos de concentração. O trabalho decorre em ritmo acelerado na tentativa de encontrar as melhores soluções, e evitar que a afluência de pedidos venha a provocar o bloqueamento dos serviços.

Numa primeira observação verifica-se enorme receptividade e esperança da parte dos pequenos e médios empresários para esta iniciativa do Governo Provisório que poderá, quando bem interpretada, evitar uma situação de verdadeira catástrofe em muitas empresas de razoáveis possibilidades mas estranguladas por uma conjuntura económica ameaçadora. Essas empresas, segundo um estudo de Eugénio Rosa publicado numa das nossas últimas edições, ilustrada com elementos estatísticos do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, representam 98,6 por cento de todas as empresas nacionais e ocupam 52 por cento dos trabalhadores. Estes valores fornecem uma ideia clara da importância das pequenas e médias empresas, e do que elas significam no contexto actual. Permitem também perspectivar o que resultaria, em termos políticos, da sua ruína, espectro que há muito tempo vem já ameaçando os pequenos e médios industriais de certos sectores.

INDÚSTRIAS MAIS AFECTADAS

A Comissão de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, facultou à reportagem do «DL» a recolha e análise de todos os dados de que já dispõe e que permitem apresentar aos nossos leitores uma imagem relativamente exacta da forma como este serviço está a funcionar e da situação geral de muitas indústrias, embora, conforme já referimos, a actividade dessa comissão se reporte ainda a muito poucos dias.

As indústrias de confecções, malhas, têxteis, vestuário e calçado parecem ser, neste momento, as que se encontram envolvidas em maiores dificuldades, mais de ordem económica do que técnica. Era precisamente nestes sectores que se praticavam os salários mais baixos e onde os trabalhadores eram mais explorados. A imposição de um salário mínimo nas indústrias em que a incidência do valor da mão-de-obra sobre o custo final do produto manufacturado é elevado originou, em alguns casos, agravamentos importantes. Se juntarmos a tudo isso a subida das matérias-primas, uma baixa na conjuntura económica, as dificuldades operacionais junto da banca e, em muitos casos, uma gestão deficiente, ficaremos com uma ideia do «pântano» em que o despacho do Ministério da Coordenação Económica foi encontrar a maioria dessas empresas.

Observou também a Comissão de Apoio às Pequenas e Médias Empresas que no sector metalo-mecânico há muitas empresas queixando-se da dificuldade em cumprir os contratos colectivos, especialmente as indústrias mais modestas, que por vezes são indústrias quase artesanais. Os salários originaram os problemas mais prementes pelo facto da maior parte das pequenas e médias empresas terem estruturas financeiras débeis, tanto pela sua própria constituição como sobretudo pela falta de apoio específico.

O INSTITUTO DE APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

As primeiras medidas do despacho do Ministério da Coordenação Económica foram de natureza financeira mas estão já estudadas outras para alargamento do âmbito do programa de apoio às PME, nomeadamente para cobrir as áreas do comércio, indústria hoteleira e serviços. A experiência já colhida pela Comissão ajudará a redefinir sectores e a encontrar medidas para resolver problemas de muito curto prazo destinada sobretudo às empresas mais válidas.

No decorrer desta troca de impressões a Comissão de Apoio às PME revelou-nos algumas das dúvidas com que se debate. Uma delas é saber como poderão ser mantidas as empresas em mais precárias condições enquanto não forem encontradas as soluções convenientes. Deixá-las cair significa desemprego, com todas as suas consequências de natureza social. Aguentá-las é defender empresas sem condições. Para além do estudo dos problemas ao nível técnico há opções políticas a fazer que transcendam a frieza dos números. O próprio ordenamento territorial também não facilita as soluções.

Em muitos sectores industriais as empresas encontram-se tão dispersas que o encerramento de algumas, mesmo que houvesse possibilidades de integrar os trabalhadores noutras, tornava essa integração difícil por obrigar à deslocação forçada de famílias das localidades onde nasceram ou se haviam fixado.

Os membros da Comissão revelaram-nos que a ideia é portanto encontrar soluções que sejam o menos teóricas possível mas que respondam aos problemas que são postos. Por outro lado, até esta fase, têm estado a pensar nas empresas existentes mas é preciso pensar em criar outras. **Uma coisa são problemas de hoje que as empresas enfrentam; outra coisa é sentirmos que temos de encontrar soluções que sirvam para a sua vida futura.**

Esta ordem de problemas poderá encontrar resposta no Instituto das Pequenas e Médias Empresas que vai ser criado dando continuidade à Comissão, pois esta tem determinado um período de existência curto.

Neste momento o desemprego é a preocupação dominante da Comissão empenhada a todo o custo em evitar, por todas as formas possíveis, o encerramento de quaisquer empresas, seja a que pretexto for, desde que não haja possibilidades práticas imediatas da sua reconversão. A experiência que diariamente os responsáveis estão adquirindo é importante para acelerar as medidas que possam ser tomadas porque neste objectivo a rapidez é uma arma fundamental. Trata-se dizem-nos de **uma corrida contra o tempo e o desejo de não cometer erros irreparáveis**. Erros terão no entanto que existir e terão que aceitar-se. Só não cometem erros os organismos que não funcionam e se limitam apenas a uma existência burocrática.

A POSIÇÃO DAS GRANDES EMPRESAS

Ao que consta os potentados não se conservaram numa atitude de neutralidade em relação às pequenas e médias empresas. Alguns pronunciaram-se já, no sentido de uma política proteccionista das PME, que será traduzida em apoio financeiro e em subcontratos para fornecimentos vários. Haverá sinceridade nisto ou trata-se apenas de um problema de técnica e estratégia capitalista? Bastará perguntar quem são as grandes empresas para termos a resposta. Nem sequer será necessário considerar que esses apoios financeiros e subcontratos colocam as pequenas e médias empresas na dependência das grandes empresas em matéria de mercados e preços. Daí até à absorção, eliminando concorrentes, ainda que modestos, é um passo. Este é um ponto que a Comissão não deixa de ter em conta.

Neste momento a atitude da banca perante o programa de apoio às PME é de receptividade e sabe-se que a maioria dos bancos está a transmitir ordens nesse sentido aos seus balcões. Não podem porém evitar-se os conflitos de perspectiva capitalista com os casos de natureza social. Vejamos como funciona, na prática, o apoio às PME. Exemplo tipo: uma empresa com cerca de 80 trabalhadores e situação financeira fraca. O problema é aguentar a empresa com base em factores de ordem económica e social. A banca não está preparada para resolver estes casos pois surgem problemas de garantia. Um aval da Comissão de Apoio às PME será a parte final do processo depois de um estudo prévio da empresa. Até agora ainda não estão concluídos quaisquer processos porque a Comissão tem apenas alguns dias de actividade mas este é o esquema de funcionamento.

As medidas de ordem financeira determinadas podem solucionar já muitos problemas. Havia pequenas empresas que forneciam partes para as grandes mas ficavam muitos meses à espera de receberem o dinheiro. O despacho do Ministério da Coordenação Económica determina que ao fim de 30 dias as grandes empresas ou pagam ou aceitam letras. No caso de fornecimentos para o Estado este passa uma declaração que permite mobilizar fundos junto da banca. Esta é obrigada a descontar (na parte que diz respeito ao Estado) e tem instruções «para ser receptiva» às outras operações. Nota-se já hoje, em alguns bancos, segundo fomos informados, o aparecimento de muito papel a prazo relativamente curto, o que não era habitual, e que talvez demonstre o funcionamento do sistema.

Numa análise sujeita a correcção parece ser do Norte do País que se situam neste momento os maiores problemas. O ponto de vista da Comissão é encontrar soluções globais para os problemas, e que sejam de aplicação automática.

Um dos casos mais curiosos surgido até agora à Comissão de Apoio às PME diz respeito a duas fábricas da região de Aljustrel com cerca de 50 trabalhadores, uma das quais com capital totalmente estrangeiro. Os patrões deixaram de ter interesse no negócio e retiram-se entregando-as aos trabalhadores. Estes querem ensaiar autogestão mas começam a sentir o problema de ter uma empresa nas mãos. Para além da produção há todos os outros aspectos ligados às vendas, distribuição, gestão financeira etc.. que eles de momento não se sentem capazes de dominar, surgindo a perspectiva do desemprego. O esquema apontado para este caso pela Comissão foi enviar uma equipa do Instituto Nacional de Investigação Industrial para estudar o assunto.

Os pedidos de apoio chovem de todos os pontos do País provenientes de pequenos industriais válidos que tentam desesperadamente a sobrevivência, mas outros revelam apenas a inviabilidade de certas empresas, que todavia, por imperativos de ordem social, não podem desaparecer.

AUGUSTO VILELA

Reuniões de trabalhadores estudantes

. Estão marcadas para hoje as seguintes reuniões:

. Em Lisboa: **Operários da Construção Civil**, no Centro Republicano José Estêvão, na Alameda das Linhas de Torres, 232, às 20; **Movimento Ecológico Português**, na Rua da Boavista, 15, 2.º, **Empregados Bancários**, no Clube Atlético de Campo de Ourique; **Profissionais de Escritório da Indústria Metalúrgica**, na Rua do Alecrim, 46, 1.º, às 21; **Vendedores de equipamento de escritório, desenho, industrial, fotografia e cinema, indústria hoteleira e similares**, na Avenida da República, 29 e **Delegados do Ensino Médio e Superior**, na Rua das Gaivotas, 6, 1.º às 21.30.

Na Marinha Grande: **Agentes técnicos de engenharia que exercem actividade em Leiria**, no Sindicato dos Operários da Indústria Vidreira, às 21.30.

Encontro dos Serviços Municipalizados

Delegados dos Serviços Municipalizados e das Federações de todo o País reúnem-se em Aveiro, no próximo domingo, pelas 14 horas.

Este encontro nacional, que decorrerá na garagem dos Serviços Municipalizados de Aveiro, na Rua da Infantaria 7, tem a seguinte ordem de trabalhos: eleição da comissão e estudo do estatuto das Federações e Serviços Municipalizados; forma de integração sindical do pessoal dos Serviços Municipalizados e das Federações; e estudo dos diversos problemas que afectam este sector da Administração.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

CARTA AOS AMIGOS DO "CINÉFILO" SOBRE OS MALES DO REINO

Entreguei a António Pedro Vasconcelos, no dia 18 de Junho, uma carta dirigida à Redacção comentando alguns aspectos da política ideológica da revista após o 25 de Abril. Esta entrega foi feita na presença de João César Monteiro e de Eduardo Geada, que, dado o problema do tempo e do espaço, sugeriu que no último número de **Cinéfilo** fosse suprimido o Cartaz dos Espectáculos para dar lugar à publicação do meu texto, caso tal fosse necessário. António Pedro Vasconcelos, chefe de Redacção da revista **Cinéfilo**, não pôs qualquer dificuldade objectiva à publicação da carta, embora tudo levasse a supor que a não apreciava demasiado. Verifico, com espanto, que o derradeiro número da revista não inclui a minha carta.

Acrescente-se que avisei António Pedro de que de modo algum publicaria a carta fora das páginas do **Cinéfilo**, desde que houvesse possibilidade de nelas o fazer.

Como não houve, recorro a outros lugares — lamentando, não que António Pedro tenha recusado a publicação deste texto, mas o modo incorrecto como na prática o fez.

E.P.C.

Lisboa, 18 de Junho de 1974

Amigos

O número 36 do **Cinéfilo** tem ampla matéria para reflexão. Começa pelo texto de Marx relativo à Censura, passa pela troca de cartas sobre uma anterior carta minha e culmina com as respostas a uma nota de Alvaro Guerra. Assinalemos, portanto, o essencial:

a) Não me irei referir ao «caso Álvaro Guerra», porque me excede por completo.

b) Acho grave que se cite um texto de Marx, com data de 1842, ignorando por inteiro o seu sentido histórico, omitindo qualquer referência cronológica (como se o texto total de Marx constituísse homogeneamente uma autoridade) e baseando toda a argumentação (?) da parte do **Cinéfilo** numa palavra em comum: a palavra «censura». Procedimentos deste tipo arriscam-se a ser considerados mistificação intelectual — o que seria desagradável.

c) Não me refiro, claro, ao «caso Ançã Regala», obviamente encerrado; anoto apenas que a minha opinião **concreta** sobre o caso estava lá e bastava saber ler...

Aproveito, pois, o ensejo, para reflectir em voz alta, **e em estreita camaradagem,** sobre as questões que na realidade nos ocupam e preocupam, como o recurso a Marx o documenta. Avancemos metodicamente.

I) O senhor André de Oliveira e Sousa, referindo-se à minha carta anterior, faz a seguinte afirmação: «Trata-se de facto de um texto defendendo a Censura, o que é tanto mais surpreendente vindo de quem vem».

Para evitar surpresas passadas, e sobretudo futuras, convem que elucide os meus pontos de vista:

a) Referi-me apenas a um caso respeitante **ao domínio da Informação.** Não fiz qualquer referência a questões de limitação de expressão no plano da produção cultural. Esta distinção afigura-se-me importante.

b) Referi-me ao caso nos próprios termos propostos pela nota do **Cinéfilo,** procurando mostrar o que neles havia de contraditório; não significa isto que aceite tais termos para análise efectiva do problema.

c) Disse anteriormente, em depoimento ao **Expresso**, que seria ingénuo supormos que os principais órgãos de Informação, uma vez abandonado o controlo fascista, iriam entrar alegre e despreocupadamente nos campos puros da Verdade. E acrescentei então que um meio de Informação **é sempre um instrumento ideológico e uma arma política,** e que o critério de avaliação de uma ideologia não é a sua verdade ou falsidade, mas a sua **justeza** ou **não-justeza**. Sobre a noção de **justeza**, recordo **La Maladie Infantile du Communisme** (V. Lénine, **Oeuvres Choisies,** Editions du Progrés, Moscovo, 1968, vol. III, p. 352), onde Lenine, ao enumerar o que cimenta, controla e apoia a disciplina do Partido Revolucionário do Proletariado, indica em terceiro lugar: «E a justeza da direcção política realizada pela vanguarda, a justeza da sua estratéga e da sua táctica políticas, desde que as massas estejam convencidas dessa justeza pela sua própria experiência».

d) Parece-me fácil concluir que, na medida em que existe neste momento a ideologia expressa de um Programa do Movimento das Forças Armadas e a política de um Governo Provisório que o executa, é da mais elementar eficácia política que o Movimento das Forças Armadas e o Governo Provisório orientem **essas terríveis armas políticas** que são os principais meios de Informação. Se o Movimento das Forças Armadas e o Governo Provisório o não fizerem, isso constitui **erro político** de consequências imensamente graves. E é isso que se deve exigir ao Movimento das Forças Armadas e ao Governo Provisório. Pretender exigir o contrário é simplesmente **combater o Movimento das Forças Armadas e o Governo Provisório.** Porque não podemos solicitar-lhe eficácia em determinados campos da prática política e ineficácia noutros.

e) Só aqueles que, por ignorância política ou fascismo dissimulado, não põem a questão nestes termos podem ter a candura ou a perversidade de virem falar **em termos de censura.** Trata-se de **assegurar a coerência ideológica** da linha política que orienta determinados meios de Informação. Toda a coerência **escolhe e exclui**; só por isso é **coerência.** Falar em «censura» é pura mistificação em que o **Cinéfilo,** tem por vezes caído.

f) Quando o Movimento das Forças Armadas pegou em armas criou a responsabilidade de **pegar em todas as armas:** as da Informação também. E nós, homens de cinema que criticámos o cinema-verdade, proclamando que **não há factos objectivos** (um facto é uma abstracção, só a sua interpretação o determina e concretiza) **nem imagens inocentes,** teremos agora o despudor de vir defender uma televisão-verdade ou uma rádio-verdade?...

II) Fingindo ignorar que os principais meios de Informação são armas decisivas no combate em que nos empenhámos, alguns vêm argumentar em nome da «total liberdade de expressão». Escrevi-o, e quero repeti-lo, **que se trata de um mito.** Primeiro: porque em nenhuma sociedade, seja por uma Censura institucionalizada, seja por uma Censura de ordem económica ou simbólica, existe uma liberdade de expressão **total** (a propria ideia de «totalidade» é um fantasma filosófico — como Freud explicou). Segundo: porque numa sociedade em transição, como a nossa, segundo um processo político extremamente vacilante, equívoco e difícil, a total liberdade de expressão seria, para além de mítica, **criminosa.** Terceiro: porque basta vermos televisão, ouvirmos rádio ou lermos os jornais para verificarmos que a extrema-direita e grande parte da direita não têm neste momento qualquer expressão pública, **e ainda bem** (mas, segundo o **Sempre Fixe**, o general Galvão de Melo recebeu cerca de 20 000 mensagens de apoio...). Se a total liberdade de expressão é um mito, a quem serve o mito?

A resposta é simples: a certos grupos pequeno-burgueses de verbalismo esquerdista.

Teria sido bom que entre um Hitchcock e um Straub, a gente no **Cinéfilo** lesse um pouco de Maquiavel, até porque de Maquiavel a Lenine a distância não é grande. Para Maquiavel, a política é **um jogo de forças e ardis.** Quando se perde a força perde-se a liberdade, nota Maquiavel, mas acrescenta que por vezes o ardil compensa a força que se não tem.

De forças temos nós ouvido falar quando nos dizem que uma análise da situação implica uma análise **da correlação de forças.** Temos ouvido menos falar de **ardis,** porque aqueles que os usam são suficientemente ardilosos para não o dizerem.

Que sucede então? Muito simples. Acontece que os homens do Movimento das Forças Armadas e do Governo Provisório têm neste momento a **força** suficiente para controlarem e orientarem os principais meios de Informação. Acontece ainda que os grupos esquerdistas não têm neste momento a força política suficiente para intervirem nos principais meios de Informação.

Não tendo a força, a que recorrem? A um ardil. E que ardil? O mito da total liberdade de expressão.

Quando o **Cinéfilo** tomba no ardil, é por inocência ou por esquerdismo? Confesso que ainda não entendi. De qualquer modo, surpreender-me-ia que fosse por um esquerdismo até há bem pouco tão dissimulado...

III) Li no n.º 33 do **Cinéfilo** outro texto de Marx (que suponho que em breve fará parte da lista dos colaboradores), precisamente aquele muito conhecido onde se diz: «As ideias da classe dominante são as ideias dominantes em cada época; ou, por outras palavras, a classe que exerce o poder material dominante na sociedade exerce, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante». O texto é de 1845 e pertence à **Ideologia Alemã**, obra de ruptura, que se define mais pela rejeição do que pela conceptualização, e que é necessário citar com cuidado. É provável que uma teoria da ideologia que tenha em conta as relações sociais ideológicas e os aparelhos que as materializam se não encontre ainda na **Ideologia Alemã.** Mas isso por agora não interessa muito. Interessa-me mais que, páginas adiante **(L'idéologie allemende,** Editions Sociales, p. 76), se possa ler: «pode-se dizer, por exemplo, que no tempo em que a aristocracia reinava era o reino dos conceitos de honra, de fidelidade, etc., e que no tempo em que reinava a burguesia era o reino dos conceitos de liberdade, igualdade, etc.».

Aqui pasmo. E eu que, pela leitura dos jornais, julgava que a **liberdade** e a **igualdade** eram o progressismo extremo, e vejo agora que são conceitos burgueses! Aprendo a ver que nenhuma palavra tem um só sentido e que o sentido a atribuir às palavras é lugar de guerra **e de luta de classes!** No **Materialismo e Empiriocriticismo,** Lenine combatia o idealismo «velado por uma terminologia pretensamente materialista», o «idealismo vestido em termos marxistas». O que linguisticamente se pode dizer é que o sentido de uma palavra depende da formação discursiva em que se insere, e que esta depende de uma formação ideológica e de uma posição de classe.

Mas aceitando provisoriamente a afirmação esquemática de que as ideias dominantes são as ideias da classe dominante, pergunto-me: quais serão **neste momento** as ideias da classe dominante, se em tudo o que leio, vejo e ouço, só encontro ideias da mais pura democracia e do mais exacerbado espírito revolucionário?

Resta, portanto, através de uma análise política e ideológica, verificar **quais as ideias da classe dominante que neste momento se vestem em termos marxistas.**

A resposta parece-me simples: as ideias dos grupos pequeno-burgueses de verbalismo esquerdista.

Poderia exteriormente justificá-la do seguinte modo:

a) se a esmagadora maioria dos estudantes portugueses é de origem burguesa;

b) se a Escola é, como alguns dizem, veículo da ideologia dominante;

c) que estranhos mecanismos sociológicos explicam que certos grupos que se dizem «a vanguarda do proletariado» sejam na sua maioria constituídos por estudantes (ou por ex-estudantes canalizados para o jornalismo)?

Mas julgo preferível analisar os métodos de actuação destes grupos:

a) O 25 de Abril veio suscitar entre nós a manifestação de um intenso **imaginário de esquerda.** Defino por **imaginário de esquerda** toda uma série de mitos, fantasmas e enunciados parcelares que, devido à sua inconsistencia discursiva, se afirmam por uma coerência neurótica. Ora este **imaginário de esquerda** só indirectamente tem que ver com a ciência marxista; tal como o sentimento revolucionário não assegura por si só uma táctica revolucionária (veja-se, sobre este ponto, Lenine, **Oeuvres choisies,** tomo III, p. 384). Mas que significa este proliferar de um imaginário de esquerda? Significa, por um lado, o modo como o fascismo provocou um **desejo de revolução;** significa, por outro lado, o modo como o fascismo **despolitizou** aqueles

Continua na página seguinte

DISCURSO TARDIO À MEMÓRIA DE JOSÉ DIAS COELHO

Éramos jovens: falávamos do âmbar
ou dos minúsculos veios de sol espesso
onde começa o Verão; e sabíamos
como a música sobe às torres do trigo.

Sem vocação para a morte, viamos passar os barcos,
desatando um a um os nós do silêncio.
Pegavas num fruto: eis o espaço ardente
do ventre, espaço denso, redondo, maduro,

dizias; espaço diurno onde o rumor
do sangue é um rumor de ave —
repara como voa, e poisa nos ombros
da Catarina que não cessam de matar.

Sem vocação para a morte, dizíamos. Também
ela, também ela a não tinha. Na planície
branca era fonte: em si trazia
um coração inclinado para a semente do fogo.

Morre-se de ter uns olhos de cristal,
morre-se de ter um corpo, quando subitamente
uma bala descobre a juventude
da nossa carne acesa até aos lábios.

Catarina, ou José — o que é um nome?
Que nome nos impede de morrer,
quando se beija a terra devagar
ou uma criança trazida pela brisa?

EUGÉNIO DE ANDRADE

CARTA DOS AMIGOS DO CINÉFILO

Continuação da página anterior

em quem provocou um desejo de revolução.

b) Como se manifesta este **imaginário de esquerda?** De múltiplas maneiras. Assim:

— Quando o **Cinéfilo** me responde (n.º 34) que, se não queremos que a democracia «se transforme num arremedo», não queremos que nos venha a acontecer aquilo que George Orwell mostra num livro, e que é que «todos os homens são iguais mais mas há uns que são mais iguais que outros...», temos de perguntar: se todos os homens fossem **hoje** iguais, que significaria um projecto socialista? Se todos os homens fossem **hoje** iguais, que significaria a luta de classes? O **Cinéfilo** confunde o fim com os meios e, na medida em que Hegel dizia que a impaciência é querer o fim sem querer os meios, o **Cinéfilo** faz da impaciência teoria, e reduz a teoria a imaginário de esquerda...

— Quando o **Cinéfilo** me responde (n.º 34) que na minha carta se repetem «slogans» políticos vigentes **academicamente,** o **Cinéfilo** tem o provincianismo de pensar que a oposição académico/ não-académico tem qualquer pertinência política, sem ver que apenas interessava a uns e a outros saber se as afirmações em causa **eram justas ou não-justas.** Que se passa? Transfere-se para o plano político um critério de ordem cultural: qualquer intelectual tem medo de ser académico; aquele que escreve em termos políticos só se pode rir de tais critérios, que apenas servem o imaginário de esquerda: a irreverência e a imaginação no poder para que todos sejamos irreverente **e imaginariamente** revolucionários.

— Quando (veja-se a carta de André de Oliveira e Sousa, mas não só) se fala de qualquer posição de **autoridade** como inevitável regresso ao fascismo, isto é puro imaginário de esquerda, que esquece um importante texto de Engels: «Todos os socialistas estão de acordo com o facto de que o Estado político e, com ele, a autoridade política desaparecerão na sequência da revolução social futura, isto é, que as funções públicas perderão o seu carácter político e se transformarão em simples administrações zelando pelos verdadeiros interesses sociais. Mas os antiautoritários pedem que o Estado político autoritário seja abolido de uma só vez, antes mesmo que sejam suprimidas as condições sociais que o fizeram nascer. Reclamam que o primeiro acto da revolução social seja a abolição da autoridade. Será que estes senhores já viram uma revolução? Uma revolução é certamente a coisa mais autoritária do mundo, é o acto pelo qual uma fracção da população impõe a sua vontade à outra por meio de fuzis, baionetas e canhões, meios autoritários por excelência; e o partido vitorioso, se não quer ter combatido em vão, deve continuar a dominar com o terror que as suas armas inspiram aos reaccionários. A Comuna de Paris ter-se-ia mantido um só dia se não tivesse usado da autoridade de um povo em armas contra a burguesia? Não se deverá criticar que ela tenha feito tão pouco uso da autoridade? Das duas uma: ou os antiautoritários não sabem o que dizem e, nesse caso, apenas semeiam a confusão, ou sabem, e, nesse caso, traem a causa do proletariado. De qualquer maneira, servem a reacção ou sabem, e, nesse caso, traem a causa do proletariado. De qualquer maneira, servem a reacção» (Engels e Marx, **Le parti de classe. III. Questions d'organization,** Petite Collection Maspero, Paris, 1973, p. 52).

— Quando Fernando Lopes fala a propósito de «Alvaro Guerra e a sua corte» de «um novo fascismo» e de «nova classe dominante» utiliza, **sem qualquer rigor teórico,** e por mero interesse polémico, expressões que são sugestivas para um imaginário de esquerda.

c) Quais as principais características dos grupos esquerdistas? A pressa e o masoquismo. Os estudantes vivem entre a burguesia de onde vêm e a burguesia para onde vão: têm pouco mais de cinco anos para fazer a revolução... Os estudantes têm de se afirmar como o lugar decisivo da luta política; como o lugar da luta política não é neste momento o lugar estudantil, os estudantes têm de compensar a sua frustração por um masoquismo em que teorizam o seu fracasso e exaltam o seu radicalismo. (Refiro-me, é claro, a grupos minoritários de estudantes que se dedicam ao activismo pseudo-revolucionário).

d) Como actuam estes grupos? Não tendo a **força** para intervirem decisivamente na cena política, eles utilizam um **ardil: servem-se do imaginário de esquerda das massas despolitizadas e da ingenuidade do esquerdismo latente dos intelectuais apolíticos para compensarem a sua escassez de força. Porque o esquerdismo é a posição política espontânea dos intelectuais apolíticos.**

IV) Resta a questão decisiva.

Enunciemo-la: não estaremos nós a defender medidas e comportamentos justificáveis numa sociedade em transição para o socialismo, mas injustificáveis numa democracia burguesa? Não será melhor acabarmos com as ilusões e reconhecermos que estamos em ideologia burguesa?

Assim perguntam. Assim respondemos: a ilusão mais divulgada é a de que os outros têm ilusões.

Que não há ilusões mostra-o um editorial do **Avante:** «o Governo Provisório não é um Governo «operário e camponês», nem um Governo de «frente popular», nem sequer um «Governo de esquerda», apesar de nele estarem representados os Partidos Comunista e Socialista».

Ilusões, nenhumas. Mas é tudo uma questão de análise política: se considerarmos que, dada a correlação de forças, esta é **a via para a democracia popular,** e a **única** via possível, temos de defender desde já a via para a democracia popular **como se fosse já a democracia popular ou a sociedade socialista.** Questão de análise política, que a história decidirá. Mas não nos peçam que sejamos incoerentes em relação às análises políticas que fazemos.

Daí que eu não entenda, e honestamente o diga, como os amigos do **Cinéfilo,** se limitam, sem se identificarem com qualquer posição política, a ver quem cumpre bem e quem cumpre mal «as regras de um jogo democrático». Deram agora em árbitros? Será porque correm com facilidade o campo de ponta a ponta? As palavras, vimos, têm sempre uma marca de classe, e não se pode falar «em nome das regras de um jogo democrático» sem elucidar **a posição de classe da democracia** que se defende. Nem em nome da liberdade, nem em nome da igualdade...

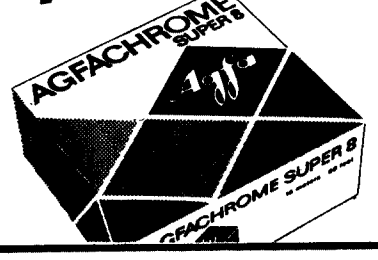
Para que se não possa concluir à maneira de Engels: ou os amigos do **Cinéfilo** «não sabem o que dizem e, nesse caso, apenas semeiam a confusão, ou sabem, e, nesse caso, traem a causa do proletariado. De qualquer maneira, servem a reacção».

Com toda a amizade e camaradagem do

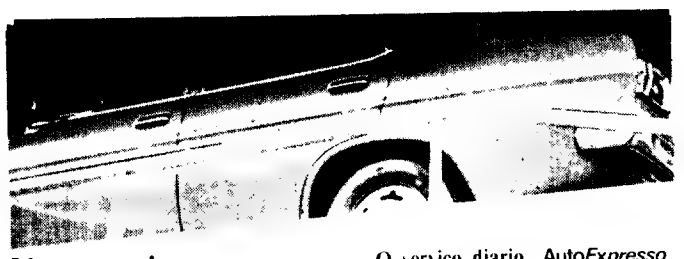
EDUARDO PRADO COELHO

filmar filmar filmar

neste verão com o novo AGFACHROME SUPER 8



Agfa AGFA-GEVAERT



Nao se prive dos seus fins-de-semana

Leve o automovel consigo

O serviço diario AutoExpresso Lisboa-Porto-Lisboa transporta-o a si e ao seu carro

Informe se nas estações e agências de viagem

Caminhos de Ferro Portugueses

poli

Esta câmara fotográfica de bolso, da mais avançada técnica, ocupa o espaço dum maço de cigarros e faz fotografias como Você nunca pensou.

(Pequena... mas ambiciosa!...)

As mais representativas inovações da técnica fotográfica estão contidas nesta mini-câmara...
As suas fotos competem em qualidade com as obtidas por câmaras de muito maior porte e preço.
Filme-cassetes 110. Obturador electrónico e controlo de exposição automático.
E,a alta qualidade MINOLTA - uma garantia.
MINOLTA AUTOPAK - DE BOLSO, uma grande pequena máquina fotográfica.
Pequena... mas ambiciosa.

Minolta

AUTOPAK - DE BOLSO

2 modelos : AUTOPAK 50 - objectiva ROKKOR 26mm-F8
AUTOPAK 70 - " " 26mm-F3,5

Representantes Gerais para Portugal:
HITZEMANN & C.ª L.DA PORTO - R. SA DA BANDEIRA, 520/526 - TELS. 22135/6 - 36301 * LISBOA(1) - R. FILIPE FOLQUE, 2C e D - TELS. 59788/9 * COIMBRA - PR. DO COMÉRCIO, 88 - TELF. 28738

BROTHER

Máquinas de tricotar

uma sensacional criação japonesa. Veja todas as máquinas, e antes de decidir, peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPORTO

R. Rodrigues Sampaio, 193
Telefone, 20238 — PORTO

Em Lisboa:
R. dos Anjos, 21-A—T. 532251

Intervenção crítica

Fernando Luso Soares

ESTAMOS NO VENTO de Fernando Namora

A questão das relações entre a «literatura» e o «real» pode ser posta de várias maneiras, segundo diferentes ângulos e perspectivas Em Todorov, por exemplo (como se sabe) ela conduziu o estruturalista à análise da narrativa fantástica (aqui «o fantástico», o não-real, representava o risco do desbordante) Seja no entanto como for, a verdade é que normalmente o mundo da narrativa é o da ficção, segundo regras próprias Desbordante de tal mundo deverá ser, neste caso, a realidade científica E, neste sentido, o texto mais recente de Fernando Namora — «Estamos no Vento», que ele subintitula «narrativa literario-sociológica» — parece à primeira vista acarretar certas contradições metodológicas que a muito boa gente causarão engulhos

A estrutura tentada por Fernando Namora em **Estamos no Vento** é facilmente identificável. Estrutura complexa, diga-se desde já. No campo do propriamente narrativo enquadra-se aquilo que reflecte toda uma história (crónica do real) de pequenos acontecimentos, quotidiano relativamente aos netos do escritor, e também uma multiplicidade complementar de pequenas estórias ou efabulações. No domínio do tipicamente ensaístico coloca-se, intermediamente, a análise sociológica do comportamento das mais jovens gerações. Mas uma constante de síntese desde logo capta o leitor: — a atracção de Namora pelo problema teórico (conjunto de posições ou teorias sociológicas), se bem que directamente inflectida sobre os casos de material humano (vivência imediata) que vários inquéritos revelavam. Os dois tipos de discurso que este livro nos representa — o discurso científico e o discurso literário — não se repelem. Conjugam-se. Aliás, creio que a posição de Fernando Namora neste caso é bem a seguinte: — mais do que fazer obra de ciência ou de literatura, procura ele dirigir a luz da sua reflexão deambulante sobre o leitor (tantas vezes) desprevenido. Seria incorrecto pensar-se que a «incursão sociológica» realizada nesta obra, que se declara narrativa, viola a unicidade do texto literário.

O leitor pegará então desprevenidamente em **Estamos no Vento** Pensará que vai usufruir um texto de exclusiva ficção. Desde logo, porém, começa a perceber que Namora o enleou numa armadilha eloquente. Aqui se encontra, pelo menos para mim, um dos melhores méritos desta narrativa. O processo realizado pelo escritor colhe, eficazmente, o leitor para um texto verdadeiramente cultural — ou, melhor dizendo, autenticamente didáctico.

Caminho legítimo, este?... E por que não?!...

O romance moderno nasceu no momento em que Proust, Joyce e Gide anularam a ordem cronológica, «misturando» passado, presente e futuro. Uma atitude paralela, afinal, àquela que na pintura levou à eliminação do espaço e, por exemplo, no teatro nos conduziu à relatividade cénica. Mas, se falo neste problema da génese do romance moderno, é precisamente para, com a vista o mais alongada possível, admitir que a narrativa também moderna possa ultrapassar as relações concretas «texto-personagens». Isso, aliás, vem acontecendo, pelo que não constitui novidade. O que verdadeiramente **Estamos no Vento** nos revela de novo é um discurso ensaístico (sociológico) — logo, cientificado — que procura infiltrar-se eficazmente nas pessoas, superando a abstracção própria, típica, do discurso científico por meio de pequenos episódios das relações concretas que no tempo se vieram estabelecendo entre o escritor e os seus netos (estes últimos, elementos de uma juventude que dia-a-dia se renova).

Eis, portanto, um discurso ensaístico carnificado pela experiência vivida directamente. Fernando Namora escreve «sociologia» ao sabor da sua vivência familiar, na escola das gerações englobadas. **Estamos no Vento** constitui, assim, simultaneamente um documento de autocrítica, uma acção prática do escritor, a efectivação de um dizer activo. Este livro realiza um acerto com o tempo, nas palavras do autor «um frutuoso meio de permanecer dinâmico», «pôr-se em causa incessantemente», enfim, um «gosto de ir em diante agindo, já que o fazer modifica o ser, reconstruindo-o, reanimando-o».

Estamos no Vento, para além das reticências mais ou menos agudas que possa criar no espírito dos obsoletos puristas de uma arte «pura arte», coloca em estreita relação estes dois instrumentos de significação superestrutural da realidade-base: — a «arte» e a «ciência». A págs. 10 Fernando Namora escreve assim, dirigindo-se à juventude nascente (crescente) de um dos seus netos: — «A verdade é que dia-a-dia nos sentimos mais desorientados perante vós, as vossas angústias, os vossos apelos, as vossas recriminações. Não sabemos o que estará certo quanto ao vosso e ao nosso comportamento. Sabemos, isso sim, que queremos saber e queremos tentar, mesmo aquilo que se voltará contra nós (pois quando se vive uma época não se pode escolher apenas o que nos agrada), mas, frequentemente, não conseguimos ir além da especulação».

O remédio contra este vício de abstracção, de idealismo inconsequente, que de forma tão vulgar fere, condiciona, quando não até mata o escritor mais bem intencionado, só pode ser o do apoio da ciência. Aliados, portanto, os dois referidos meios de captação do real, por muito que este facto possa escandalizar, e decerto escandaliza, os tais puristas da literatura-literatura-literatura. **Estamos no Vento** apoia-se em inquéritos científicos, designadamente num de tipo médico-social há anos efectuado sobre as causas, a génese, as manifestações e as consequências do «provotariato» (súmula ou cúmulo dos movimentos contestatários e protestativos juvenis). O texto de Fernando Namora refere-se repetidamente a Gérard Vincent, Lévi Strauss, Saburo Okita, Gérard Mendel, Edgar Morin, Charles Reich, Marcuse e Léon Velluz, entre outros.

A propósito deste último, escreve Namora: — «Léon Velluz, que é cientista (e seria de aconselhar que os letrados convivessem mais com a ciência, propiciadora de uma lastro formativo com outra solidez), tem observado que...» E Namora prossegue em termos que não importam directamente aqui. O que me importa é antes realçar esta relevância que a ciência deve ter para o artista de hoje. No que respeita ao teatro, permitir-me-ia até recordar as teorias de Brecht para a realização de uma dramaturgia (científica) própria da nossa era científica. E estou a recordar também as observações feitas por Desné, em «Balanço de um Inquérito», na revista «La Nouvelle Critique», n.º 130, Setembro de 1961, onde o articulista chamava a atenção para um facto moderno. Este consistia na circunstância de muitos artistas (pintores e romancistas na grande maioria) se considerarem hoje «em condições de concorrer com os sábios na elucidação do real» (sic). bo de referir, permita-se-me a transcrição de uma pequena passagem de Desné. «De outra maneira que o cientista diz-se no aludido «Balanço» —, ele (o artista, o escritor) é também sábio. Isto mesmo significa que o desnível entre o conhecer e o sentir, a diferença do conceito e da emoção, esta dualidade da ciência e da arte, que a burguesia entretém (mantém) desde há tanto tempo, não a desejam mais nem os escritores nem os artistas plásticos».

Para Fernando Namora a juventude é o mundo que se refaz. Na sua fusão com a parte ficcionista deste texto, o levantamento sociológico resulta numa espécie de história de estórias: — «O que vou contar-vos, Gui, é também uma espécie de estória dos que querem continuar a viver» (conforme se diz a págs 21). Mas **Estamos no Vento** significa-nos, ao mesmo tempo e até por isso mesmo, uma ideia de fluidez que nos agrava a perplexidade. A págs 32-33 justifica Namora, desta maneira, o título do seu livro: — «Todavia, quer rebelando-se contra a pobreza ou contra a fartura, pregando o abandono **hippy** ou a acção subversiva, o que é deveras eloquente é a revolta, o sentirmo-nos dentro do vento, por ele aturdidos, sobressaltados, impelidos a voltar o rosto noutra direcção. Estamos no Vento. «Estamos actualmente naquilo a que se chama o vento», assim se exprimiu Hein Verkerk, um dos responsáveis do departamento da Municipalidade de Amesterdão dedicada ao acolhimento dos jovens errantes».

Um facto, na verdade, parece evidente. Sejam os jovens ou racionalistas, ou niilistas, ou construtores ou destruidores, todos comungam nessa atitude de sedição a que se refere Namora, manifestada contra as fórmulas bloqueadas e bloqueadoras, contra a mentalidade que as enforma. Trata-se, a meu ver, de

PINTURA POPULAR

DO INTERESSE DO SEU EST
EM HISTÓRIA DE ARTE

1 Quantas vezes os estudos que entre nós se publicam no domínio da história da Arte, inebriados pela mancha áulica e monumentalidade augusta de certas obras consideradas «eruditas», deixam no esquecimento as produções humildes (mas pitorescas e representativas no seu encanto espontâneo) dos artistas anónimos de filiação regionalista e popular!

Texto de
VÍTOR
MANUEL SERRÃO

Arte popular: «Calvário» (Santo António das Areias)

Esta tendência unilateral, e vincadamente imbuída de reaccionarismo, tem aliás sido tónica da moderna historiografia crítica da Arte que se faz no nosso país (com honrosas excepções). A preferência pela produção grandiloquente de erudição estilística (em qualquer período epocal da nossa História) tem sido evidente; singela, simples e modesta embora, a herança artístico-espiritual dos homens do Povo é de uma importância fundamental no estudo da história da Arte, já que é produto marcado, ao mesmo tempo, pelos ecos das «modas» estéticas adoptadas nos grandes centros urbanos, e pela sua interpretação simplista e castiça, livre das petulâncias formais e de certas regras fixas que condicionam o trabalho dos considerados «grandes Mestres».

A arte popular, longe de ser como alguns gratuitamente supõem em fenómeno colectivo e agregado, tão-só, ao campo etnográfico (onde terá, contudo, braços de raíz...), é «obra de alguns como reflexo e concretização do sentir comum», como oportunamente escreveu Fernando de Castro Pires de Lima, na introdução à série de três volumes «*A Arte Popular em Portugal*» (edição da Fundação C. Gulbenkian, s/data); «carece do universalismo da arte pura, a qual, produto de cultura superior, e, portanto, com a razão a servi-la, é entendida em toda a parte como o poliglotismo da Ciência».

Se muitas das vezes a arte popular nos surge como inconsciente produto artístico, de repetitiva «motivação» decorativa e de temário estático e restrito (caso dos grosseiros «ex-votos» dos Séculos XVI, XVII e XVIII, isto para nos limitarmos ao campo da pintura, que é o que por ora nos interessa focar), habitualmente é o resultado de uma peculiar interpretação de correntes ideológicas em moda, apenas tratadas de uma feição menos académica e mais livre, como resultado de uma problemática socio-económica diferente. É uma pintura que, como escreveu o prof. Robert C. Smith, «seduz porque vem directamente da vida do povo e fala com a força de autenticidade e a vitalidade perene da arte popular» (*Colóquio/Artes,* n.º 6, Fevereiro de 1972, pág. 61).

A pintura populista portuguesa, isto é a pintura que foi produzida nos pequenos centros urbanos e lugarejos regionais, é uma interpretação muito castiça, simplista e, muitas vezes, bela, que resulta de todo um fenómeno de assimilação e estilização. Assimilação livremente elaborada a partir de ecos que têm, como não poderia deixar de ser, origem «erudita» ... e estrangeira! Estilização com base na aceitação e repetição da monótona iconografia tradicional. Uma elaboração artística sujeita portanto a condições socioeconómicas muito diferentes e, por isso mesmo, sujeita a um tratamento técnico e temático mais de acordo com a tradição e «habituações» localísticas, e mais fora do reaccionário «academismo» imposto pelo «meio» aos artistas, nos grandes centros urbanos.

2. Estudarem-se determinados aspectos da gramática pictórica de alguns «pintores de cidade» e verificar-se a predominância dos mesmos aspectos nas obras regionais e populistas que sofreram naturais influências dos referidos mestres, eis um interessantíssimo trabalho a levar a cabo, com resultados imprevisíveis mas da maior utilidade, decerto, para a nossa história de Arte.

Tomarem-se determinadas linhas de influência estrangeira (gravuras flamengas e italianas, por exemplo) que condicionaram estética e formalmente a arte de muitos artistas de Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, etc; e cotejarem-se, esses «ecos» nas produções regionalistas, que muitas vezes são interpretações livres e sintomáticas, eis um exame comparativo cuja utilidade na consciencialização (por nossa parte) de certos problemas da mentalidade coetânea dos artistas se me afigura importantíssima.

Perguntar-se-á então: pois as pinturas de inspiração popular, aparentemente tão toscas e inestéticas, interessarão mais para a história de Arte que as consideradas *obras-primas* dos grandes pintores eruditos? Pois haverá *mais arte* nhentistas da Igreja de São Vicente do Pigeiro (Évora), por exemplo, que nas de um Nuno Gonçalves ou de um Gregório Lopes? É evidente que não! Queremos dizer, sim, que a história de Arte das várias épocas *não tem* de ser necessariamente compartimentada em grupos desnivelados de obras, de que umas (as «eruditas», pois então!...) merecem ser admiradas em desfavor de outras que, por não possuírem nem grandiloquência, nem pompa, nem serem produto da grande história (encomendas régias e episcopais, etc.), são arreigadas para os planos do «sem valor» e do esquecimento.

Em qualquer período histórico, todas as peças produzidas por *artistas,* sejam eles das cidades ou dos campos, têm vultuoso interesse para um estudo consciencioso e profundo das «mentalidades estéticas» coevas. Isto é um ponto assente Porque a estrela da «Arte» não é resíduo do meio económico político, social, citadino, burguês... (como o não é também, evidentemente, do meio popular, por si só!). *Sempre que o lado universal, e tangível, da tragédia idealista dos homens encontra equivalente com a expressão formal, de maneira a reproduzir toda a eternidade que existe numa religião que é conscientemente sentida, numa vida que é conscienciosamente assumida, estamos perante autênticas obras de arte.*

Obras de autênticos *artistas.*

3. De entre um numerosíssimo lote de quadros portugueses, de várias épocas, que utilizaram numa linguagem formal, simplista e popular a iconografia oficial e a estética utilizada nos centros eruditos, escolhemos alguns painéis, todos tábuas do final do Século XVI, que expressam bem a visão geral apresentada. Escolha consciente, dado o vocabulário icono-estilístico que estes painéis permitem inferir e cotejar.

Mais uma vez se impõe uma chamada para a urgente necessidade de se levarem a cabo exaustivos inventários artísticos que cubram a totalidade de Portugal, de maneira a podermos mais seguramente aprofundar estes domínios e seguir estudos de cotejo com maior facilidade.

Os quadros populares com que se documenta a visão global explanada pertencem à Igreja de Santo António das Areias, no Alto Alentejo, e à Igreja de Ceira, no concelho de Coimbra.

4. Santo António das Areias é um pequenino lugar situado junto às faldas de Marvão, não longe da fronteira com a Espanha, bem dentro da pobríssima zona interior da Península que se denomina «Raia de Portugal». Região de charneca tristonha e monotonia singela e árida, dela saíram alguns dos tipos humanos para o romance «Velhos», de D. João da Câmara, ao tempo empregado na construção do ramal de Cáceres. O agreste e abrupto da montanha casa-se com a secura do solo e a falta de condições de subsistência, num amargo conluio que vitima os habitantes (tanto no Século XVI como agora) e convida à emigração (menos no Séc. XVI que no nosso século...). O historiador Luís Keil dedicou em 1942 algumas linhas à singela mas curiosa Igreja Matriz, de invocação de Santo António, no seu *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre* (pág. 97).

É neste templo que estudei, em Agosto de 1972, penduradas nas paredes altas da nave, duas características pinturas populistas a óleo sobre madeira, medindo cada 1,378 m de altura por 0,770 m. de largo.

Figuram dois episódios da vida do orago: «*Santo António pregando aos peixes*» e «*O Milagre Eucarístico*». Dois temas, como se vê, frequentíssimos na iconografia ocidental a partir do Século XIII, amplamente representados em Portugal durante todo o Século XVI (quadros de Vasco Fernandes, Garcia Fernandes, Gregório Lopes, Mestre de São Quintino, etc., etc.). Pois o que se verifica é que, se o desenho das figuras é incorrecto e fruste, hesitante e debilmente perspectivado, se o anónimo artista popular abusa de maneirismos gestuais e de formulário repetitivo, pintado com certa secura, há ao mesmo tempo uma «construção», uma distribuição do *espaço pictórico,* que denuncia um «eco» erudito. Portalegre foi um centro pictórico durante a segunda metade do Século XVI (inúmeros, e ainda desconhecidos, foram os mestres de categoria, todos educados no Maneirismo italianizante, que decoraram as capelas da Sé portalegrense!); a própria aldeia de São Salvador de Aramenha (Escusa), não longe de Santo António das Areias, possui ainda um excelente retábulo de um erudito «maneirista» de cerca de 1590. Não admira, pois, que a iconografia tradicional (por via talvez de gravuras, portuguesas ou espanholas) influenciasse o pintor popular de Santo António das Areias.

Na cena do «*Santo António pregando aos peixes*», se o santo, de pé, é convencionalizado, a hesitante paisagem oferece o seu interesse por ser um trecho onde predominam as secas cores alentejanas, que o estreito rio mal alegra. A cena do «*Milagre Eucarístico*» (alusiva à conversão dos herejes de Bruges, por Santo António, através do milagre que produziu numa mula faminta, que levou a recusar aveia e a adorar, de joelhos, a Hóstia) reflecte melhor as deficiências técnicas do pintor, sobretudo na figura do santo taumaturgo, de rosto inexpressivo e de penejamento grosseiro; mas se o casario fundeiro e as duas figuras de frades são convencionalizadas, oferecem grande novidade o desenho meio naturalista do onagro, o campónio com a saca de aveia a turbante, e sobretudo os dois

ARTE

TUDO

h... es, figurados por dois típicos ...entejanos da época, de ch... s altos de pastorícia co... as largas e descaídas (de ... r interesse etnográfico e ... l), e manta a pender dos ombros.

Na minha visita a este templo, identifiquei ainda mais duas tábuas do mesmo autor populista, não citadas no «Inventário» de L-Keil. Trata-se de um *«Calvário»*. A. 0,932X L 0,736 que pende na parede esquerda da capela-mor e de uma pequena predeles (?) da *Santa Face* (A. 0,305 ... 0,715 m), na sacristia. Os mesmos defeitos dos escorços, desenho duro, ingénuo, simplismo da composição, definem o mesmo anónimo pintor; há porém um certo sentimento dramático no *«Calvário»*, patente na revolta nebulosidade, bem «grecóide», do fundo, a atestar certa interpretação original, apesar de tudo, deste tema tão frequente do martirológio cristão.

Possui ainda a mesma Igreja, num altar da nave, duas tábuas da mesma época, medindo cada 1,380 m. X 0,445 m., figurando *«São Francisco de Assis»* e *«Santo António de Lisboa»*, porém de factura inferior e sem motivos de interesse, para além dos rígidos limites da iconografia oficial.

5) Um outro exemplo pode ser com a tábua da *«Descida da Cruz»* pertencente à Igreja Matriz de Ceira, no concelho de Coimbra. Pintura, muito repintada, que talvez fizesse parte de um disperso retábulo sobre «Paixão de Cristo», tudo nela atesta a composição populista: desenho seco embora vivamente cromático, posições estáticas e hieráticas, rostos e roupagens convencionalizadas (atende-se p. ex. em José de Arimateia, em pé à esquerda, amparando na descida o imperfeito corpo do Cristo.) Mas a composição revela plenamente o jogo «maneirista» dos últimos anos do Século XVI, o que talvez se justifique por influência das oficinas, mais eruditas e educadas, de Coimbra. O jogo das escadas, apoiadas na cruz, é nítida sugestão de uma famosa pintura de Rafael Sanzio, amplamente divulgada pela gravura: a figura de Nicodemus, do alto da escada, com a sua roupagem esvoaçante, é no painel de Ceira *inconscientemente rafaelesco!* O que é muito curioso numa pintura evidentemente «popular», dentro da acepção que demos ao termo...

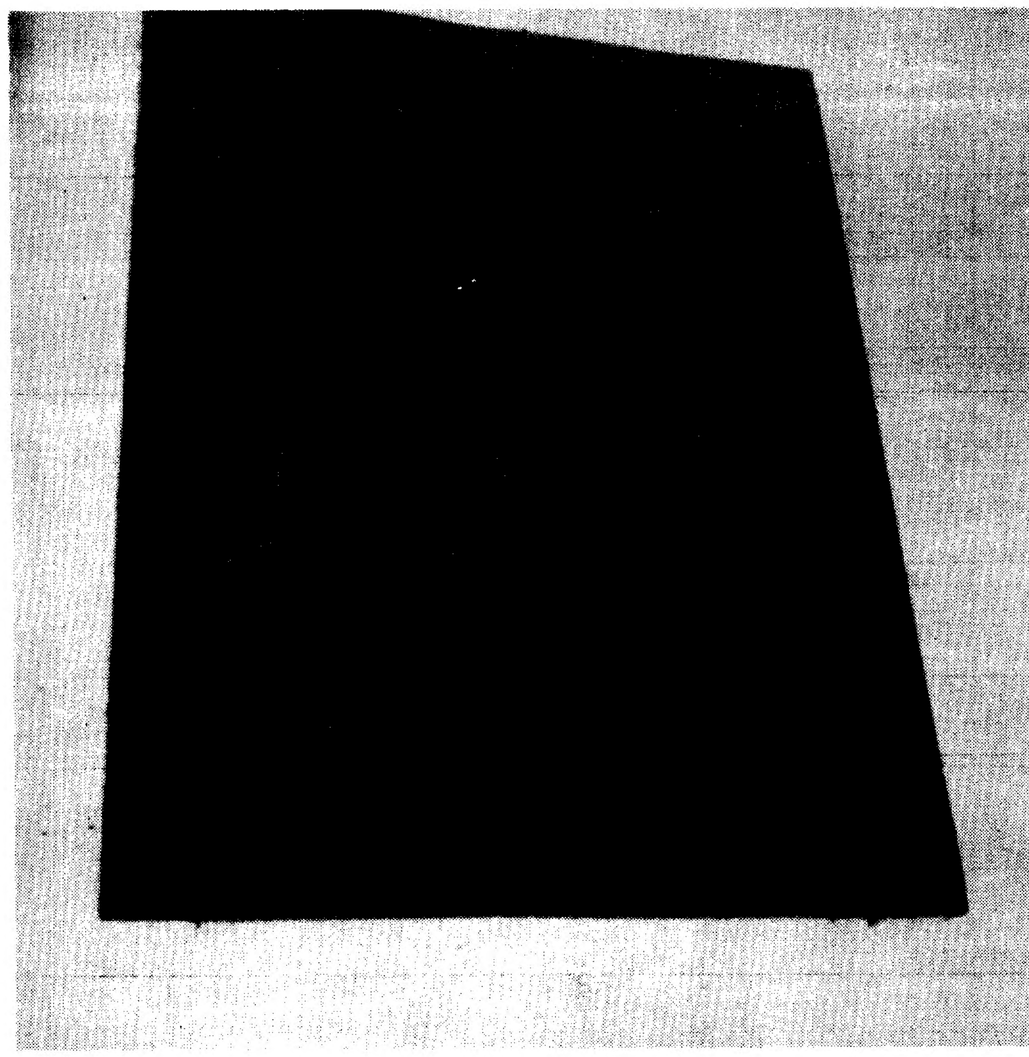
Pinturas como estas obedeciam no Século XVI a precisos princípios geométricos de orientação, através da chamada «secção áurea» (*A sectio divina dos Antigos)* que, inconscientemente ou não (problema que toca mais ao psicólogo que ao teórico de Arte), os artistas eruditos aplicavam. Verificou-o, entre nós, o recentemente falecido prof. Myron-Malkiel Jirmounsky, no fundamental estudo *«Pintura à Sombra dos Mosteiros»* (Lisboa, 1957). Pois o anónimo pintor popular de Ceira, na sua modesta interpretação de um tema eterno da História da Arte, soube também apreender, não apenas o formalismo figurativo do modelo rafaelesco, mas ainda alguns rudimentos da «ossatura» imprimida pelo genial artista italiano, falecido em 1520.

Assim, nota-se na *«Descida da Cruz»* uma interessante linha quebrada, um pouco irregular, constituída: 1) pela diagonal que vai da direita (acima) à esquerda (em baixo), acompanhando o homem na escada à direita e a figura ajoelhada de Maria Madalena; 2) a linha paralela imaginária à diagonal oposta, unindo as cabeças de Arimateia e Madalena, cortando pela «secção áurea» a primeira; 3) pela paralela à primeira diagonal referida, unindo as cabeças de S. João Evangelista e de Maria, que, prolongada, encontra a paralela referida em 2) precisamente no sopé da cruz (centro nevrálgico e irradiante da composição). Isto mostra para já uma «ossatura» erudita, que um artista meio provinciano de feição populista à sua maneira interpretou. Resta dizer que há erros de perspectiva profundos e mal se divisa a «profundidade» da cena, que tem contudo certo dramatismo conceptual.

6) Com os exemplos soltos que se apresentaram, pretendemos deixar saliente — para já! — o alto interesse que para a História da Arte poderá advir se definitivamente nos deixarmos da materializada ideia de que só as obras-primas contam para definir as grandes «correntes». O que mostrámos para certo período do Século XVI com os quadros de Santo António das Areias e de Ceira — apenas por conhecermos melhor este período..., poderíamos decerto fazer para outras quaisquer épocas artísticas.

Com a revolução de 25 de Abril de 1974, que nos libertou talvez definitivamente, a nós portugueses, de um apodrecido regime fascista com características, a nível da cultura, «feudalizantes» (passe o termo ...) temos de começar a pensar em novas vias de investigação. O domínio da Historiografia da Arte está desguarnecido, por motivos de ordem vária incluindo a visão parcelista, reaccionária e desligada da problemática socioeconómica (de que a Arte é sintoma) que lhe deram. Cumpre-nos a nós desbravar as fundamentais searas que, por nunca terem merecido a devida atenção, estão virgens de aproveitamento.

Algés, 17 de Junho de 1974



«Descida da Cruz»: pintura anónima do final do Séc. XVI, meio populista, meio erudita (Igreja Matriz de Ceira)

JORGE LISTOPAD

FICHAS NA MESA

30, 1 — (O novo Luandino Vieira): Antes de tudo, devo dizer que José Luandino Vieira, escritor, português, autor de «Luuanda», premiado pela Sociedade Portuguesa de Escritores em 1965 quando preso, está numa conjuntura específica, numa situação privilegiada. Isto quer dizer simplesmente o seguinte: neste momento, em nenhum outro escritor português vejo concorrer para a sua literatura duas forças tão rigorosamente conjugadas; do popular, do épico, do testemunhal, do comprometido de um lado; do poético, do imaginativo, do criador até linguístico, de porta-voz da modernidade, do outro. Essas duas forças básicas coincidem com o que a conjuntura específica, dos próximos tempos, pode exigir, separadamente ou antes não, da literatura portuguesa. Mas o que é espantoso no caso de Luandino Vieira (até o nome próprio, Luandino, como se estivesse ligado à terra de adopção e do sonho, reais ambos, Luanda) é que não é ele que responde às propostas do tempo, mas antes cria essas exigências, como acontece no seu novo livro «No Antigamente, Na Vida».

Isto dito, estou mais à vontade para louvar o livro em si, livro que até o circunspecto Jacinto do Prado Coelho chamou «milagre», há alguns dias. Lê-se como uma epopeia de longo fôlego, como poema, como bíblia ritmada dos pobres negros, como uma permanente reinvenção da realidade. As três «estórias» do livro são, na sua ossatura, simples, na sua sublime realização, complexas. No mundo hostil e fraterno ao mesmo tempo, os tipos, as crianças ou as crianças na alma, procuram o equilíbrio, «no meio caminho de tristeza e alegria», como se diz num conto do brasileiro Guimarães Rosa, justamente aqui lembrado pelo prefaciador Assis Pacheco. Digo ainda: os contos de J.L.V. estão mais aptos a serem lidos em voz alta que os de Guimarães Rosa, Luandino Vieira explorando ao máximo a força da língua popular e mesclada, o que possui em matizes, em poesia, em expressividade. E, todavia, esse vigor do popular e da sua sublimação recebem um cunho quase vernáculo, clássico. Ao ler as páginas, estamos dentro do jogo da fluidez e do rigor, entre o movimento e a fixidez, entre o heterodoxo e o ordenado, entre o efémero (nunca pitoresco no mau sentido) e o absoluto. Vê-se construir uma colagem móbil, da qual algumas peças se repetem e marcam de maneira lancinante os tempos fortes da vida, no interior das vidas, dos gestos das palavras.

O que é, é. O que é necessário, inventa-se. Assim trabalha José Luandinc Vieira, escritor que não será «o simples nome na parede do tempo».

A ler sem precisar de salvo-conduto. A nadar dentro, sem precisar de bóia. Tenho dito.

30, 2 — (Se bem me lembro, segundo Fellini): Pouco há a acrescentar sobre o filme «Amarcord»; os outros, os que gostaram da última película de Fellini, disseram bastante. Porém, não tudo; explico porque não disseram tudo. Qualquer filme começa a ser grande no momento em que impossibilita ou dificulta as palavras. Escrever um ensaio a sério sobre «Amarcord» (ou os últimos Bergmans) seria fazer outros tantos filmes...

Todavia, eis algumas pobres notas sobre a trindade que rege o filme, isto é, sobre a simplicidade, sobre a comunicação como objectivo e finalmente sobre o curioso e obsessivo dogmatismo desse antidogmático que é Fellini.

A simplicidade. aquela que vem subtilmente da maturidade, da força do olhar, de saber contar o tempo, até cinco, até vinte, aquela que abre a porta a todos os fenómenos sem lhes dar um nome antes de os ter bem observado. A simplicidade que escreve direito por linhas direitas. No caso de Fellini, é o adeus, não ao barroco, integrado organicamente na sua visão desde sempre, mas ao barroquismo e à fellinidade.

A comunicação: a renúncia à retórica, a abstenção do inútil. Máximo no mínimo, no tempo e no gesto. Retratos fiéis em trinta segundos: fotomaton genial, essa galeria dos professores, ou a loucura em cima da árvore. A inteligência adaptada à cultura e à sensibilidade de cada um, sem compromisso, exigente, e mesmo assim maravilhosamente fácil. A comunicação é de tal força que passamos a conhecer a peuqena cidade italiana sem nome de uma época que não é a nossa até esquecer o nosso nome, mas não a distância do tempo e do modo, a ironia crítica.

O antidogmatismo dogmático: Fellini, que se proclama antidogmático, procede em dogmático de ternura. É a ternura que tudo banha, limpa, leva consigo, é a ternura que pode parecer e até injusta, porque não introduz o juízo de valor. Não discerna. Perdoa. Esquece. Niveliza. Poetiza. Esquiva-se. Sinaliza só de longe os abismos. Prevê sempre a morte, o não resistir do tempo. Claro que isso é uma atitude, uma filosofia; por sinal tem dois gumes: pode ser considerada reaccionária, ou antes, algo cansada, senil, já surda à dor aguda, mas pode também ser considerada como de vanguarda, de alguém que já prevê uma sociedade sem classes, sem reino, sem memória do rigor, sem combate, a utopia do depois de amanhã, de pão e rosas, onde o passado e o presente e o futuro vivem simultaneamente.

Sociólogos, antropólogos, estudiosos do fascismo italiano, Abelairas da «Cidade das Flores», actores, cineastas, putinhas, poetas, futuros heróis do passado, eis o vosso filme, onde encontram uma árvore do desespero e uma Gradisca do consolo.

30, 3 — (Achegas para a sociologia da arte): Olhem que eu não sou tão gulbenkiano como isso, nem funcionário da dita Fundação em ex nem futuro nem futuro ex bolseiro e, se frequentemente passo pela Avenida de Berna, é sobretudo por necessidade de ir falar com o Júlio Navarro na Plátano, o conhecedor das artes gráficas e das tascas circunscritas à região. Bom, mas último número da Revista Colóquio-Artes, n.º 17, editado pela Gulbenkian, deu-me um grande e útil prazer. E vai dar com certeza a outras pessoas, e podia dar ainda mais se todos os textos fossem traduzidos na língua habitualmente falada em Portugal. O número é pois quase monotemático: trata da sociologia da arte (esta ciência (?) duplamente movediça) e a sua vocação interdisciplinar, baseando-se no Colóquio Internacional do Centro Pierre Francastel em Fevereiro deste ano. Os autores: Jean-Louis Ferrier, Jean-Pierre Jouve, o nosso bem conhecido Jean Duvignaud, José Augusto França (em francês, por causa do nome?), Nicos Hadjinicolaou, Hubert Damisch, Pierre Thuillier, Galienne Francastel, C. Heitz, M.-A. Muraro, Julián Gállego. Se alguns nomes porventura dizem pouco, por nossa culpa decerto, os textos dizem sempre e balizam o caminho da pesquisa, do qual o malogrado Pierre Francastel foi um dos primeiros iniciadores.

30, 4 — (Estatística): «A Espanha é o país da Europa onde o número de almas condenadas às penas eternas do inferno é o mais baixo», dizia o antigo ministro de informação espanhol, Arias Salgado. Daí se vê que nem todas as estatísticas são (ou eram) subversivas.

Lisboa-Madrid
Madrid-Lisboa

serviço diário AutoExpresso

Lisboa-Madrid de 29/6 a 14/10
Madrid-Lisboa de 28/6 a 13/10

Caminhos de Ferro Portugueses

AS TERÇAS-FEIRAS O JORNAL motor

NOTICIÁRIO

FUNDADA EM VIENA A SOCIEDADE ROBERT MUSIL

Sob o patronato do Chanceler austríaco Bruno Kreisky, e por iniciativa de uma comissão em que figuram escritores, críticos e historiadores da literatura de vários países, foi fundada em Viena a Sociedade Internacional Robert Musil.

Musil é já conhecido do público português através da tradução, editada por Livros do Brasil, do primeiro volume da maior obra do escritor austríaco, o romance «O homem sem qualidades». A Sociedade Musil, com sede em Viena, foi inaugurada com uma exposição sobre a obra e a vida de Robert Musil, e uma série de conferências e colóquios em que participaram o ministro austríaco sr.ª Hertha Firnberg e alguns dos mais conhecidos investigadores da obra do romantismo, como Adolf Frisé (organizador da edição alemã d'«O homem sem qualidades») e os profs. Robert Minder, Joseph Strelka, Marie-Louise Roth, Wolfdietrich Rasch e Helmut Arntzen. Da Comissão que tomou a iniciativa da criação da Sociedade Musil fazem parte, entre outros, os escritores André Malraux, Ignazio Silone e Elias Canetti.

Informações em Portugal podem ser obtidas através do dr. João Barrento, da Faculdade de Letras de Lisboa.

SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

ASSEMBLEIA GERAL ABERTA EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do n.º 1 do art.º 25.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral deste Sindicato para reunir no próximo dia 29-6-74 pelas 14,30 horas na cidade de Lisboa na Voz do Operário, na Rua Voz do Operário, 13 com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Esclarecimento da Direcção sobre a sua actuação no momento actual, e as linhas gerais de orientação que se propõe seguir.
2.º — Informações sobre:
a) Contratação e alargamento de âmbito
b) Delegados
c) Enquadramento
d) Intersindical — Uniões

Se à hora indicada não estiverem presentes a maioria dos sócios esta reunirá em 2.ª convocação meia hora depois no mesmo local com qualquer número de presenças.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Francisco Dias Bernardino

A VISITA A PORTUGAL DE UMA DELEGAÇÃO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ DE QUE FAZ PARTE SIMONOV

Sábado, 29 de Junho de 1974

18.20 Chegada ao aeroporto da Portela, procedente de Paris; Recepção
19.00 Embarque para o Porto. Chegada ao Aeroporto de Pedras Rubras: recepção
20.00 Jantar de confraternização
21.30 Sessão pública, numa sala de espectáculos do Porto, para a qual estão convidadas várias personalidades e representações dos partidos políticos mais representativos.

NB: Nesta sessão serão oradores membros portugueses do Conselho Mundial da Paz, os representantes dos partidos políticos e um representante da delegação.

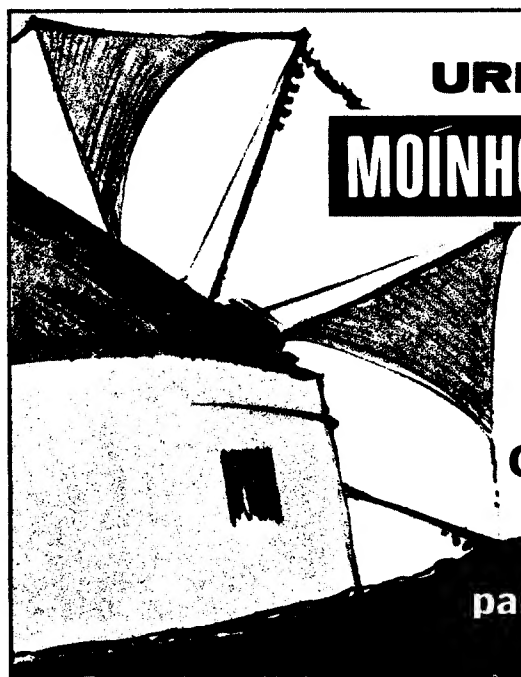
Domingo, 30 de Junho de 1974

10.00 Recepções oficiais
11.00 Passeio turístico e almoço no Porto
14.30 Embarque para Lisboa — Aeroporto das Pedras Rubras (partida às 15.20)
16.00 Chegada a Lisboa ao aeroporto da Portela — conferência de Imprensa
19.30 Inauguração, na Galeria S. Mamede de uma exposição das obras oferecidas pelos artistas plásticos e manuscritos de escritores portugueses cujo leilão se realiza às 22 horas.
21.30 Jantar de confraternização num restaurante de Carcavelos.

Segunda-feira, 1 de Julho de 1974

10.00 Passeio turístico
13.00 Almoço em Colares
16.00 Recepções. A delegação do Conselho Mundial da Paz será recebida por Sua Excia o Presidente da República, por ministros, por secretários dos partidos políticos e, no caso do reverendo Goor, por Sua Eminência o cardeal-patriarca de Lisboa.
21.30 Sessão pública, no S. Luiz, em que estarão representados os membros portugueses do Conselho Mundial da Paz, delegados dos partidos políticos mais representativos, membros da Igreja.

serviço diário AutoExpresso
Lisboa-Porto-Lisboa
informe-se nas estações e agências de viagens
Caminhos de Ferro Portugueses



URBANIZAÇÃO
MOÍNHO DO BALTEIRO
LINDA A VELHA

VARANDAS PANORAMICAS SOBRE O VALE DO JAMOR

uma rua inteira para você escolher a sua casa

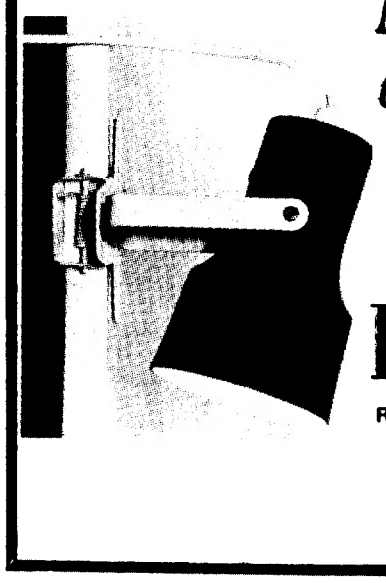
Em Linda-a-Velha sobre a mata do Estadio Nacional precisamente a 950 metros dos «courts» de tenis, temos andares para venda em condições excepcionais. Vista panorâmica sobre o vale do Jamor e o mar. Tranquilidade e ar puro [illegible] Cozinhas [illegible] de luxo.

Esperamos por si no local, no nosso escritório (caravana) das 10 as 13 e das 15 as 19 horas.
Rua Gonçalves Crespo (a Av. D. Pedro V) Linda-a-Velha

Promoção de Congeste
Av. de Roma, 95-3.º Dt.º - Lisboa - Tels 770027 e 764471

RM

QUEIRAM DAR-ME MAIS INFORMAÇÕES SOB A URBANIZAÇÃO MOINHO DO BALTEIRO
NOME.....
MORADA.....



ANETA
CANDEEIROS SUECOS
EM EXPOSIÇÃO
EMELLI
RUA DE SANTA JUSTA 97 - 99
TEL. 327210
LISBOA

Intervenção crítica — Fernando Luso Soares

ESTAMOS NO VENTO de Fernando Namora

Continuação da página três

um cúmulo da espontaneidade oposta ao racionalismo cego de uma sociedade técnica, veiculante lógico de uma cultura despótica que não poderá mais subsistir.

Livro ao mesmo tempo de cativante beleza e de pujante motivação cultural, **Estamos no Vento** contém, no entanto (à evidência), uma ou outra passagem que, tivéssemos nós espaço e o favor da larga paciência do leitor, mereceria longa explanação crítica. A título de exemplo, reparo nesta frase de págs 181: — «E necessário este sempre renovado desentendimento entre gerações, motor da história». Ora, se bem me parece, e salvo o devido respeito, o desentendimento entre as gerações enquadra-se no plano das contradições externas e internas às diferentes classes sociais. A luta entre essas classes, essa luta sim, é que constitui o motor da história. Mas, claro, muito haveria para discutir a este propósito.

1. CAPITAIS ESCANDINAVAS
Partidas de Lisboa — todos os dias

2. TRIÂNGULO TURÍSTICO ESCANDINAVO
Partidas de Lisboa — segundas feiras

3. UMA SEMANA NA ESCANDINÁVIA
Partidas de Lisboa — todos os dias

4. ESCANDINÁVIA E OS FIORDES DA NORUEGA
Partidas de Lisboa — segundas, quintas e sábados

Os programas que o seu Agente de Viagens lhe proporciona em colaboração com

SAS Av. da Liberdade, 258 Tel. 537001

TAP P. Marquês de Pombal, 3 Tel. 539576

4 PROGRAMAS UM OBJECTIVO

ENCONTRO COM A ESCANDINÁVIA

Em 6 e 8 semanas!
de 1 de JULHO a 23 de AGOSTO

CURSO INTENSIVO DE INGLÊS

A CAMBRIDGE SCHOOL está preparando um Curso Especial intensivo da língua Inglesa, para empregados de escritório e outras pessoas interessadas em ficar com conhecimentos da língua
Os horários das aulas são das 20 às 22, três vezes por semana. É de especial conveniência para os alunos que queiram um curso rápido de vocabulário prático e semi-comercial, e pessoas que desejem usar o Inglês no Verão, em Portugal ou no estrangeiro
Inscrições imediatas

Lições individuais

As «lições individuais» estão a tornar-se cada vez mais populares na CAMBRIDGE SCHOOL, onde professores escolhidos e altamente especializados são treinados para cursos intensivos de conversação «face a face».

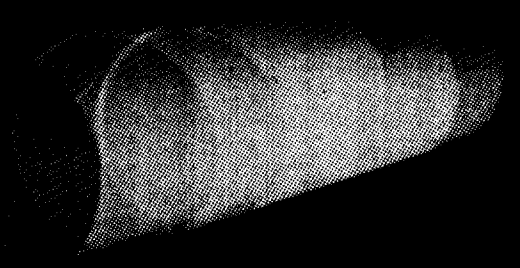
CAMBRIDGE SCHOOL
LISBOA:
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1.º DIR. / TEL. 724544 - 719601
AV. DA LIBERDADE, 173-1.º / TEL. 54780 - 54789
BENFICA:
EST. DE BENFICA, 729-5.º DIR. / TEL. 704329
ALMADA:
R. SOC. FILARMÓNICA INCRÍVEL ALMADENSE, 14-2.º ESQ.
TEL. 2760234.
PORTO:
R. DUQUE DE TERCEIRA, 381-1.º / TEL. 50497

Cursos sob a Direcção Pedagógica de Richard D. Lewis, B.A.
(autor da série TV BBC "Walter and Connie" e dos livros "Reading for Adults", "English You Need", "Cambridge Method", "Linguarama 2000?" etc.

Cursos de Inglês em Inglaterra, em Pall Mall - Londres - para informações, tel. 719601
CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA DURANTE TODO O ANO E CURSOS ESPECIAIS NO VERÃO

Telerube

Da partida à chegada os seus documentos viajam em absoluta segurança, mesmo quando têm de percorrer longas distâncias.



esfera

PROJEL — Projectos de Electricidade, SARL
Rua S. Sebastião da Pedreira, 55 Telef. 53 01 22/3 — LISBOA

Folhetim-artístico de José-Augusto França

O CASO DO HOTEL NUNES EM SINTRA

Há mais de um ano que não ia a Sintra e ter o gosto de lá levar, há dias, um colega francês, trouxe-me um inesperado desgosto. (Há dias não: este folhetim esteve dois meses na gaveta para atender a outras prioridades. Como se o seu tema não fosse prioritário também...).

O Hotel Nunes.

Sintra é um fenómeno cultural de extrema importância no contexto português, imediatamente, e no mais largo contexto do romantismo ocidental, depois. Logo pelos seus monumentos, mas também por uma *imagem* mais complexa e dispersa, que se multiplica e ramifica na estrutura da vila, nos seus palacetes e moradias, e nos caminhos de entremuros e verduras em que de propósito nos perdemos.

O Palácio Real, sem dúvida — (e, nele, os cuidados «datés» de Raul Lino, que tão bem entendeu a necessária estilização que devia ligar a condição do paço quinhentista a uma ilusão nacionalista gerada nos homens de 90, de cujos dignamente foi e é. O Palácio da Pena, evidentemente — em que, graças ao gosto de um rei saxónico e diletante, a erudição possível se casou com outro tipo de ilusão, romântica e teatral, num dos mais belos sítios do mundo. Sítio entendido e privilegiado por uma arquitectura insinuante, de sensível inteligência, vivida algo lendariamente, com ameias, torreões, monstros e rosacruzes. Nesse sítio e com tal arquitectura, não devemos ignorar que se realizou um dos grandes monumentos românticos do mundo; um dos maiores, a par dos Castelos do Reno e dos Castelos do rei-louco da Baviera. Um monumento que aguarda historiador minucioso, atento a valores de uma semiologia arquitectónica tanto quanto às necessidades de uma integração cultural. E que aguarda também um cineasta — como António de Macedo quis ser, quando lá andámos a fazer fotografias e planos, há perto de dez anos. E que espera, sempre, tornar-se no museu do Romantismo que Couto Tavares, conservador do Palácio, lá quis realizar, há mais anos ainda...

Depois há Seteais e Monserrate — monumento neoclássico e monumento exótico, num gosto inglês importado de Brighton e suposto mogol. Depois, há a quinta de S. Sebastião, com a sua rara fachada Luís XVI e os seus autênticos frescos de Pillement. E o palácio estilizado do Valenças milionário; e, de um negreiro famoso, a quinta do Relógio, primeiro monumento de desenho orientalizante, em meados de Oitocentos; e a pequena casa neogótica, à beira da Igreja de Santa Maria, com o seu frontão de marceneiro delirante. E a quinta do Saldanha, com o monumento da Fé. E a do Monteiro-Milhões, neomanuelina em cenário do S. Carlos, que pelo seu cenógrafo Manini foi traçada, em luxo «kitsch» de alto preço. E a Câmara Municipal, do Adães Bermudes, numa degradação «manuelinha», como a própria cadeia, por necessidade ou vício de gosto ajanotado, entre pateta e patético, que a edilidade podia ter, nos princípios infelizes do século XX.

E o Hotel Nunes.

Porque, para além de tudo o mais, num conjunto heteróclito que a Estefânia supôs modernizar, com casino afrancesado do Norte Júnior, bairro novo de burguesia que não fora às tardes da Regaleira nem soubera de Penhas Verdes — há ou havia os hotéis que foram fazendo o século XIX, no quotidiano estival e nas cenas romanciadas. O Victor (com c), o Netto (com dois tt), o Central. E o Nunes.

Por lá andou o Eça de Queirós, facto não só sentimental mas cultural também — que a cultura, como deve saber-se, no sentimento e na memória vivida ou imaginada tem uma das suas raízes mais autênticas. Por lá andámos nós, então, em páginas de livros, ou versos de poemas, de Byron ou de Garrett. Andámos de burro, com espanholas, ou a ver cortezãos, diante de Seteais, ouvimos D. Fernando de Coburgo cantar arias nos adarves da Pena, debruçado sobre o infinito, e espreitámo-lo a descer, por caminhos secretos, ao «cottage» («cottage» — como já ninguém diz, e o vocabulário tem vida e história de cultura) da Edla — que lá está no parque, com cortiça imitada em fingidos de pintura...

Por mim, com isso tudo que pratiquei, lembro-me mais do discurso que fiz a um medievalista eminente e renitente da Sorbonne, no decorrer de um congresso, ao alto da Pena, para o convencer da «autenticidade» do Palácio; e lembro-me do Siza Vieira andando de táxi pelo parque da Pena, a ver e entender. E lembro-me de um almoço com o Jorge de Sena, há muito ausente de Portugal, e com o José Blanc, que depois se ausentaria, de propósito comido no Netto. E recordo-me daquele que o Couto Tavares me ofereceu, há mais anos, quando eu começava a estudar a Pena. Me ofereceu no Hotel Nunes.

Porque é do Hotel Nunes que eu quero falar neste folhetim, por via do desgosto que há dias tive, em Sintra, vendo algo entre o Hotel Central, onde almoçava, e o Hotel Netto, no sítio onde tudo está acontecendo.

Há dois anos, indo almoçar ao Netto e vendo a degradação do Nunes, fechado e mudo, lá me informei do negócio que já se fizera ou ia fazer, e fiquei, à porta do hotel, naquele triangulozinho que tem o sabor real de velha casa com velhos quartos e atenciosa cozinha — olhando o casarão fechado, com o seu ar de meio-do-século, frontão e degraus de escada exterior. E pensando que coisa lhe poderia acontecer, que não prejudicasse Sintra, que não destruísse a sua definição, que não estuporasse a sua *imagem*. Esperançado numa solução inteligente, de rehabitação em restauro ou, ao menos, em discreta integração, luxuosa que fosse, na responsabilidade do sítio, que é a do complexo da praça que se organizou fronteira ao Palácio Real — e o define urbanisticamente, como tais definições se processam, por envolvimento harmonioso, modesto, hesitante, e finalmente certo pelo peso dos hábitos que é um *valor cultural*. Assim se organizou a imagem do coração de Sintra, imediatamente sensível; e assim Sintra viveu no turismo de qualidade que lhe convém. Não querendo evidentemente (ou antes pelo contrário) qualidade dizer carestia internacional.

O novo Hotel Nunes (que «Nunes», ao menos, se não chamará — oh nome sem prestígio cosmopolita ante altissonantes títulos de maior rentabilidade!) está elevando-elevando-elevando a sua estrutura de cimento armado, por detrás do Central e pela frente do Netto. Será boa ou má a sua arquitectura, não sei, nem sei quem a assinou; nem isso no fundo importa — porque, mau ou bom, estará errado onde certo só podia estar o que estava ou algo que o substituisse, numa responsabilidade urbanística e histórica, com seriedade cultural.

Bom ou mau, ele vem alterar a definição, *destruir a imagem de Sintra*, logo no seu local e, depois, nos pontos de vista de onde infelizmente será visto. Com ele, Sintra deixa de ser o que é — ou o que era. Para ser o quê? Ou onde irá ela parar, de destruição em destruição, até que alguém autorize adaptar o Palácio Real a supermercado — visto o Palácio da Pena estar assaz fora de mão?

... A incompreensão manifestada perante os protestos levantados na Imprensa e fora dela, a estulta e impante ignorância com que foram encarados, a falta de cultura e as poucas letras de quem assim procedeu, e importa responsabilizar pessoalmente, por irresponsável que seja — levam a esperar o pior.

MOVIMENTO DA PAZ

SIMONOV VISITA PORTUGAL

Uma delegação do Conselho Mundial da Paz, da qual faz parte entre outras individualidades, o escritor soviético Constantin Simonov, chega a Lisboa no sábado, seguindo imediatamente para o Porto, onde à noite se realiza uma sessão pública.

A delegação regressa a Lisboa no domingo, às 16.30, estando prevista uma conferência de Imprensa no Aeroporto à sua chegada.

Do programa da visita destacam-se a inauguração, nesse dia às 17 horas, de uma exposição de obras de artistas plásticos e manuscritos de escritores portugueses, e uma sessão pública, na segunda-feira às 21.30, no Teatro S. Luis, em que estarão representados os membros portugueses do Conselho Mundial da Paz, delegados dos partidos políticos, membros da Igreja e outras individualidades.

LEILÃO DE OBRAS DE ARTE

Na Galeria S. Mamede (Rua da Escola Politécnica) realiza-se no domingo, a partir das 17 horas, uma exposição de obras de arte e manuscritos de escritores portugueses, oferecidos para o movimento da Paz. Estas obras serão leiloadas na mesma Galeria, a partir das 22 horas.

TURISMO ESTUDANTIL

Delegações em

Lisboa — Rua Fernando Pedroso, 31
— Associação dos Estudantes do IST
— Associação dos Estudantes do ISE
— Associação dos Estudantes de Medicina
Porto — Praça Carlos Alberto, 128-A (UNICEPE)
Coimbra — Rua da Sofia, 73-2.º (UNITAS)
— Couraça de Lisboa, 30 (CADC)

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Tabacaria Loureiro», Avenida 5 de Outubro, 26 SETÚBAL

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Baptista Cardoso. Rua Cândido dos Reis, 12 SESIMBRA

Crítica de Artes Plásticas

INSISTINDO

MUSEU...	
CENTRO...	
OFICINA...	

DE ARTE MODERNA?

Risque o que não interessar, responda o que entender, como entender, e devolva este papel para o jornal, S.F.F.

JOSÉ LUÍS PORFÍRIO